

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE ENFERMAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

Amanda Conrado Silva Barbosa

**Egressos de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora: competências e
inserção profissional**

Juiz de Fora - MG

2018

Amanda Conrado Silva Barbosa

Egressos de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora: competências e inserção profissional

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Enfermagem, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial a obtenção do grau de Mestre em Enfermagem. Área de concentração: Fundamentos Teóricos, Políticos e Culturais do Cuidado em Saúde e Enfermagem.

Orientador: Profº Doutor Fábio da Costa Carbogim

Juiz de Fora - MG

2018

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Barbosa, Amanda Conrado Silva.

Egressos de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora: competências e inserção profissional / Amanda Conrado Silva Barbosa. -- 2018.

108 p.

Orientador: Fábio da Costa Carbogim

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Enfermagem. Programa de Pós Graduação em Enfermagem, 2018.

1. Educação em Enfermagem. 2. Estudantes de Enfermagem. 3. Currículo. 4. Mercado de Trabalho. 5. Competência profissional. I. Carbogim, Fábio da Costa, orient. II. Título.



AMANDA CONRADO SILVA BARBOSA

**EGRESSOS DE ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA:
COMPETÊNCIAS E INSERÇÃO PROFISSIONAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, da Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Enfermagem.

Aprovada em: 29/08/2018

Prof. Dr. Fábio da Costa Carbogim- Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dra. Vilanice Alves de Araújo Püschel
Universidade de São Paulo
1º Avaliador(a)

Prof. Dra. Denise Barbosa de Castro Friedrich
Universidade Federal de Juiz de Fora
2º Avaliador(a)

Dedico este estudo aos meus pais Cimar e Cida e à minha irmã Paula pelo apoio em todos os momentos da minha vida. Sem vocês, nenhuma conquista valeria a pena.

AGRADECIMENTOS

À Prof^ª. Dr^ª. Anna Maria de Oliveira Salimena, obrigada por não me deixar desistir e por ter acreditado no meu sonho. Minha admiração e meu agradecimento nunca serão o bastante, diante da grandeza do seu ato.

Ao meu orientador Dr. Fábio da Costa Carbogim, pela generosidade genuína, doçura e sensibilidade do comando. Obrigada por tornar essa jornada mais leve e pela constante motivação frente aos meus desesperos. Você foi meu mestre em como ser um verdadeiro professor; ensinar também é cuidado!

À Prof^ª. Dr^ª. Denise Barbosa de Castro Friedrich que acreditou em mim e me apoiou sobremaneira, ao entrar no Mestrado. Obrigada por me revelar a educação como universo possível. É nessas terras que pretendo ancorar definitivamente meu barco, a partir de agora.

À Prof^ª. Dr^ª. Vilanice Alves de Araújo Püschel, por aceitar a compor minha banca de defesa e por compartilhar seus conhecimentos, oferecendo contribuições valiosas ao meu trabalho.

À Prof^ª. Dr^ª. Erica Toledo de Mendonça, pelo zelo ao corrigir meu trabalho e pelas contribuições pontuais para a finalização desta pesquisa. Obrigada de coração.

À Prof^ª. Dr^ª. Beatriz Francisco Farah, pelos apontamentos importantes no momento de minha pré-defesa. Esta pesquisa tomou forma a partir do seu olhar cuidadoso e certo.

Aos colegas de turma, minha admiração e meu agradecimento pelo convívio durante esses dois anos. Em especial, agradeço aos amigos que conquistei neste percurso, Tatiane e Ramon. Obrigada pelo cuidado, atenção e escuta. Nossa amizade foi um presente para mim.

Aos integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisas Avançadas em Enfermagem (GEPAE), especialmente as estudantes de iniciação científica, Camila Fernandes e Anna Stephany Santos, durante a realização da coleta de dados deste trabalho.

Ao meu namorado Thiago Fialho, pelo esforço e amor incondicional durante todas as fases do mestrado. Obrigada por permanecer ao meu lado.

À minha tia Regina, sem o seu amparo e cuidado, certamente não chegaria até aqui. Obrigada pela estadia em Juiz de Fora durante esse período.

“A educação é o único caminho para emancipar o homem. Desenvolvimento sem educação é criação de riquezas apenas para alguns privilegiados”.

Leonel Brizola

RESUMO

Introdução: os egressos de enfermagem são importantes atores no contexto político-educacional, trazendo informações relevantes para a análise do processo de formação em saúde. **Objetivo:** avaliar as competências e a inserção profissional dos egressos da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora formados entre os anos de 2005 a 2017. **Método:** estudo exploratório, descritivo de natureza quantitativa, com amostra aleatória envolvendo 216 egressos de enfermagem. Os dados foram coletados no período de agosto de 2017 a abril de 2018, por meio de aplicação de questionário validado, elaborado através da ferramenta de formulários do *Google Docs* com perguntas semiabertas, de múltipla escolha e escalas tipo *Likert* e encaminhados via *e-mail* a 470 egressos. Para análise dos dados aplicou-se frequências absolutas, relativas e média e desvio padrão quando apropriado. Para análise de correlação entre as variáveis qualitativas, teste Qui-Quadrado. Para verificação da confiabilidade e consistência interna do instrumento, Coeficiente Alfa de Cronbach. **Resultados:** a maioria dos participantes era do sexo feminino (88%), com idade entre 26 a 30 anos, média de 29,62. Em relação à cor, 66% se declararam brancos. Quanto ao local de moradia, 56% residem em Juiz de Fora. A maioria (65%) possui vínculo empregatício, 14% trabalham em uma única instituição, 48% começaram a trabalhar seis meses após conclusão da graduação. Quanto à forma de trabalho, 56% atuam na assistência, com 47% atuando na rede pública de saúde, 55% com faixa salarial entre 2 a 7 salários, média de 4,5 salários mínimos e carga horária semanal de 37 a 44 horas. Houve significância entre as variáveis “ano de conclusão de curso” e “emprego na área da enfermagem” ($p < 0,005$). Quanto aos conhecimentos necessários para o exercício da enfermagem de acordo com o preconizado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais de Enfermagem (DCN/ENF), a maioria concordou ter recebido durante a graduação: preparação para exercer atividades inerentes à profissão, assistindo o paciente na sua integralidade, com ética e aplicando conceitos técnicos e científicos no cuidado de enfermagem. **Conclusão:** o estudo viabilizou descrição das singularidades da formação do enfermeiro, da inserção no mundo do trabalho e o impacto para a instituição educacional formadora. Além disso, possibilitou exibir as competências específicas a partir da ótica dos próprios egressos, realizando um paralelo com as DCN/ENF. Acredita-se que o material produzido por essa pesquisa poderá ser utilizado pela instituição de ensino avaliada, bem como por outras instituições, para subsidiar discussões e avaliações das mudanças curriculares.

Palavras-chave: Educação em Enfermagem, Estudantes de Enfermagem, Currículo, Mercado de Trabalho, Competência Profissional.

ABSTRACT

Introduction: Nursing graduates are important protagonists in the political-educational context, bringing relevant information to the analysis of the health training process. **Objective:** to evaluate the skills and professional insertion of the graduates of the Faculty of Nursing at the Federal University of Juiz de Fora between the years 2005 and 2017. **Method:** exploratory and descriptive study, with quantitative approach, with random sample involving 216 nursing graduates. Data were collected from August 2017 to April 2018, through a validated questionnaire, using the Google Docs forms tool, with semi-open questions, multiple choice and Likert type scales and sent via e-mail to 470 graduates. Data were analyzed for absolute, relative and mean frequencies and standard deviation when appropriate. For the correlation analysis between the qualitative variables, Chi-Square test. To verify the reliability and internal consistency of the instrument, Cronbach's Alpha Coefficient. **Results:** the majority of the participants were female (88%), aged 26 to 30 years, mean of 29.62. Regarding color, 66% declared themselves white. As for the place of residence, 56% reside in Juiz de Fora. The majority (65%) are employed, 14% work in a single institution, 48% started working six months after graduating. As for the form of work, 56% work in care, with 47% working in the public health system, 55% with a salary range of 2 to 7 salaries, an average of 4.5 minimum salaries and a weekly workload of 37 to 44 hours. There was a significant difference between the variables "year of graduation" and "employment in the nursing area" ($p < 0.005$). Regarding the knowledge required for nursing practice according to the National Nursing Curriculum Guidelines (NCDs), the majority agreed to receive during graduation: preparation to carry out activities inherent to the profession, assisting the patient in its entirety, with ethics and applying technical and scientific concepts in nursing care. **Conclusion:** The study enabled a description of the singularities of nurses' training, their insertion in the world of work and the impact on the educational institution. In addition, it made it possible to display the specific competencies from the perspective of the graduates themselves, in parallel with the DCN/ENF. It is believed that the material produced by this research can be used by the evaluated educational institution, as well as by other institutions, to subsidize discussions and evaluations of curricular changes.

Keywords: Nursing Education, Nursing Students, Curriculum, Labor Market, Professional Competence.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Caracterização da Trajetória Acadêmica dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da UFJF (n = 216), Juiz de Fora (MG), 2018	554
Gráfico 2 - Distribuição percentual de outras áreas/profissões dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da UFJF (n = 35), Juiz de Fora (MG), 2018.....	58
Gráfico 3 - Distribuição percentual dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da UFJF segundo as áreas de atuação em atividade profissional (n = 149), Juiz de Fora (MG), 2018.	60

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Características sociodemográficas dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da UFJF (n = 216), Juiz de Fora (MG), 2018	54
Tabela 2 - Atividades acadêmicas desempenhadas pelos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da UFJF (n = 216), Juiz de Fora (MG), 2018	55
Tabela 3 - Inserção no mundo do trabalho dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da UFJF (n = 216), Juiz de Fora (MG), 2018.	57
Tabela 4 - Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da UFJF segundo características da trajetória profissional (n = 216), Juiz de Fora (MG), 2018.	59
Tabela 5 – Percepção dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da UFJF, quanto a preparação para o exercício de atividades profissionais inerentes à sua área de atuação, Juiz de Fora- MG, 2018 (n= 216).....	61
Tabela 6 - Percepção dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da UFJF, quanto a preparação para assistir o ser humano na sua integralidade, Juiz de Fora- MG, 2018 (n= 216)	62
Tabela 7 - Percepção dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da UFJF, quanto à preparação para as questões éticas ao exercício da profissão, Juiz de Fora- MG, 2018 (n= 216)	62
Tabela 8 - Percepção dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da UFJF, quanto à preparação técnica e científica, Juiz de Fora- MG, 2018 (n= 216).....	63
Tabela 9 - Percepção dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da UFJF, quanto à preparação para o exercício da cidadania, Juiz de Fora- MG, 2018 (n= 216) .	64
Tabela 10 - Percepção dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da UFJF, quanto à preparação para desenvolver atividades de Educação em Saúde, Juiz de Fora- MG, 2018 (n= 216).....	64
Tabela 11 - Percepção dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da UFJF, quanto à preparação para trabalhar em equipe, Juiz de Fora- MG, 2018 (n= 216).....	65
Tabela 12 - Percepção dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da UFJF, quanto à preparação para realizar atividades de gestão em saúde, Juiz de Fora- MG, 2018 (n= 216)	65
Tabela 13- Criação de índices gerais para os itens que avaliam competências.....	66

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEn	Associação Brasileira de Enfermagem
CEPE	Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CREDEC	Programa de Crédito Educativo
DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
DCN/ENF	Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem
DAU/MEC	Departamento de Assuntos Universitários do Ministério da Educação e Cultura
EEHB	Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo
EEUSP	Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo
ESF	Estratégia Saúde da Família
EUA	Estados Unidos da América
FACENF/UFJF	Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora
GEPAE	Grupo de Estudos e Pesquisas Avançadas em Enfermagem
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação
NDE	Núcleo Docente Estruturante

OEA	Organização dos Estados Americanos
OECD	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OIT	Organização Internacional do Trabalho
PBE	Prática baseada em evidências
PPC	Projeto Pedagógico do Curso
PPP	Projeto Político Pedagógico
PUC	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
SAE	Sistematização da Assistência de Enfermagem
SISNEP	Sistema Nacional de Informações sobre Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos
Sinaes	Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior
SPSS	Statistical Package For The Social Science
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UBS	Unidades Básicas de Saúde
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	16
1 INTRODUÇÃO	20
2 OBJETIVOS	21
2.1GERAL.....	25
2.2ESPECÍFICOS	25
3 REVISÃO DA LITERATURA	26
3.1 ENSINO SUPERIOR EM ENFERMAGEM NO BRASIL	26
3.2 CRIAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA.....	29
3.2.1 Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo - EEHB	29
3.2.2 História da criação do Curso de Enfermagem pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF	33
3.2.3 Projeto Pedagógico e o Currículo do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora.....	38
3.3 FORMAÇÃO E INSERÇÃO PROFISSIONAL DO ENFERMEIRO	42
4 METODOLOGIA	46
4.1 TIPO DE ESTUDO	47
4.2 CENÁRIO E POPULAÇÃO DO ESTUDO	48
4.3 COLETA DE DADOS	49
4.3.1 Instrumento	49
4.3.2 A obtenção dos dados	50
4.4 ANÁLISE DOS DADOS	51
4.5 ASPECTOS ÉTICOS	50
5 RESULTADOS	52
5.1 CARACTERIZAÇÃO DO EGRESSO	53
5.2 CARACTERIZAÇÃO DA TRAJETÓRIA E INSERÇÃO PROFISSIONAL DOS EGRESSOS DO CURSO DE ENFERMAGEM DA UFJF	56
5.3 AVALIAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS REQUERIDAS PARA O EXERCÍCIO PROFISSIONAL, DE ACORDO COM O PRECONIZADO PELAS DCN/ENF.....	60
6 DISCUSSÃO	67
7 CONCLUSÃO	81

REFERÊNCIAS	83
APÊNDICE A - DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA E INFRAESTRUTURA	95
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO ..	97
ANEXO A – TERMO DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UFJF.....	99
ANEXO B - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	103

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O ato de ensinar sempre esteve presente em minha vida, desde a infância. A concepção da educação como um processo emancipatório do homem, capaz de mudar realidades sociais, era algo ideologicamente enraizado em mim. Com o tempo, outra paixão foi crescendo e o interesse pela área da saúde surgiu, fazendo com que eu escolhesse a Enfermagem como profissão.

Ainda na graduação, e seguindo conselhos de professores e de familiares, escolhi o caminho da docência e do ensino na saúde para trilhar. Em minha pesquisa de conclusão de curso, pude vivenciar a realidade das profissionais do sexo de minha cidade e, ao interpretar seus conhecimentos sobre a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis, percebi que, antes mesmo de propor alguma intervenção àquelas mulheres, precisávamos educá-las para a verdadeira promoção à saúde de longo prazo. E foi assim que decidi embarcar nestas águas doces e turbulentas da educação em saúde.

Após a conclusão da graduação, realizei o curso de Especialização *Lato sensu* em Enfermagem do Trabalho, no ano de 2011 e, logo em seguida, recebi o convite para lecionar em cursos técnicos profissionalizantes na área de segurança do trabalho e de enfermagem. Dessa forma, iniciei minha trajetória profissional como professora, experienciando o processo de planejamento pedagógico, curricular e de ensino que a docência abarca. Esse novo contexto ensejou em mim a busca por novos caminhos que contribuíssem para o embasamento de minha prática pedagógica, uma vez que, até aquele momento, eu desfrutava, apenas, do título de bacharel. Nesse sentido, no ano de 2015, concluí o curso de especialização em Formação Pedagógica para profissionais da saúde pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que me proporcionou as bases filosóficas, pedagógicas, teóricas e políticas para uma prática educativa emancipadora.

Concomitante à docência, atuei como enfermeira do trabalho em duas empresas de Medicina do Trabalho, prestadoras de serviços de segurança, ambiente e saúde para empresas contratantes da Zona da Mata. Naquela época, talvez por sentir-me frustrada, já que não exercia a assistência, fiquei por muito tempo, participando de processos seletivos para enfermeira assistencial e em uma dessas tentativas, ingressei em um grande hospital oncológico da região, onde permaneci por pouco tempo, pois precisava me dedicar ao Mestrado e a alta carga de trabalho na área hospitalar não me permitia à conciliação de ambas as atividades. Diante dessa rápida experiência,

convenci-me a dedicar de forma integral à área da educação e, atualmente, atuo como professora substituta do Departamento de Ambiente, Saúde e Segurança do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais – campus São João del Rei.

A vivência profissional como docente despertou-me o interesse em cursar o Mestrado Acadêmico em Enfermagem e para isso, escolhi a Universidade Federal de Juiz de Fora. Após algumas tentativas, ingressei no Programa de Mestrado com um projeto de pesquisa, que visava investigar como uma proposta metodológica problematizadora opera em mudanças na prática pedagógica de docentes do ensino superior em Enfermagem. Infelizmente tivemos recusas importantes nas instituições privadas de ensino que seriam os cenários de coleta e optamos por modificar o foco de investigação.

Assim, já inserida no Grupo de Estudos e Pesquisas Avançadas em Enfermagem (GEPAE), cujo objetivo é o desenvolvimento de estudos e de investigações relacionadas à educação em enfermagem, novas práticas, tendências, saberes e tecnologias da profissão, e sob uma nova orientação, demos continuidade ao projeto de pesquisa preconcebido pelo grupo.

Nosso objetivo inicial de pesquisa consistia em analisar o atual Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora, implantado a partir do ano de 2014, assim como a inserção profissional dos egressos formados pelo PPC anterior, realizando, para tanto, um paralelo entre as dificuldades e as facilidades que esses profissionais se depararam quando se inseriram no mundo do trabalho. Não obstante, à medida que fomos entrando em contato com novos textos disponíveis na literatura nacional e internacional, emergiu o interesse em incorporar a formação do profissional enfermeiro baseada no desenvolvimento de competências profissionais conforme preconizado pelas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem (DCN/ENF).

Por esse ângulo, fundamentada em minhas vivências acadêmicas e em minhas experiências profissionais apresentadas anteriormente, o presente estudo buscou avaliar as competências e a inserção profissional dos egressos da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora – FACENF/UFJF – graduados entre os anos de 2005 a 2017.

Entendemos que conhecer o processo de formação de profissionais enfermeiros, comparando as competências aprendidas durante a graduação com as

requeridas pelos setores empregadores, permite lançar novos paradigmas para a construção de currículos e de projetos pedagógicos ancorados nos princípios dos SUS e das DCN/ENF.

1 INTRODUÇÃO

A formação dos profissionais da área da saúde acompanha as exigências e as demandas do mundo do trabalho e do contexto sociopolítico, ao longo da trajetória histórica do nosso país. A organização curricular das escolas formadoras em saúde no Brasil, com vistas a atender ao modelo biomédico dominante, por muito tempo, contribuiu para uma formação tecnicista, hospitalar e curativa, em detrimento às reais necessidades de saúde pública das parcelas mais carentes da população (FRANÇA *et al.*, 2016; GERMANO, 2011).

Nesse sentido, o mundo do trabalho, em determinadas épocas, valorizou o saber técnico, fragmentado e padronizado, em oposição ao saber crítico e reflexivo, como forma de estabelecer o autoritarismo nas relações trabalhistas. No entanto, percebe-se, na atualidade, um redirecionamento para uma formação que favoreça requisitos atitudinais, como a iniciativa, autonomia, capacidade de resolução de problemas, criatividade, e o domínio de informática e de línguas. Esses requisitos configuram exigências básicas aos futuros profissionais de enfermagem, considerando-se as novas demandas tecnológicas e da transposição de paradigmas profissionais (JÚNIOR-MARTELLI *et al.*, 2016; SANTOS *et al.*, 2015; PÜSCHEL *et al.*, 2017). Observa-se, então, na formação de enfermeiros, a exigência para além das técnicas e das habilidades psicomotoras, ampliando-a para um desenvolvimento profissional baseado em competências (PÜSCHEL *et al.*, 2017; FRANÇA *et al.*, 2016). Destarte, o mundo do trabalho na área da saúde “exige ampliação das competências do trabalhador que proporcionem o aumento da capacidade de tomada de decisão para a resolução de problemas no cotidiano do campo de prática em saúde” (BRANQUINHO, 2012, p. 23).

Entende-se por competência um conjunto de habilidades, conhecimentos, atitudes e valores necessários ao preparo dos estudantes ao longo de sua formação universitária, visando à atuação eficiente em todos os âmbitos e cenários profissionais. Ressalta-se que o sistema universitário europeu está baseado no desenvolvimento de competências pelos estudantes, sejam essas cognitivas, emocionais, sociais ou instrumentais, que são consideradas essenciais ao desenvolvimento de qualquer profissional que irá atuar no mundo do trabalho atual (LIZARRAGA, 2010).

Sob essa ótica, as atuais exigências no perfil de enfermeiros demandam uma formação generalista que embase e proporcione uma atuação em enfermagem resolutiva às demandas em saúde em diferentes contextos, voltados para o cuidado integral, humanista e transdisciplinar, o que possibilitaria impactar efetivamente os indicadores de saúde das

populações (PÜSCHEL *et al.*, 2017; CARBOGIM *et al.*, 2013; MEIRA; KURCGANT, 2016a). Nessa lógica, espera-se, igualmente, que as intuições de ensino de Enfermagem, visando uma qualificação condizente com as necessidades de saúde loco-regionais e nacionais, direcionem o perfil do enfermeiro às exigências do mundo do trabalho, a partir dos seus Projetos Político-Pedagógicos (PPP). Em outras palavras, para além de habilidades técnicas, torna-se inadiável o estímulo às atividades inter e transdisciplinares, ao pensamento crítico, à tomada de decisão e à resolução de problemas, diante dos desafios e das exigências do exercício profissional, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS) (MEIRA; KURCGANT, 2016a; PÜSCHEL *et al.*, 2017; SANTOS *et al.*, 2015).

A perspectiva da construção de uma proposta curricular que promova a autonomia profissional, a inter e transdisciplinaridade, a capacidade de autoaprendizagem e o enfoque integral do ser humano destaca-se entre as prioridades das políticas de formação dos profissionais de enfermagem (FRANÇA *et al.*, 2016). Nesse contexto, o atual desafio para a formação de enfermeiros tem sido integrar os preceitos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que estabelece a reestruturação dos projetos pedagógicos, das metodologias de ensino e da superação do currículo mínimo, bem como a adoção das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) atualizadas, visando à definição do perfil almejado aos egressos, ao ensino vinculado ao mundo do trabalho e ao desenvolvimento de competências profissionais (NETO *et al.*, 2014; PÜSCHEL *et al.*, 2017; BRASIL, 1996; BRASIL, 2001b).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Graduação em Enfermagem (DCN/ENF), instituídas pela Resolução n°. 3, de 07 de novembro de 2001, acompanha essa tendência, que preconiza a formação de sujeitos críticos e reflexivos no atendimento à saúde integral do ser humano, cujo perfil profissional permita-lhes exercer a Enfermagem, com base no rigor científico e intelectual, para atuação no SUS e na educação profissional (BRASIL, 2001a; DRAGANOV; SANNA, 2014).

Diante do exposto, entende-se que o perfil do enfermeiro expresso nas DCN/ENF, isto é, um profissional crítico, reflexivo e adaptável a diferentes realidades sociais, tende a encontrar dificuldades quando inserido no mundo do trabalho cada vez mais competitivo, em que se depara com iniquidades dos serviços de saúde em todos os níveis de atenção (CARBOGIM *et al.*, 2013; MEIRA; KURCGANT, 2016a; SILVA *et al.*, 2016). De acordo com Püschel *et al.*, (2017), pesquisas que versam sobre o ensino da Enfermagem, o processo de formação do enfermeiro e sua inserção no mundo do trabalho tornam-se pertinentes para embasar a tomada de decisão dos gestores frente ao novo cenário educacional, cujo propósito

é a constante adaptação das práticas educativas expressas nos programas curriculares para atender a Política Nacional de Saúde.

Em meio a esses processos de mudanças, e visando atender às novas demandas de saúde da população, o atual Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de graduação da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora (FACENF-UFJF) foi reestruturado e sua implantação vem ocorrendo gradualmente desde 2014. Cabe ressaltar que o PPC da FACENF-UFJF foi elaborado baseando-se nos preceitos da LDB - n. 9.394, de 20/02/1996 e nas DCN/ENF - Resolução do CNE/CES n.3/2001 (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM, 2014).

A necessidade de formulação do presente PPC surgiu com base em um processo de reavaliação do currículo que se iniciou em 2011, a partir da implantação do Núcleo Docente Estruturante (NDE), através da articulação de representantes dos três departamentos da Faculdade (Departamento de Enfermagem Básica, Departamento de Enfermagem Aplicada e o Departamento de Enfermagem Materno Infantil e Saúde Pública). Para a elaboração do presente PPC da FACENF/UFJF, seu corpo docente estabeleceu discussões e parcerias com outros institutos de ensino, além de ter recebido contribuições de especialistas na educação em enfermagem da Associação Brasileira de Enfermagem (ABEn) (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM, 2014).

Nesse sentido, o atual PPC da FACENF-UFJF, atento às necessidades de constantes atualizações, com vistas a uma formação generalista, que promovesse a autonomia intelectual e profissional do enfermeiro, propôs uma reforma ao currículo 1.2012 (1º semestre de 2012), constituído por 4.000 horas, distribuído em nove semestres e cursado em período integral (BRASIL, 2001b; PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM, 2014).

Com esta reforma, o currículo de denominação 1.2015 (1º semestre de 2015) do curso de bacharelado em Enfermagem passou a ter duração de cinco anos, ou seja, dez semestres, com carga horária total de 4.525 horas e realização de estágios supervisionados nos três níveis de atenção à saúde. Através dessa reformulação, é ofertada aos alunos a possibilidade de participar de atividades de extensão universitária, programas de monitoria, treinamento profissional, estágios não obrigatórios, iniciação científica e, ainda, de atividades e de projetos multidisciplinares em outras unidades e departamentos (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM, 2014).

Entretanto, como o currículo 1.2015 (1º semestre de 2015) promoveu a somatória de um semestre em relação ao currículo 1.2012 (1º semestre de 2012), houve a necessidade da

Faculdade de Enfermagem manter os dois currículos paralelamente, sendo aos poucos implementada a nova proposta. Nesse ponto, cabe salientar que ambos os PPC da FACENF foram concebidos a partir dos parâmetros legais das DCN/ENF, da LDB, além de se apoiarem nos fundamentos que embasam a pedagogia universitária (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM, 2014).

O currículo 1.2012 (1º semestre de 2012), que terá carga completa de disciplinas no ano de 2019, ainda não possui nenhuma turma formada. Portanto, ele ainda não foi avaliado na perspectiva do egresso e nem de sua inserção no mundo do trabalho. Assim, como a faculdade vive um processo de transição curricular, permitindo ajustes, torna-se relevante uma investigação que busque compreender o processo de formação, as mudanças e os impactos a partir da ótica dos egressos, nos últimos 12 anos, e que não tiveram contato com as propostas curriculares do novo PPC. Esses dados fornecerão subsídios para uma pesquisa com os egressos do novo currículo, sua inserção no mundo do trabalho e na sua ação profissional, com base nos preceitos das DCN (PÜSCHEL *et.al.*, 2017).

Considerando o destaque da UFJF em formar enfermeiros para a Zona da Mata Mineira e adjacências, a recente reformulação do PPC da Faculdade de Enfermagem e os 17 anos do estabelecimento das DCN/ENF justificam a realização de estudos que versam acerca da opinião dos profissionais enfermeiros em relação à sua formação acadêmica, bem como de sua trajetória profissional. Isto é, investigações que apontem as características dos profissionais inseridos no mundo do trabalho e que proporcionem indagações sobre as competências aprendidas na graduação, com as requeridas no serviço são de fundamental importância para as instituições de ensino, já que esses egressos são o produto de seu trabalho pedagógico (CARVALHO, 2011; BRANQUINHO, 2012; VIEIRA, OHARA E DE DOMENICO, 2016).

Nessa perspectiva, autores como Püschel *et.al.*, (2017); Oliveira, Queirós e Castro (2015) e Missen, McKenna e Beauchamp (2015) apontam para a importância da realização de investigações que busquem a compreensão do processo de formação do enfermeiro a partir da ótica do próprio egresso, permitindo, assim, o aperfeiçoamento e a reestruturação de currículos, em consonância com as demandas loco-regionais e nacionais, tendo como base as DCN/ENF. Ao identificarem as áreas deficientes no processo de formação, a partir das competências requeridas ao exercício profissional, às instituições de ensino tem acesso a informações relevantes, o que possibilita a construção de indicadores de acompanhamento e de estratégias para mudanças. Além disso, a perspectiva dos egressos de enfermagem sobre seu processo formativo permite-nos comparar a preparação teórica e técnica proporcionada

durante a graduação com as exigências e competências vivenciadas no cotidiano profissional.

Destarte, conhecer o perfil do egresso, a inserção profissional, tal como o desenvolvimento de competências profissionais essenciais à prática segura e resolutiva em saúde permitem as instituições formadoras repensar e avaliar o PPC ofertado, a partir de todos os atores envolvidos no processo, dentre eles os próprios egressos, tendo em vista a formação de enfermeiros aptos a atuar em diferentes realidades profissionais (RODRIGUES, CONTERNO e GUEDES, 2015). Alinhando-se a essa percepção, Meira e Kurcgant (2015c) apontam para a necessidade de se compreender as singularidades da formação do profissional enfermeiro, a partir do entendimento das competências requeridas em seu cotidiano de trabalho, o que permite uma reflexão mais acurada sobre a necessidade de cada instituição de ensino possuir um programa de acompanhamento de seus egressos, tornando possível a confirmação da efetividade da formação oferecida durante a graduação, conforme preconizado pela nona dimensão do Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior (Sinaes).

Tendo em vista as considerações tecidas até aqui e reafirmando o papel dos egressos como atores importantes no contexto político-educacional, contribuindo para a análise do processo de elaboração e de implementação das propostas pedagógicas que subsidiam a formação do profissional enfermeiro, destaca-se a relevância da realização deste estudo, que será norteado pelas seguintes questões de pesquisa: quais as competências desenvolvidas no processo de formação dos egressos da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), formados entre os anos de 2005 a 2017? Como ocorreu o processo de inserção profissional?

2. OBJETIVOS

2.1 GERAL

Avaliar as competências e a inserção profissional dos egressos da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora – FACENF/UFJF – graduados entre os anos de 2005 a 2017.

2.2 ESPECÍFICOS

- Analisar as características sócio-demográficas dos egressos da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora – FACENF/UFJF – graduados entre os anos de 2005 a 2017;
- Descrever como ocorreu a inserção desses egressos no mundo do trabalho;
- Avaliar o processo de formação profissional e os conhecimentos necessários para o exercício da enfermagem, de acordo com as competências específicas preconizadas pelas DCN/ENF.

3 REVISÃO DA LITERATURA

A revisão da literatura que alicerça esta pesquisa foi realizada com base nos conceitos relacionados à educação superior em Enfermagem, no desenvolvimento do PPC e do currículo do curso de graduação em Enfermagem, nas competências expressas nas DCN/ENF, sobre a inserção profissional e o mundo do trabalho do enfermeiro.

3.1 ENSINO SUPERIOR EM ENFERMAGEM NO BRASIL

A educação pode ser definida como um processo de humanização. Como descrevem Pimenta e Anastasiou (2014), ela configura-se como um processo que retrata e reproduz a sociedade humana, historicamente construída e em constante evolução. Dessa forma, a educação possibilita que os seres humanos se insiram na sociedade, a fim de criar e de propor resoluções para os desafios que irão surgir em diferentes cenários políticos e sociais. Contudo, é preciso destacar que, além de ser algo inerente à civilização humana e culturalmente repassada, a educação é, também, uma condição fundamental para se alcançar uma maior igualdade social e o desenvolvimento humano, político e tecnológico. A esse respeito, a Constituição Federal, em seu Art. 205, declara que a educação é:

[...] um direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988).

Com a aprovação da LDB, nº. 9.394/96, o papel da educação volta-se ao desenvolvimento do educando, vinculado ao preparo para a prática social e qualificação para o mundo do trabalho. Dessa forma, a educação no Brasil realiza-se a partir da formação por competências, onde o processo educacional deve ser contínuo, mediado pelos educadores e educando, e voltado para as demandas do mundo do trabalho (BRASIL, 1996; FERREIRA e NASCIMENTO, 2017).

A partir das constantes mudanças da sociedade contemporânea, as políticas educacionais são elaboradas a fim de atender as demandas do mundo do trabalho, muitas vezes preconizando uma formação técnica, que não prioriza o desenvolvimento autônomo e crítico pelo estudante. No entanto, exige-se cada vez mais do trabalhador o desenvolvimento de competências, como criar, refletir sobre sua ação, propor soluções e trabalhar em equipe. Com efeito, apesar dos pressupostos requisitados às instituições de ensino, os objetivos educacionais ainda visam atender às demandas do mercado capitalista, cuja finalidade é a geração de maior produtividade e lucro (FADEL, BIALIK e TRILLING, 2015; PIMENTA e ANASTASIOU, 2014; OLIVEIRA e LIMA, 2013).

Nesse sentido, considerando as exigências educacionais e do mundo do trabalho, as Universidades apresentam-se como lócus de formação de profissionais e de produção de conhecimento e de novas tecnologias. Assim, a educação superior caracteriza-se por construir cientificamente e criticamente o conhecimento, através do ensino, da pesquisa e da prática, cujas finalidades são: desenvolvimento da ciência e da técnica, preparação para o exercício de diferentes profissões e apoio científico e técnico para o desenvolvimento cultural, econômico e social das comunidades. Destaca-se, também, o papel político do ensino superior ao socializar o conhecimento, pois possibilita a construção coletiva, a troca de saberes e a ascensão social do homem (PIMENTA e ANASTASIOU, 2014; REIS, PANÚNCIO-PINTO e VIEIRA, 2014; FRANÇA *et al.*; 2016).

De acordo com os dados apontados pela Education at a Glance: OECD Indicators (2015), principal fonte de informações sobre a situação da educação dos países do mundo, o Brasil obteve significativo aumento da população que possui formação superior. Entre os anos de 2009 a 2013, o percentual de diplomados no ensino superior, na faixa etária entre 25 a 65 anos de idade, alcançou 14%. No entanto, esse número encontra-se abaixo da média estabelecida pela OECD, 34%, bem como abaixo de outros países latino-americanos, como Colômbia (22%), Chile (21%), México (19%) e Costa Rica (18%).

Nessa perspectiva, encontra-se o ensino superior na área da saúde, que atento às demandas da população e diante da insuficiência qualitativa de profissionais, procura viabilizar programas educacionais que garantam uma formação baseada em competências, centrada no estudante, valorizando a construção do conhecimento com aprendizagem autodirigida e desenvolvimento do pensamento crítico reflexivo (FRANÇA *et al.*; 2016; REIS, PANÚNCIO-PINTO e VIEIRA, 2014; LIMEIRA, SEIFFERT e RUIZ-MORENO, 2015; MACHADO *et al.*; 2016a).

No que concerne à educação no ensino superior de Enfermagem, desde a sua origem, com a Escola Anna Nery, sempre se instituiu o processo de formação dos enfermeiros, de acordo com as demandas do contexto sociocultural de cada época. Historicamente, o ensino da Enfermagem esteve vinculado a ordens religiosas, com princípios de obediência, disciplina, abnegação, caridade, e centrado no modelo biomédico hospitalar. Atualmente, volta-se para a construção de estratégias pedagógicas que garantam uma formação generalista para o cuidado integral do ser humano, fundamentada em bases científicas, para a promoção da saúde, considerando as especificidades dos contextos individuais e coletivos do processo saúde-doença (GERMANO, 2011; NETO *et al.*; 2014; PAVA e NEVES, 2011).

Como afirmam Galleguillos e Catani (2011), a expansão de cursos superiores em Enfermagem, deu-se principalmente durante a década de 1990, em todas as regiões do Brasil, de forma e com proporções distintas. Em Machado *et al.* (2016a), encontramos dados da pesquisa sobre o Perfil da Enfermagem no Brasil. Os dados apontam que grande parte dos enfermeiros formou-se em instituições de ensino privadas (57,4%) e que a região Sudeste é responsável pela formação de 46,1% dos enfermeiros. Os estados que mais formam profissionais enfermeiros são, respectivamente, os estados de São Paulo (24,6%), Rio de Janeiro (11,1%) e Minas Gerais (10,4%), confirmando a hegemonia regional do Sudeste brasileiro, o que provoca, conseqüentemente, uma escassez de mão de obra em regiões como o Nordeste e o Norte do país.

Em seu estudo, Branquinho (2012) destaca o fato de o ensino superior em Enfermagem acompanhar os princípios políticos e assistenciais preconizados pelo SUS, visando à promoção de práticas inovadoras educacionais para a formação de profissionais enfermeiros. Com a implantação da Lei nº. 9.349/1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e posteriormente com a aprovação da resolução CNE/CES nº 3, de 7 de novembro de 2001, que instituiu as DCN/ENF, possibilitou-se às instituições de ensino superior a organização dos conteúdos curriculares de forma integrada, aliando teoria e prática, a partir do uso de metodologias inovadoras, norteadas pelo ensino por competências, que favorece uma formação crítica, reflexiva, autônoma e capaz de atuar de forma resolutiva para transformar realidades diversas (BRASIL, 1996; BRASIL, 2001a; COSTA *et al.*; 2017).

Nessa perspectiva, para se compreender a formação do enfermeiro egresso, população deste estudo, é necessário caracterizar a instituição de ensino formadora em seus aspectos históricos, sociais e pedagógicos, bem como as mudanças ocorridas na matriz

curricular do curso de Enfermagem, ao longo das décadas do século XX até os dias atuais, a fim de contextualizar a evolução do ensino da Enfermagem no cenário regional e nacional.

3.2 CRIAÇÃO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

3.2.1 Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo - EEHB

A Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo– EEHB, fundada a partir do Decreto Estadual nº 1.751 de 03/06/46, funcionou na cidade mineira de Juiz de Fora até 1978 e deu origem à atual Faculdade de Enfermagem da UFJF, inicialmente implantada como um departamento do curso de Medicina. No ano de 1979, os professores e os alunos da EEHB foram transferidos para a UFJF, sendo o curso de Enfermagem implementado de acordo com o regimento comum para cursos de graduação da Universidade (CASTRO, 1999). Nesse cenário, para melhor compreendermos a história da criação da Escola Hermantina Beraldo e sua posterior integração à UFJF, faz-se necessária a contextualização da evolução do ensino da enfermagem no cenário regional, bem como na cidade de Juiz de Fora, localizada na Zona de Mata Mineira.

Como mencionado anteriormente, no ano de 1946 foi aprovado o Decreto nº 1.751/46 em Minas Gerais, instituindo a reforma do Departamento de Saúde Pública. Nele, regulamentava-se a criação de escolas de Saúde Pública e de Enfermagem, que seriam implementadas com recursos institucionais. Assim, o governador do Estado, Dr. João Tavares Corrêa Beraldo, comprometeu-se a criar a terceira escola de Enfermagem em Minas Gerais. Até a presente data, já existiam no estado duas instituições de ensino na área de Enfermagem, a saber, a Escola de Enfermagem Carlos Chagas, hoje pertencente à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e a Escola de Enfermagem Hugo Werneck, atual Escola de Enfermagem da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC), ambas localizadas em Belo Horizonte. Com a reforma do departamento, o novo secretário de saúde, Dr. Alvino Moreira de Paula, atento ao fato de que o número de diplomados que as escolas de Enfermagem, situadas apenas na capital mineira, era insuficiente frente a demanda do estado, optou por selecionar o município de Juiz de Fora para sediar a terceira escola de Enfermagem de Minas Gerais (ARAÚJO; NASCIMENTO; CALDEIRA, 2004; CASTRO, 1999).

A escolha dessa cidade justificou-se por ela ser, na época, a segunda maior em população do Estado de Minas Gerais e, ainda, por sua localização, isto é, afastada da capital

mineira, podia acolher a crescente demanda de profissionais enfermeiros de outras microrregiões (TOLEDO *et al.*; 2008).

Neste contexto, em julho de 1946, foi oficialmente criada a instituição de ensino Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo – EEHB, sendo inaugurada no dia 8 de março de 1947. Quanto ao nome escolhido, trata-se de uma homenagem em memória póstuma à esposa do Governador de Minas Gerais, Dr. João Tavares Corrêa Beraldo (ARAÚJO; NASCIMENTO; CALDEIRA, 2004).

No que diz respeito ao gerenciamento da instituição, designou-se, devido a sua trajetória profissional e pelo bom relacionamento na esfera política de Belo Horizonte, a enfermeira Celina Viegas, egressa da escola de Enfermagem Carlos Chagas e especializada em Administração de escolas de Enfermagem e Pedagogia aplicada à Enfermagem pela Universidade de Boston, nos Estados Unidos (EUA), como primeira diretora da EEHB, em 29 de junho de 1946. Dona Celina Viegas, como era conhecida, contou com a ajuda de duas enfermeiras, Aracy Sette Câmara, que, posteriormente, veio a ser a vice-diretora, e UMBERLINA Goulart, que atuou como docente e contribuiu para a organização da implantação da EEHB, na cidade de Juiz de Fora. Cabe ressaltar que Dona Celina Viegas, quando chegou à cidade de Juiz de Fora, alugou uma casa situada na Avenida Barão do Rio Branco, próxima à escola, para receber em regime de internato, as futuras alunas do curso de Enfermagem da EEHB (FIGUEIREDO; BAPTISTA, 2009; CASTRO, 1999).

De acordo com Castro (1999) e Toledo *et al.*; (2008) o regime de internato, com características da educação feminina rígida da época imposto às alunas da EEHB, pode ter influenciado na formação das primeiras enfermeiras que foram atuar no mundo do trabalho. Condutas vigentes à época, em que a mulher era moldada desde muito nova para ser obediente e fiel, sendo que qualquer falta ou deslize em sua conduta era imediatamente censurada pela sua família e pela sociedade, era reproduzida no modo de agir das enfermeiras formadas pela EEHB. Dessa maneira, o mundo do trabalho valorizava a adoção de normas e de condutas rígidas na prática da enfermagem, ainda predominantemente feminina, subjugada aos valores masculinos vigentes na sociedade, com características de subserviência e caridade, além de ser subordinada à medicina. Cabe ressaltar que a primeira ficha de inscrição para ingressar no curso de Enfermagem da EEHB solicitava que a candidata informasse sua origem sociocultural, econômica e religiosa, bem como suas habilidades e expectativas pessoais, demonstrando claramente os padrões morais conservadores exigidos na época (CASTRO, 1999). Esse critério era igualmente adotado na escolha e na contratação de novas professoras para a escola. Como apontam Figueiredo e Baptista (2009), as dirigentes da EEHB

valorizavam, no ato da seleção, a posição social e a crença religiosa das candidatas, reproduzindo, assim, o modelo ideal de professora de Enfermagem.

Desde a sua criação, a EEHB seguiu o modelo de ensino da atual Escola de Enfermagem Anna Nery, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), incorporando seus rituais e emblemas. O primeiro processo seletivo para ingressar na EEHB teve 30 candidatas inscritas. No ato da seleção, exigia-se diploma de ginásio ou estudos equivalentes, além da realização de provas de conhecimentos, contendo questões de Português, Matemática, História e Geografia. Para as candidatas aprovadas nessa primeira etapa eram requeridos atestado de sanidade física e mental, vacina antivariólica e exames de sangue (FIGUEIREDO; BAPTISTA, 2009; TOLEDO *et al.*; 2008).

Como ressalta Araújo (2002), a EEHB iniciou suas atividades com duas turmas regulares, a primeira em março e a segunda em julho, no ano de 1947. Ambas as turmas tiveram que aguardar o reconhecimento do curso pelo Decreto nº 28.376, de 12 de julho de 1950, razão pela qual a formatura das duas turmas terem ocorrido juntas. As primeiras enfermeiras diplomadas pela EEHB ficaram conhecidas como “As Pioneiras”.

As aulas práticas e os estágios aconteciam no período da manhã e as aulas teóricas eram ministradas no período da tarde. O turno da noite era reservado para o plantão, onde as professoras supervisoras de estágio cumpriam o regime de 12 horas na função. É pertinente esboçar que juntamente com os conteúdos teóricos, eram ministradas as disciplinas de Administração Hospitalar e Religião Católica. Percebe-se, portanto, a forte influência religiosa na formação e nas condutas das enfermeiras diplomadas pela EEHB (ARAÚJO, 2002; ARAÚJO; NASCIMENTO; CALDEIRA, 2004).

O primeiro currículo da EEHB tinha o objetivo de formar enfermeiras no período de três anos e seguia o padrão proposto pela Escola de Enfermagem Anna Nery. Como descrevem Dan, Canhete e Santos (2014) a Anna Nery, conhecida como escola formadora de grupos de elite, tornou-se referência no cenário educacional brasileiro, sendo as enfermeiras diplomadas consideradas o padrão de excelência na Enfermagem. A exigência de escolaridade mais avançada de suas candidatas colaborou para a elitização da Anna Nery, já que as outras escolas da época, somente exigiam conhecimentos básicos de escrita e leitura.

Cabe acentuar, segundo Araújo (2002), que no ano de 1954, foram reformulados alguns critérios para ingresso na EEHB, com a inclusão de disciplinas no processo seletivo. A prova de seleção para ingressar no curso de Enfermagem passaria a conter questões de Português, Redação, Aritmética, Física, Química, História do Brasil, Geografia e Ciências

Humanas. Além da implantação do novo processo seletivo, houve uma redefinição das estratégias de ensino e dos objetivos do currículo da EEHB.

Com os objetivos redefinidos, nota-se a preocupação com as normas de conduta e com as técnicas prestadas, indicando a visão de caridade atribuída à Enfermagem, além de enfatizar um padrão de comportamento das alunas, o qual era exigido pela sociedade vigente e pelas demais escolas de Enfermagem do país. Nessa direção, Castro (1999) descreve que o primeiro currículo – vigente no período de 1947 a 1961 – era constituído por 40 disciplinas, sendo 18 no primeiro ano de curso, ou seja, Técnica de Enfermagem, Economia Hospitalar, Drogas e Soluções, Ataduras, Higiene Individual, Anatomia e Fisiologia, Histologia, Química, Biologia, Microbiologia e Parasitologia, Psicologia, Nutrição e Dietética, História da Enfermagem, Saneamento, Patologia Geral, Enfermagem em Clínica Médica, Enfermagem em Clínica Cirúrgica, Farmacologia e Dietoterapia. Já no segundo ano, ofereciam-se as seguintes disciplinas: Técnica de sala de Operação, Enfermagem em Doenças Transmissíveis e Tropicais, Enfermagem em Tisiologia, Enfermagem em Doenças Dermatológicas, Sifiligráficas e Venéreas, Enfermagem em Clínica Ortopédica, Fisioterápica e Massagem, Enfermagem em Clínica Neurológica e Psiquiátrica, Enfermagem em Socorros de Urgência, Enfermagem em Clínica Urológica e Ginecológica, Sociologia I, Ética e Ajustamento I e Pesquisas Clínicas. No terceiro ano, por sua vez, eram as seguintes disciplinas: Enfermagem Otorrinolaringológica e Oftalmológica, Enfermagem em Clínica Obstétrica, Puericultura e Neonatal, Enfermagem em Clínica Pediátrica, Enfermagem de Saúde Pública, Epidemiologia e Saneamento, Higiene da Criança, Princípios de Administração Sanitária, Princípios de Administração Hospitalar, Anestesia, Ética (Ajustamento profissional II) e Serviço Social.

Nesse contexto, observa-se que o primeiro currículo da EEHB é essencialmente técnico, sendo o termo “Enfermagem”, utilizado antes de nomenclaturas sabidamente comuns a área médica, o que nos permite concluir que o ensino estava pautado na perspectiva do modelo biomédico (CASTRO, 1999). No que se refere ao campo de estágio presente no currículo da EEHB, as alunas, que no primeiro ano tivessem concluído as disciplinas básicas, bem como participado de demonstrações e práticas das técnicas no laboratório, eram liberadas para o pré-estágio, num período de três meses. Em seguida, após aprovação por aptidão e domínio das técnicas, poderiam iniciar os estágios obrigatórios, que eram realizados na Santa Casa de Misericórdia de Juiz de Fora e em clínicas de cirurgia e em clínicas médicas. Para que pudessem realizar o estágio em Psiquiatria, no entanto, as alunas foram enviadas ao Hospital Pinel em São Paulo, pois em Juiz de Fora não havia campo nessa área (ARAÚJO, 2002; ARAÚJO; NASCIMENTO; CALDEIRA, 2004).

É preciso destacar que, após a implantação do primeiro currículo, sucederam-se três outras reformas curriculares na EEHB: uma em 1962, com vigência até 1968, oriunda do reconhecimento do ensino superior no Brasil; a segunda reforma ocorreu no ano de 1969, com vigência até 1971, e a última no ano de 1972, perdurando até 1978. Essas reformulações curriculares permitiram a melhoria do processo formativo das enfermeiras, a extinção de disciplinas defasadas, bem como a inclusão de novas disciplinas, o aumento de carga horária, tanto das disciplinas teóricas quanto do campo de estágio e, ainda, a mudança do sistema de ensino seriado para o de créditos (CASTRO, 1999).

De acordo com as reflexões propostas por Castro (1999) e Araújo (2002), no período de 1946 a 1968, sob a gestão da diretora Celina Viegas, a EEHB ao oferecer os cursos de graduação em Enfermagem e o de Auxiliar em Enfermagem, tornou-se referência na formação de profissionais que atuavam no contexto regional e nacional, ampliando a atuação do profissional enfermeiro e contribuindo para o reconhecimento e o respeito da profissão pela sociedade da época. Em 31 anos de funcionamento, a EEHB formou 473 profissionais de Enfermagem. Após a gestão de Celina Viegas, a enfermeira Dulce Glória Baptista de Oliveira, formada pela própria EEHB, assumiu o cargo de direção até o ano de 1974. Após esse período, a enfermeira também diplomada pela referida escola, Dulce Maria Teixeira tornou-se a terceira diretora da EEHB, permanecendo na função até o ano de 1978, período no qual ocorreu a extinção da estrutura administrativa da EEHB e a transferência do seu quadro social para a UFJF. Assim, o curso de Enfermagem integrou-se à Faculdade de Medicina, dando origem ao Departamento de Enfermagem, através de um convênio firmado entre o Estado de Minas Gerais e a UFJF.

3.2.2 História da criação do curso de Enfermagem pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Considerando o processo da criação do curso de Enfermagem e Obstetrícia da Universidade Federal de Juiz de Fora, torna-se importante retroceder as décadas de 1970 e 1980, para contextualizar o período político e social em que se deu à extinção da EEHB, para sua posterior inserção na UFJF.

O ensino superior em Enfermagem expandiu-se devido às diversas políticas públicas de saúde e de educação. Estas políticas tinham por objetivo aumentar a formação de profissionais qualificados para atuar na saúde, reestruturar o currículo mínimo dos cursos de

graduação, bem como possibilitar a criação de Centros Integrados de Saúde, onde era possível oferecer diversos cursos de nível superior da área (CASTRO, 1999; BAPTISTA *et al.*, 2010).

De acordo com Jesus *et al.*, (2012) dentre as políticas que favoreceram o aumento do número de cursos superiores no país, pode-se destacar: a Reforma Universitária de 1968 – Lei 5540/68 –, que estabeleceu a alocação de recursos para a formação de profissionais, além da definição de um currículo mínimo para os cursos de graduação da área da saúde; o Plano Decenal de Saúde de 1972, recomendado para os países membros da Organização dos Estados Americanos (OEA), que teve como pauta a formação profissional no campo da saúde; o Parecer nº 163/72 e a Resolução 04/72 do Conselho Federal de Educação, que estabeleceram o currículo mínimo dos cursos de Enfermagem e Obstetrícia.

No Parecer supracitado, nº 163/72, bem como na Resolução 04/72 do Conselho Federal de Educação, segundo Dan, Canhete e Santos (2014), foram reforçadas as técnicas avançadas em saúde privilegiando a medicina curativa, centrada no modelo hospitalar. Nessa perspectiva, torna-se pertinente evidenciar que mesmo com a criação de políticas educacionais importantes para a educação superior, o ensino da Enfermagem ainda se encontrava atrelado ao saber biomédico, incorporado ao modelo hospitalocêntrico e curativista, alheio à promoção da saúde e aos determinantes sociais e culturais do processo de adoecimento.

Como descrevem Baptista *et al.*, (2010) e Jesus *et al.*, (2012), até o final da década de 1960, havia 39 cursos superiores em Enfermagem no Brasil, sendo criados na década de 1970, mais 34 novos cursos superiores em Enfermagem. O aumento quantitativo de cursos pode ser explicado pela atuação do Departamento de Assuntos Universitários do Ministério da Educação e Cultura (DAU/MEC), a partir do ano de 1972 e pela criação do Programa de Crédito Educativo (CREDUC) em 1976.

Neste contexto, o DAU/MEC, com seu propósito de ampliar o quantitativo de cursos na área da saúde, além de uma maior oferta de vagas nos cursos de Enfermagem firmou um acordo com os dirigentes do Estado de Minas Gerais, dando respaldo ao Estatuto da UFJF, que desde o ano de 1972, pretendia criar o curso de Enfermagem e Obstetrícia para compor o seu Centro Integrado de Saúde. Dessa forma, alegaram que a EEHB não formava profissionais suficientes para atender a demanda regional, tornando-se necessária, assim, a extinção da EEHB, com a absorção do seu corpo social pela Universidade (JESUS *et al.*, 2012).

No estudo de Castro (1999), segundo os relatos das professoras que atuavam na EEHB, a Universidade não poderia oferecer mais um curso superior de Enfermagem, visto

que já existia um curso já estruturado na cidade, razão esta que justificava o interesse da instituição em incorporar o corpo social da EEHB. Ainda segundo os relatos, não havia por parte da Fundação Hermentina Beraldo, que era a mantenedora da EEHB, interesse em extinguir sua estrutura de ensino para se incorporar a UFJF. No entanto, foi preciso acatar a decisão do DAU/MEC e do Estado de Minas Gerais.

Considerando os fatos explicitados anteriormente, criou-se, no final do ano de 1977, por intermédio da Resolução nº 62 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE), o curso de Enfermagem e Obstetrícia da UFJF, onde foram incorporados os professores, os funcionários e os alunos da EEHB. O reconhecimento do curso ocorreu em 1979, através da Portaria nº 1.084 do Ministério da Educação e Cultura (FIGUEIREDO, BAPTISTA; 2009). Contudo, o curso de Enfermagem e Obstetrícia iniciou suas atividades em um departamento da Faculdade de Medicina da UFJF, sem autonomia acadêmica e administrativa (JESUS *et al.*, 2012).

No que concerne à transição pedagógica e a estruturação do currículo, foi solicitado, pela direção da UFJF, a participação das professoras da EEHB para adequação do currículo que já estava em funcionamento. Era necessário, contudo, que as professoras possuíssem conhecimento em planejamento curricular, para que realizassem as alterações necessárias à adequação do currículo da EEHB, que seguia as recomendações das legislações já vigentes, para um currículo que respondesse ao Regimento Geral da Universidade. Esse deveria ser organizado em disciplinas pelo sistema de créditos, classificadas como obrigatórias ou eletivas, e concluídas em quatro anos (CASTRO, 1999; JESUS *et al.*, 2012).

Em Castro (1999), encontramos que, após a instalação do curso pela UFJF, o currículo da EEHB foi reformulado. De acordo com a Resolução nº43/78 do CEPE, o currículo era constituído por 174 créditos, num total de 3.975 horas de atividades, incluídas as horas de estágio. As disciplinas estavam distribuídas em oito períodos letivos e organizadas em pré-profissionais, profissionais e estágios supervisionados. Nessa direção, Jesus *et al.*, (2012) , lançando mão do artigo 4º da Resolução nº43/78, acentua que somente era atribuído o grau de licenciado ao aluno que concluísse 34 créditos das disciplinas de licenciatura em enfermagem, e que para isso era obrigatória a conclusão do bacharelado, podendo ser realizado concomitantemente. A licenciatura em Enfermagem tinha por objetivo embasar o profissional enfermeiro para atuar como docente em escolas de nível técnico e auxiliar em Enfermagem (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM, 2014).

O currículo em questão, ainda continuava pautado em disciplinas da área médica, no modelo biologista, valorizando a execução de técnicas e voltado para a atuação hospitalar. Somente através da Resolução nº13/82 do CEPE da UFJF aprovou-se a grade curricular com a primeira reformulação, onde se criaram disciplinas isoladas, que permaneceram em vigência até o ano de 1986 (JESUS *et al.*,2012; FIGUEIREDO, BAPSTISTA, 2009).

Castro (1999) afirma que o currículo reformulado pela Resolução nº13/82 – currículo pleno da UFJF – foi denominado como Currículo 001, sofrendo ainda três reformulações posteriores pelas Resoluções do CEPE de nº 03/86 (aumentou o número de créditos de 186 para 195); nº 68/88 (desmembramento e criação de novas disciplinas) e a Resolução de nº 40/90 (definição de pré-requisitos para cursar disciplinas). O currículo 001 e suas reformulações supracitadas mantiveram-se em vigência até o ano de 1992, formando 782 enfermeiros durante esse período.

Ainda segundo a autora do estudo supracitado, no ano de 1986, através da Resolução 03/86, foi criada a Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia, desvinculando o curso de Enfermagem ao departamento da Faculdade de Medicina. Contudo, somente em 1991 suas atividades iniciaram-se de forma efetiva. Com a instalação efetivada, a Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia, através da Resolução nº 22/93, propôs uma reestruturação curricular, constituindo, assim, o currículo 002, que teve uma redução do número de horas de estágio e um aumento de horas nas disciplinas obrigatórias, totalizando 3.825 horas (CASTRO, 1999).

O currículo 002 precisou ser reformulado para adequação ao regulamentado pela Portaria Ministerial de nº 1.721/94, que estabelecia uma conformação curricular mínima para formar profissionais enfermeiros para atender as demandas de saúde da população em conformidade com os princípios e diretrizes do SUS. Dessa forma, no ano de 1996, o curso de Enfermagem e Obstetrícia da UFJF passou a ter 3.840 horas, sendo o estágio realizado em unidades de Atenção Primária à Saúde e em unidades Hospitalares, através de preceptoria do enfermeiro no serviço. Porém, o ensino voltado para a administração e prática hospitalar prevalecia, com carga horária superior, tanto nas disciplinas obrigatórias quanto no campo de estágio (SANTOS *et al.*,2011). Apesar disso, quando comparado aos currículos anteriores, o de número 002 proporcionou a reformulação de disciplinas com corpo específico da Enfermagem, bem como diminuiu a carga horária de disciplinas com saberes essencialmente médicos, proporcionando um novo paradigma para a formação do enfermeiro. Um avanço que até então não havido sido visto nos demais currículos (CASTRO, 1999).

É pertinente esboçar, segundo Jesus *et al.*,(2012), que as constantes adaptações no currículo do curso de Enfermagem e Obstetrícia da UFJF aconteciam em conformidade com o processo de redemocratização do país, com o movimento da Reforma Sanitária e com os movimentos sociais para reestruturação do ensino.

No entanto, em estudo realizado por Santos *et al.*,(2011), as pesquisadoras levantaram a seguinte problemática: “o movimento de reestruturação curricular do curso de Enfermagem e Obstetrícia da UFJF atendia às mudanças emergentes da área da saúde e da educação, presentes no início da década de 1990?”. Como resposta, o estudo evidenciou que apesar do empenho em se aproximar de outras Universidades e das reformulações de sua grade curricular, a comunidade acadêmica do curso de Enfermagem da UFJF enfrentava desafios no que diz respeito ao envolvimento de seu corpo docente com os enfermeiros do serviço para a operacionalização dos cenários de prática e estágios, além da deficiência em relação à pesquisa e à extensão.

Cabe salientar que no decorrer da década de 1990, os movimentos sociais, juntamente com a comunidade acadêmica de Universidades Federais, batalhavam para o fortalecimento de uma formação em saúde que atendesse as crescentes demandas sociais da população, com atendimento priorizado na promoção e com educação popular em saúde e no atendimento integral ao ser humano. Nesse sentido, o ensino superior em Enfermagem, em consonância com essas mudanças de paradigmas, deveria formar profissionais enfermeiros que atendessem aos princípios e diretrizes do SUS, atuando na gestão da assistência de enfermagem e dos serviços de saúde, bem como em equipes multidisciplinares em saúde pública (SANTOS *et al.*,2011; BAPTISTA *et al.*, 2010). Não obstante, segundo Santos *et al.*,(2011) o corpo administrativo e docente do curso de Enfermagem e Obstetrícia da UFJF, mesmo mantendo discussões sobre a importância da formação do enfermeiro voltada para a Saúde Pública, continuava destinando grande parte de sua carga horária para disciplinas e práticas voltadas para o nível hospitalar e curativista.

Tendo em vista essas considerações, no ano de 1995, através da Resolução nº 10, do CEPE, modificou-se a denominação de Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia, emergindo a Faculdade de Enfermagem, constituída por três departamentos: Enfermagem Básica, Enfermagem Aplicada e Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública. Atualmente, além do Curso de Bacharelado e Licenciatura em Enfermagem, é disponibilizada a Pós-Graduação *Stricto Sensu* – Mestrado Acadêmico em Enfermagem (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM, 2014).

3.2.3 Projeto Pedagógico e o Currículo do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora

A LDB, nº. 9394/1996 estabeleceu em seus preceitos a autonomia escolar, ao promover a construção coletiva e democrática do PPP, possibilitando, dessa forma, a elaboração de um projeto educacional que atenda as demandas de cada contexto escolar (FERRARI, 2011). Na mencionada lei, em seus artigos 12 e 13, foram estabelecidas as seguintes normatizações para as instituições de ensino: “elaborar e executar sua proposta pedagógica”, já para os docentes, a incumbência de: “participar da elaboração da proposta pedagógica, bem como elaborar e cumprir o plano de trabalho, baseando-se na proposta pedagógica da instituição”. No inciso I, art. 53 da LDB, no que se refere ao ensino superior, garante-se a autonomia acadêmica, o que permite às Universidades criar, organizar e extinguir cursos e programas (BRASIL, 1996; SOUZA; FILIPAK, 2001).

Nessa perspectiva, o PPP torna-se um instrumento integrador, por ser planejado de forma coletiva, valorizando o diálogo e a reflexão dos atores sociais envolvidos no processo. Caracteriza-se, por isso, como um instrumento de planejamento e de gestão escolar, abarcando os fundamentos teóricos, filosóficos e políticos da instituição de ensino. Portanto, deve ser constantemente revisado, com o objetivo de promover a atualização das metas e dos objetivos, de acordo com as mudanças educacionais e políticas (VEIGA, 2001; FERRARI, 2011; REIS, PANÚNCIO-PINTO e VIEIRA, 2014).

No que concerne à formação profissional de um determinado curso, o planejamento pedagógico orienta-se a partir do PPC, devendo estar articulado com o PPP da instituição de ensino mantenedora. A construção do PPC, que deve ser realizado de maneira conjunta, tem por objetivo apresentar o perfil do egresso almejado, através da definição de metas, objetivos e estratégias de ensino, traduzindo, desse modo, as características acadêmicas institucionais. Cabe ressaltar que toda a estruturação do PPC, especificamente para o curso de Enfermagem, deve estar ancorada nos preceitos das DCNs, com o propósito de fornecer uma formação ao enfermeiro para que ele seja capaz de atuar como agente de transformação em diferentes contextos de saúde-doença, orientando-se de acordo com os princípios do SUS (CEFPEPS, 2014; MARÇAL *et al.*, 2014).

Nessa perspectiva, França *et al.*, (2016, p. 53) destacam que a construção do PPC do curso de graduação em Enfermagem “possibilita um espaço para a reflexão sobre a prática profissional e o seu ensino, incluindo a necessidade da formação de um profissional que vivencie a enfermagem de forma inovadora em todo o seu sentir, raciocinar e agir”. Assim, na

elaboração do PPC devem estar explicitadas as diretrizes organizacionais e as práticas pedagógicas do curso, tais como a estrutura curricular, as ementas das disciplinas e o perfil profissional almejado pela instituição de ensino, de acordo com as DCN da Enfermagem (LIMEIRA; SEIFFERT; RUIZ-MORENO, 2015).

Tendo em vistas essas considerações, e visando à reorganização da matriz curricular do curso, a Faculdade de Enfermagem da UFJF, no ano de 2014, gozando de sua autonomia universitária, construiu coletivamente, através de sua comunidade acadêmica e com a participação de especialistas em educação da ABEn, seu atual PPC da Graduação em Enfermagem. A elaboração do presente PPC pautou-se nas diretrizes da LDB - n. 9.394/1996 e nas Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Enfermagem, Medicina e Nutrição - Parecer do CNE/CES n. 1.133/2001 (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM, 2014).

Sob essa percepção, o PPC da Graduação em Enfermagem (2014) visa oportunizar a formação de enfermeiros que tenham competências para atuar em diversos contextos e níveis de atenção a saúde, capazes, também, de trabalhar em equipe e que valorizem a integralidade do cuidado e os determinantes do processo de adoecimento das populações por eles atendidas. Nessa conjuntura, e em consonância com as DCN, o perfil profissional almejado pela Faculdade de Enfermagem consiste num:

Profissional com habilidades para identificar e avaliar as condições de saúde individual e coletiva, intervindo no processo saúde doença com medidas de promoção da saúde, prevenção de agravos e/ou doenças, proteção e recuperação e reabilitação da saúde, com competências e habilidades para realizar o cuidado integral ao indivíduo, à família e à coletividade, supervisionar e capacitar à equipe de enfermagem, coordenar e administrar o serviço de enfermagem, proceder à investigação científica e interpretação de fatos e fenômenos nos campos da saúde individual e coletiva, em geral (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM, 2014, p. 10).

Para a formação do enfermeiro, segundo o PPC da graduação em Enfermagem (2014) e baseando-se na Resolução CNE/CES nº 3, de 7 de novembro de 2001, referente ao Parecer CNE/CES nº 1.133/2001, que aprovou as DCN/ENF (BRASIL, 2001a), adotaram-se as seguintes competências específicas:

- Atuar com compromisso ético, assegurando os direitos humanos e de cidadania;

- Compreender as políticas de saúde (internacional, nacional, estadual e municipal) no contexto histórico social;
- Compreender os determinantes históricos e sociais da Enfermagem;
- Identificar perfis epidemiológicos nacionais, regionais e locais;
- Compreender os determinantes históricos e sociais em que o indivíduo, família e comunidade estão inseridos;
- Integrar-se na equipe de enfermagem, bem como na equipe de saúde;
- Compreender e identificar as possibilidades de intervenção a partir do levantamento de necessidades ou demandas realizadas nos diferentes níveis de atenção à saúde;
- Planejar, implementar e avaliar ações de prevenção, promoção, manutenção, recuperação e reabilitação, nos diferentes níveis de saúde, considerando as particularidades dos serviços;
- Utilizar a produção científica da Enfermagem, nacional e internacional, para subsidiar a prática profissional;
- Utilizar instrumentos e tecnologia para o cuidar, através da Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) em todos os níveis de atenção à saúde;
- Valorizar a participação na vida acadêmica da UFJF, colegiados e órgãos de classe.
- Planejar, implementar e participar dos programas de formação e qualificação contínua dos trabalhadores de enfermagem e de saúde e desenvolver continuamente, durante a formação, a responsabilidade e o compromisso com sua educação e treinamento técnico-científico (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM, 2014, p. 11).

O perfil do egresso/formando da Faculdade de Enfermagem da UFJF, portanto, encontra-se fundamentado nos princípios do SUS e das DCN, ensejando a formação do enfermeiro que atenda à grande demanda do município e da região. Como destacam França *et al.*, (2016) e Marçal *et al.*, (2014) as instituições de ensino devem assumir o compromisso de articular o perfil almejado pelo seu PPC com as competências expressas nas DCN, apoiadas na ética, para que sejam capazes de desenvolver sua práxis de acordo com o contexto em que está atuando.

Nessa seara, cabe salientar que na construção do PPC, o currículo caracteriza-se como eixo central. O currículo configura-se como a “totalidade das vivências educacionais de determinado curso e envolve o trabalho a ser realizado nos diferentes cenários de ensino-aprendizagem, em atividades teóricas e práticas” (REIS, PANÚNCIO-PINTO e VIEIRA, 2014, p. 282). Em Sacristán (2008) o currículo é concebido como um processo de organizar as diversas práticas educativas, sendo produto da função social e cultural da instituição escolar.

Sofre adaptações em seu conteúdo de acordo com a evolução e demandas econômicas, culturais, filosóficas e com as políticas da sociedade. O sistema educacional, portanto, se modula a partir de interesses concretos do mundo do trabalho, refletindo, assim, no planejamento curricular o tipo de formação desejada pelos diversos setores industriais e do mundo do trabalho.

A construção do currículo, assim como o PPC, de acordo com Scherer e Scherer (2012) deve ser dinâmica, coletiva e atual, privilegiando a construção integrativa do conhecimento. Nesse sentido, o PPC deve focar o planejamento curricular integrado, articulando trabalho e ensino, ensino e comunidade, prática e teoria, rompendo com a visão fragmentada entre as disciplinas e sustentada no referencial pedagógico de competências.

Ainda segundo os autores do estudo supracitado, o currículo construído sob a perspectiva de competências deve abarcar diversos recursos, como conhecimentos, habilidades e atitudes que possibilitam os alunos exercer liderança nas diferentes situações do cotidiano e na gestão de problemas (SCHERER e SCHERER, 2012). Para Ferreira e Nascimento (2017) a formação por competências, caracteriza-se por ser processual e efetivada pela participação conjunta de todos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem – educadores, alunos, gestores e comunidade –, que a partir de situações-problema, deliberam para buscar soluções em uma dada situação real ou não. Dessa forma, o planejamento do currículo ideal deve refletir a proposta da formação baseada em competências, favorecendo o desenvolvimento crítico-reflexivo dos educandos.

A partir da promulgação das DCN/ENF, as instituições de ensino puderam elaborar seus currículos a partir do estabelecido pela referida resolução, rompendo com paradigmas educacionais defasados e possibilitando a construção curricular de acordo com o panorama político, pedagógico e social em que se encontram. A possibilidade de abarcar conteúdos essenciais e obrigatórios, mas também de possibilitar a autonomia institucional ao favorecer a inclusão de atividades e de disciplinas complementares, demonstra o avanço alçado a partir das DCN, já que concilia o plano curricular às necessidades reais da comunidade a ser atendida pelos futuros profissionais formados. Contudo, verifica-se, ainda, a dificuldade de adequação dos projetos pedagógicos e dos currículos aos preceitos estabelecidos pelas DCN, por parte de algumas instituições educacionais (MARÇAL *et al.*, 2014).

A proposta de uma construção curricular, a partir do ano 2000, elaborada pela Comissão de Reforma Curricular da Faculdade de Enfermagem da UFJF, que buscou atender aos preceitos da LDB e das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos na área de saúde

e enfermagem, proporcionou o constante dinamismo esperado em um currículo. É pertinente destacar que a Comissão de Reforma Curricular mantém discussões constantes sobre a importância de atualizações periódicas que atendam às mudanças do sistema de saúde brasileiro e aos novos paradigmas educacionais, como a formação baseada por competências (PROJETO POLITICO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM, 2010).

3.3 FORMAÇÃO E INSERÇÃO PROFISSIONAL DO ENFERMEIRO

Os anos que se seguiram até a aprovação da LDB caracterizaram-se pela política neoliberal e pelas medidas de austeridade fiscal, econômica e privatizações em detrimento de programas sociais, o que resultou em mudanças nos setores da educação e da saúde. Neste contexto social e econômico, durante a década de 1990, através de intensos debates entre órgãos nacionais e internacionais, promulgou-se a LDB, em dezembro de 1996. Após a sua aprovação, estabeleceram-se as bases e as diretrizes para a educação nacional brasileira, possibilitando a superação de modelos e de práticas pedagógicas obsoletas, tais como o currículo mínimo, a grade curricular e a desarticulação entre os conteúdos e disciplinas. Portanto, a LDB conferiu às instituições de ensino superior a autonomia didático-pedagógica, a utilização de metodologias de ensino inovadoras e a viabilidade do planejamento curricular, tendo como base as Diretrizes Curriculares, de acordo com as especificidades e características de cada região e contexto social (BRASIL, 1996; FERNANDES e REBOUÇAS, 2013; COSTA *et al.*, 2017).

Todavia, a proposta de uma reforma global na educação brasileira, deveria também abarcar a educação dos trabalhadores da área da saúde, visando uma formação atrelada às diretrizes e princípios do SUS, baseada em metodologias inovadoras de ensino a fim de favorecer uma formação crítica, criativa, resolutiva e comprometida com a saúde da população. Nesse contexto, o Ministério da Educação (MEC) propôs a elaboração de novas Diretrizes Curriculares para os cursos da área da saúde, convidando as instituições de ensino superior e as associações de classes profissionais para discutir e participar do processo. Na enfermagem, houve a participação da ABEn, que ficou responsável por planejar encontros e seminários, com o objetivo de elaborar as diretrizes gerais que regeriam a educação em enfermagem, à luz dos princípios da LDB (FERNANDES e REBOUÇAS, 2013; COSTA *et al.*, 2017; FERREIRA e NASCIMENTO, 2017).

No ano de 2001, foram aprovadas as Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação na área da Saúde em Enfermagem, Medicina e Nutrição, através do Parecer 1133 do CNE/CES, cuja concepção de saúde baseou-se nos princípios e nas diretrizes do SUS, enfatizando a formação voltada para a prevenção, promoção, recuperação e reabilitação, além da especificação da formação geral e específica dos profissionais das diversas áreas da saúde (BRASIL, 2001b; FERNANDES e REBOUÇAS, 2013).

Através da construção coletiva e da mobilização política entre profissionais da enfermagem, ABEn, estudantes, categorias profissionais e instituições de ensino, aprovou-se a Resolução CNE/CES Nº 3 de 7/11/2001, instituindo, assim, as DCN/ENF. Dessa forma, as DCN/ENF definem o perfil do formando egresso/profissional, as competências gerais e específicas, os conteúdos curriculares para o curso de graduação em Enfermagem, a garantia de estágios e de atividades complementares para a formação, organização do curso e o acompanhamento e avaliação dos discentes (BRASIL, 2001a; FERREIRA e NASCIMENTO, 2017; FERNANDES *et al.*, 2013).

A formulação das DCN/ENF preconiza o perfil profissional do enfermeiro egresso através de uma formação generalista, crítica, reflexiva e resolutiva, capaz de atuar nos mais diversos cenários de saúde e doença, intervindo e identificando os fatores biopsicossociais e seus determinantes. Destaca-se que, as instituições de ensino, em consonância com o preconizado pela LDB e pelas DCN/ENF, devem elaborar coletivamente os projetos políticos pedagógicos, baseados em metodologias de ensino ativas, centrado no aluno, com vistas à resolução de situações-problema pela ação-reflexão-ação no processo de ensino aprendizagem, além de promover a articulação entre ensino, pesquisa e extensão/assistência (BRASIL, 2001a; MEIRA e KURCGANT, 2013b).

Cabe ressaltar que, ademais de caracterizar-se como um instrumento regulador para a construção de Projetos Pedagógicos e para a formação de profissionais enfermeiros, as DCN/ENF explicitam em seu art. 4º as competências gerais para a formação do enfermeiro, como a atenção a saúde, com ações de “prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde, tanto em nível individual quanto coletivo”; para a tomada de decisões “visando o uso apropriado, eficácia e custo-efetividade, da força de trabalho, de medicamentos, de equipamentos, de procedimentos e de práticas”; a comunicação destinada a “manter a confidencialidade das informações a eles confiadas, na interação com outros profissionais de saúde e o público em geral”; a promoção da liderança “envolvendo compromisso, responsabilidade, empatia, habilidade para tomada de decisões, comunicação e gerenciamento de forma efetiva e eficaz”; e para a aptidão em administrar, gerenciar e promover a educação

permanente tanto da equipe com o qual trabalha como a sua própria educação (BRASIL, 2001^a, p. 2).

Outro quesito levantado pelas DCN/ENF diz respeito às competências específicas para a formação do enfermeiro, totalizando 33 itens dispostos no art. 5º. De forma geral, as competências específicas trazem a necessidade da articulação entre teoria e prática; o reconhecimento por parte dos enfermeiros de diferentes perfis epidemiológicos da população; a garantia da integralidade da assistência prestada; atuação com ética, compromisso e responsabilidade; desenvolvimento e aplicação de pesquisas nos campos de atuação profissional, garantindo a interdisciplinaridade e a flexibilidade curricular. É importante destacar que o alcance de uma formação pautada no desenvolvimento dessas competências, somente é logrado através de metodologias ativas emancipadoras (BRASIL, 2001a; FERNANDES e REBOUÇAS, 2013).

Segundo Costa *et al.*, (2017), o ensino baseado no desenvolvimento de competências é uma realidade vivenciada no processo de formação dos profissionais enfermeiros. Entende-se por competência, nas palavras de Meira e Kurcgant (2013b, p. 1212):

A tomada de iniciativa e de responsabilidade pelo indivíduo; a inteligência prática em algumas situações, que se apoia sobre os conhecimentos adquiridos, os transformando e a faculdade de mobilizar redes de atores em torno das mesmas situações e corresponsabilidade, partilhando do que está em jogo em cada situação.

Assim sendo, o conceito de educação baseada em competências está vinculado ao “saber-fazer” e ao “saber-ser” na resolução de problemas enfrentados na prática profissional. Para isso, o processo de ensino-aprendizagem é construído pelo próprio aluno e mediado pelos professores, a fim de possibilitar uma formação crítica, reflexiva e capaz de transformar realidades sociais. Contudo, alguns estudiosos, analisam que o termo competências, preconizado pela LDB e pelas DCN/ENF, desencadeia críticas e questionamentos importantes, por remeter a uma concepção tecnicista e voltada para atender ao mundo do trabalho, ao favorecer o processo de individualização do processo de aprendizagem, transferindo ao aluno a responsabilidade pelo seu desenvolvimento educacional e desempenho profissional, além de incitar a competitividade acadêmica (FRANÇA *et al.*, 2016; FERNANDES e REBOUÇAS, 2013).

Reconhecendo, portanto, a importância da promulgação da LDB para a educação nacional, bem como a formulação das DCN/ENF para a organização curricular das instituições de ensino de Enfermagem no país, enfatizamos os desafios, avanços e as lutas

produzidos a partir da implantação das DCN/ENF. Se por um lado, as ações voltadas ao enfrentamento da dicotomia entre ensino/pesquisa/extensão, a antecipação da teoria seguida da prática, a rigidez curricular em algumas instituições, o ensino centrado no professor e avaliações inconclusivas e formais são alguns dos desafios que ainda precisamos enfrentar, por outro, salientamos alguns avanços importantes, como a superação do olhar simplificado e biológico no cuidado de enfermagem; o fomento, mesmo que reduzido, para a realização de pesquisas e estudos pelas Universidades; a diversificação dos cenários de práticas e a adoção de metodologias ativas de ensino são alguns exemplos de mudanças importantes a partir da incorporação das DCN/ENF pelas instituições de ensino (BRASIL, 2001a; FERNANDES e REBOUÇAS, 2013).

Ressalta-se que desde o ano de 2012, a ABEn juntamente com especialistas, sessões estaduais, instituições de ensino e representantes de classes, está discutindo a proposta de elaboração das novas DCN/ENF. As mudanças propostas abarcam o fortalecimento da integração teoria e prática; a formação interdisciplinar; o estabelecimento de carga horária mínima nas atividades práticas e a importância do ensino presencial frente ao crescimento de instituições semipresenciais de ensino, numa clara intenção de valorização do cuidado presencial e humanístico que a enfermagem proporciona às coletividades e a garantia da presença do enfermeiro tutor em atividades de estágio. Portanto, o processo de construção e de validação das DCN/ENF deve ser coletivo e contínuo, com o intuito de revelar a preocupação frente à formação dos futuros profissionais do cuidado (TEIXEIRA, 2017).

A formação do enfermeiro desde os primórdios da profissão esteve atrelada às exigências e características do mundo do trabalho. Dessa forma, a conformação dos cursos e das matrizes curriculares era elaborada de acordo com as tendências do mercado de cada época e de contexto histórico e social. Atualmente, o mundo do trabalho em saúde vem exigindo profissionais qualificados, que sejam capazes de resolver problemas e de lidar com imprevistos no local de trabalho, saibam trabalhar em equipe e com recursos tecnológicos, além da habilidade de buscar constantemente meios de qualificação profissional. Tais exigências configuram-se como desafios para as instituições de ensino, cuja missão é efetivar as recomendações expressas nas DCN/ENF, visando uma formação transformadora, pautada no desenvolvimento de competências (NETO *et al.*, 2014; RIBEIRO *et al.*, 2014; OLIVEIRA e LIMA, 2013).

Analisar o mundo do trabalho perpassa pelo entendimento da inter-relação entre trabalho e sociedade e as transformações que se processam em variados contextos de trabalho. Na sociedade, existem diversos postos de trabalho e profissões que compõem o mundo do

trabalho, e que utilizam variadas formas de inserção e de relações trabalhistas. Verifica-se na enfermagem, desde as últimas décadas do século XX, um aumento considerável dos postos de trabalho, fruto, principalmente, da Reforma Sanitária, da criação do SUS e da municipalização dos serviços de saúde com o incremento da Estratégia Saúde da Família (ESF). Contudo, nota-se que a relação entre a oferta de empregos e o quantitativo de egressos lançados no mundo do trabalho, nas últimas décadas, também aumentou, devido ao crescimento das instituições de ensino privadas, o que vem produzindo o decréscimo da empregabilidade da enfermagem (NETO *et al.*, 2014; RIBEIRO *et al.*, 2014; NEVES, 1997).

Nessa perspectiva, a enfermagem brasileira, atualmente, aponta para o aumento do desemprego e da saturação de profissionais em determinadas regiões brasileiras, como no Sul e no Sudeste. O estudo de Machado *et al.*, (2016b) aponta que 12,4% dos enfermeiros do país estão em situação de desemprego. Os fatores descritos como agravantes para a não inserção no mundo do trabalho foram à escassez de concursos públicos na enfermagem e a falta de experiência e qualificação profissional, ambas exigidas pelos empregadores.

Com relação às modalidades institucionais de atuação, apesar do aumento significativo de vagas na atenção básica, verificado nos últimos anos, a inserção profissional concentra-se majoritariamente no setor hospitalar, com 56,5% da força de trabalho da enfermagem. As Unidades Básicas de Saúde (UBS) e serviços similares aparecem em seguida, somando 18,1%. O setor de ensino e de pesquisa aparece com apenas 3,7% de enfermeiros atuantes. Já o setor público mostra-se como o maior empregador da categoria da enfermagem com 65,3% dos enfermeiros atuantes. Verifica-se, portanto, que a enfermagem é uma profissão altamente institucionalizada, que busca relações formais de emprego. No entanto, as relações de subemprego, a precarização de funções e as longas jornadas de trabalho são demandas importantes a serem combatidas pelos conselhos de classe (MACHADO *et al.*, 2016b).

4 METODOLOGIA

4.1 TIPO DE ESTUDO

Com o objetivo de avaliar as competências e a inserção profissional dos egressos da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora, formados entre os anos de 2005 a 2017, realizamos um estudo exploratório e descritivo, de natureza quantitativa. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009), a abordagem quantitativa caracteriza-se pela objetividade, utilizando-se de procedimentos estatísticos e de instrumentos formais para a coleta de dados, o que permite a quantificação dos dados obtidos e a descrição das causas de um fenômeno e as relações entre as suas variáveis.

Segundo Gil (2010), as pesquisas exploratórias possibilitam uma visão geral sobre o objeto de estudo, constituindo a primeira etapa de uma investigação mais ampla, cuja meta é fornecer dados para a verificação de hipóteses, através da análise estatística para o tratamento dos dados.

Ainda nessa percepção, um estudo descritivo, de acordo com Triviños (2008) “exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar, pois pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade”. Em consonância, Gil (2010) afirma que a pesquisa descritiva tem por objetivo estudar as características de determinado grupo ou população, estabelecendo relações entre as variáveis encontradas. Contudo, esse tipo de estudo, por se caracterizar como uma forma de descrição exata dos fenômenos e dos fatos, não possibilita a verificação através da observação (TRIVIÑOS, 2008).

4.2 CENÁRIO E POPULAÇÃO DO ESTUDO

A população do presente estudo constitui-se de egressos da Faculdade de Enfermagem da UFJF. No total, foram 470 egressos, graduados entre os anos de 2005 a 2017. Desse total, 468 (99,57%) possuíam contato por via eletrônica. Entre o número total de egressos que possuíam e-mails cadastrados, 216 (46,15%) responderam esta pesquisa. Pelo cálculo amostral, com nível de significância de 95%, a amostra mínima necessária da população seria 212 estudantes. Pontua-se, aqui, que foram excluídos os nomes de estudantes que foram reprovados ou que desistiram ao longo do curso.

A escolha da Faculdade de Enfermagem da UFJF deveu-se ao fato, de a pesquisadora participar, como membro integrante, do GEPAE, cuja linha de pesquisa compreende estudos sobre educação em enfermagem. Dentre os projetos propostos pelo grupo, um consistia em analisar o PPC da Faculdade de Enfermagem da UFJF e suas mudanças curriculares iniciadas no ano de 2014.

A FACENF/UFJF oferece além do curso de bacharelado, o curso de licenciatura em Enfermagem e a Pós-Graduação *Stricto Sensu* – Mestrado Acadêmico em Enfermagem. Anualmente, a FACENF/UFJF oferece 80 vagas na graduação, distribuídas em 40 vagas para o primeiro semestre e 40 vagas para o segundo semestre letivo. O curso de Bacharel em Enfermagem tem duração de cinco anos, ou dez períodos, com carga horária total de 4.525 horas, organizado em horário diurno. (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM, 2014).

A FACENF/UFJF visa formar profissionais enfermeiros com competências necessárias para atuar nos mais diversos cenários e níveis de atenção à saúde, capazes de avaliar e de identificar as condições de saúde individuais e coletivas, prevenindo agravos através de ações educativas. Busca, por fim, a formação do enfermeiro generalista, resolutivo, capaz de atuar em equipes multiprofissionais, crítico e que consiga refletir sobre a sua prática,

valorizando a integralidade e os princípios do SUS, tal como o preconizado pelas DCN (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM, 2014).

Nesse ponto, cabe pontuar que a FACENF/UFJF, no ano de 1991, deixou de pertencer à Faculdade de Medicina, recebendo, assim, um prédio próprio, onde funcionam a graduação, o programa de Mestrado Acadêmico em Enfermagem e sua biblioteca própria. A unidade acadêmica é composta, atualmente, por três departamentos: Enfermagem Básica, Enfermagem Aplicada e Enfermagem Materno-Infantil e Saúde Pública, contando com 42 docentes. A FACENF/UFJF desenvolve atividades de extensão universitária e de pesquisa, contando com onze grupos de pesquisa cadastrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que envolvem a participação de docentes doutores e de alunos bolsistas (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM, 2014).

4.3 COLETA DE DADOS

4.3.1 Instrumento

Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se um questionário contendo 30 questões (ANEXO B), adaptado pela pesquisadora, tendo como base o instrumento validado pelo estudo de Vieira e De Domenico (2014), intitulado “Construção e validação de instrumento para a avaliação de egressos de cursos de graduação em enfermagem”, produto de tese de doutorado do Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Escola Paulista de Enfermagem, que gentilmente autorizou sua aplicação neste estudo.

O questionário é composto por três dimensões: características sociodemográficas, com 13 questões fechadas e semi-abertas; caracterização da inserção e da trajetória profissional, com 9 questões de múltipla escolha e avaliação do processo de formação profissional, com 8 questões construídas no formato de escala tipo *Likert*, de 1 a 5, em que 1 significa “Concordo totalmente”; 2 “Concordo”; 3 “Nem concordo, nem discordo”; 4 “Discordo” e 5 se refere a “Discordo totalmente”. Apresentamos as seguintes variáveis em cada dimensão:

a) Dimensão 1 – Características sociodemográficas dos egressos: nacionalidade, município e estado em que reside, sexo, etnia, idade, ano em que concluiu a graduação, atividades acadêmicas realizadas durante a graduação, titulação máxima, ano de conclusão da titulação máxima e formação anterior na área da enfermagem.

b) Dimensão 2 – Inserção no mundo do trabalho: emprego na área da enfermagem, outra área/profissão em que trabalha, tempo de formado que conseguiu o primeiro emprego, forma de ingresso no emprego atual, carga horária total semanal de trabalho, renda mensal líquida em salários mínimos, tipo de vínculo profissional, áreas de atuação, modalidade de atenção à saúde que atua e natureza jurídica da instituição do emprego atual.

c) Dimensão 3 – Avaliação do processo de formação profissional pelos egressos de acordo com as competências específicas expressas nas DCN/ENF, constituído das seguintes partes:

- Avaliação da preparação para as atividades inerentes à profissão (9 itens);
- Avaliação da preparação para a assistência ao ser humano em sua integralidade (3 itens);
- Avaliação da preparação para questões éticas no exercício da profissão (4 itens);
- Avaliação da preparação técnica e científica (2 itens);
- Avaliação da preparação para exercício da cidadania (2 itens);
- Avaliação da preparação para exercício de atividades de educação em saúde (3 itens);
- Avaliação da preparação para trabalho em equipe (2 itens);
- Avaliação da preparação para gestão em saúde (3 itens).

4.3.2 A obtenção dos dados

Após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UFJF, a coleta de dados teve início no mês de agosto de 2017, sendo finalizada em abril de 2018, por meio de aplicação do questionário *online*, elaborado através da ferramenta de formulários do *Google Docs*, como já mencionado, através de perguntas semiabertas, de múltipla escolha e escalas tipo *Likert*. Segundo Silva, Lós e Lós (2011, p. 1), ferramentas da *Web 2.0*, em especial o *Google Docs*, possibilitam aos pesquisadores “uma diversidade de estratégias como também uma economia coletiva nos processos do método de pesquisa”.

Os questionários online (ANEXO B) foram encaminhados via *e-mail* aos egressos da graduação em Enfermagem. Os *e-mails* continham um *link* para acesso ao questionário *online*, com um breve texto explicativo sobre os objetivos da pesquisa e com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE B), documento que deveria ser lido e, posteriormente, aceito pelo egresso para que tivesse acesso ao questionário.

Os endereços eletrônicos dos egressos formados, no período de 2005 a 2017, foram solicitados à secretaria da Coordenação da Faculdade de Enfermagem da UFJF. Após a obtenção dos contatos, verificou-se a relação dos alunos formados em cada semestre letivo/ano, bem como a relação dos alunos que possuíam endereço eletrônico e os que não o possuíam. Após esta etapa, foi criado pela pesquisadora um *e-mail* oficial para encaminhamento dos questionários *online*. Ressaltamos que tal procedimento foi realizado por duas estudantes bolsistas de Iniciação Científica e integrantes do GEPAE.

Em um primeiro momento, os questionários foram enviados entre os meses de agosto a outubro de 2017, mas diante do pequeno número de questionários respondidos e do considerável número de *e-mails* inválidos, houve a necessidade da retomada da coleta de dados entre os meses de janeiro a abril de 2018. Dessa forma, visando aumentar o alcance de questionários respondidos, foram realizadas pesquisas em redes sociais virtuais e comunidades *online* de enfermeiros, além da utilização da técnica de *snowball* (bola de neve), em que um participante indica outro(s) e assim sucessivamente (DEWES, 2013).

4. 4 ANÁLISE DOS DADOS

Para determinar o tamanho da amostra, utilizamos o Cálculo do Tamanho da Amostra para Populações Finitas. Considerando o nível de significância de 95%, com margem de erro de 5%, aplicou-se a seguinte fórmula com base na estimativa da média populacional:

$$n = N \frac{Z^2 p (1-p)(N-1) \div Z^2 \cdot p \cdot (1-p) + e^2 \cdot (N-1)}{Z^2 \cdot p \cdot (1-p) + e^2 \cdot (N-1)}$$

Onde se consideraram:

n - amostra calculada

N - população

Z - variável normal padronizada associada ao nível de confiança

p - verdadeira probabilidade do evento

e - erro amostral

Os dados obtidos através do questionário *online* foram transcritos para uma planilha do Excel - Microsoft Office 2010 e em seguida procedeu-se a análise, através do Programa SPSS (Statistical Package For The Social Science versão 21 para Windows). A

análise descritiva e exploratória dos dados deu-se por meio de frequências absolutas e relativas para variáveis qualitativas e média para a variável idade, apresentadas em tabelas e gráficos. Realizou-se, também, análise de correlação entre as variáveis qualitativas, através do teste Qui-Quadrado.

Realizou-se, subsequentemente, o Coeficiente Alfa de Cronbach para verificar a confiabilidade e a consistência interna do instrumento validado pelo estudo de Vieira e De Domenico (2014), intitulado “Construção e validação de instrumento para a avaliação de egressos de cursos de graduação em enfermagem”, sendo encontrado o coeficiente $> 0,8$. O Alfa de Cronbach é um índice usualmente calculado para mensurar a confiabilidade, ou a consistência interna de um instrumento como um todo. É uma medida que leva em conta a quantidade de itens de um instrumento, sua correlação entre si e a variância total dos dados para estimar o quão bem este instrumento mede um fator não diretamente mensurável. De acordo com a literatura científica, espera-se um coeficiente entre 0,7 e 0,8 em um questionário consistente (CURADO, TELES e MARÔCO, 2014).

4.5 ASPECTOS ÉTICOS

O projeto foi cadastrado na Plataforma Brasil, Sistema Nacional de Informações sobre Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos (SISNEP), em consonância com a Resolução 466/2012. Dessa forma, os dados foram coletados somente após a concordância da instituição de ensino envolvida (APÊNDICE A), bem como da aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa, que se deu em 01 de setembro de 2017, sob o parecer nº 2.253.442 (ANEXO A).

Como já mencionado, todos os participantes assinaram o TCLE (APÊNDICE B), conforme Resolução n. 466 de 12 de dezembro de 2012 do Ministério da Saúde, para pesquisas que envolvem seres humanos. O acesso ao TCLE ocorreu através de um *link*, enviado por *e-mail*, dando acesso ao questionário do *Google Docs*, com a opção aceitar ou recusar a participar da pesquisa. No que diz respeito aos riscos envolvidos na pesquisa, pontua-se que consistiram em sentir incômodo ou constrangimento em responder as perguntas do questionário ou sentir-se impelido a participar do estudo. Por esse motivo, se isso fosse percebido ou relatado, seria realizado o imediato cancelamento da entrevista. No sentido de atenuar os riscos, a pesquisadora garantiu o sigilo sobre a identificação e as informações fornecidas ou não pelo participante. Foram estabelecidas técnicas de anonimato e garantida à possibilidade de interrupção ou cancelamento da entrevista e/ou dados fornecidos.

5 RESULTADOS

Os dados coletados neste estudo permitiram descrever as características socioeconômicas e avaliar o processo de formação e de inserção profissional dos egressos do curso de Enfermagem da UFJF, formados no período de 2005 a 2017. Buscou-se também avaliar as competências requeridas para o exercício profissional, de acordo com o preconizado pelas DCN/ENF.

5.1 CARACTERIZAÇÃO DO EGRESSO

A tabela 1 descreve as características sociodemográficas dos egressos do curso de graduação em Enfermagem da UFJF. Em relação ao sexo dos participantes, observa-se a predominância do sexo feminino (88%), e o grupo etário com maior frequência encontra-se

entre 26 a 30 anos, com média de 29,62. No que diz respeito à cor autodeclarada pelos participantes, houve o predomínio da cor branca (66%). Com relação ao local de moradia, 122 (56%) residem na cidade mineira de Juiz de Fora e 50 (23,1%) em outros estados brasileiros, predominando o estado do Rio de Janeiro (16,6%). A maioria dos respondentes graduou-se entre os anos de 2006 a 2010 (42%).

Tabela 1 - Características sociodemográficas dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da UFJF (n = 216), Juiz de Fora (MG), 2018

Característica	N	%
Sexo		
Feminino	191	88
Masculino	25	12
Cor		
Branca	143	66
Parda	57	26
Negra	13	6
Amarela	1	0,5
Não declarada	2	1
Local de Moradia		
Juiz de Fora	122	56
Municípios da zona da mata mineira	21	9,7
Capital e região metropolitana	7	3,2
Interior do estado	15	6,9
Outros estados do Brasil	50	23,1
Outro país	1	0,6
UF		
Minas Gerais	165	76,3
Rio de Janeiro	36	16,6
São Paulo	7	3,2
Distrito Federal	3	1,4
Bahia	2	0,9
Mato Grosso do Sul	1	0,4
Rio Grande do Sul	1	0,4
Outro (Iowa/ EUA)	1	0,4
Ano de conclusão do curso		
Até 2005	4	2%
De 2006 a 2010	91	42%
De 2011 a 2015	75	35%
De 2016 em diante	46	21%

Fonte: Elaborada pela autora

No que se refere às atividades acadêmicas realizadas no período da graduação, 188 egressos (86%) participaram de projetos ou de programas de extensão e 132 relataram ter atuado como monitores, durante o curso de enfermagem. Pontua-se, ainda, que 128 (59%) declararam não ter participado de Ligas acadêmicas e estágios extracurriculares, ao longo da graduação. Com o objetivo de situar o leitor, ressalta-se que os pesquisados podiam marcar mais de uma alternativa nesta questão.

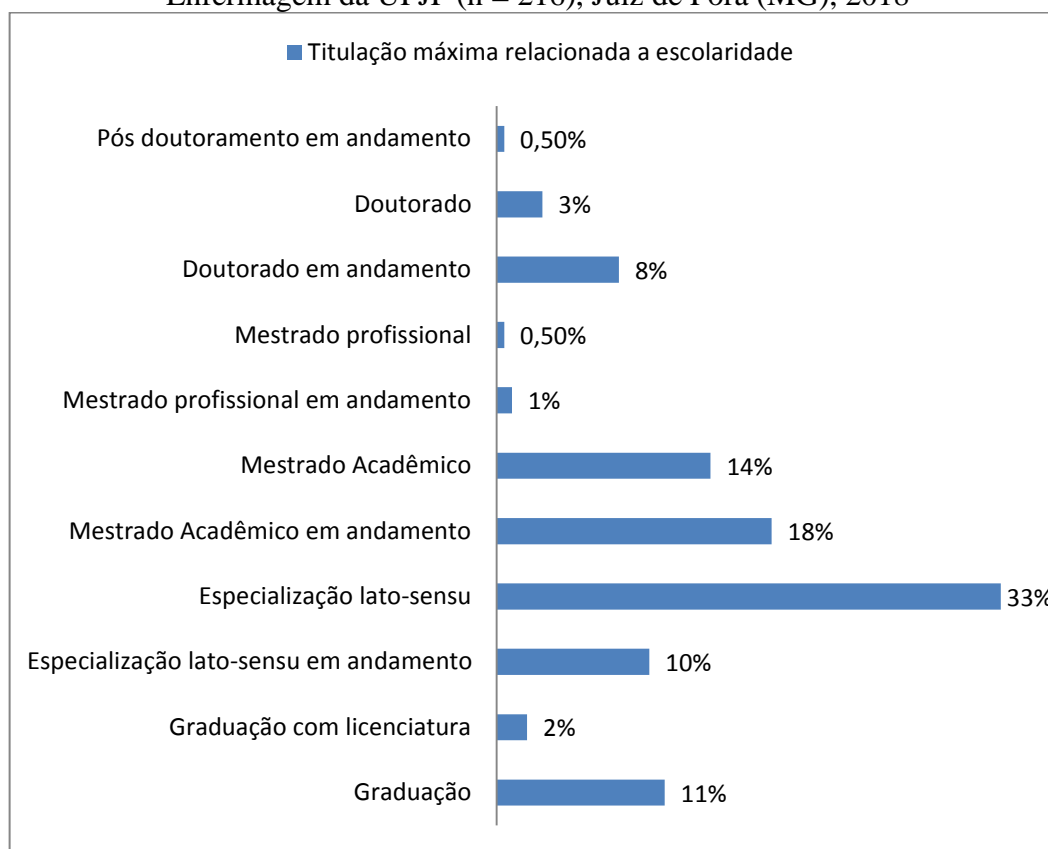
Tabela 2 - Atividades acadêmicas desempenhadas pelos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da UFJF (n = 216), Juiz de Fora (MG), 2018

Atividade acadêmica durante a graduação	Sim	(%)	Não	(%)
Iniciação Científica	56	26%	160	74%
Projeto ou programa de extensão	188	86%	30	14%
Ligas acadêmicas	88	41%	128	59%
Estágio	88	41%	128	59%
Monitoria	132	61%	84	39%

Fonte: Elaborada pela autora

No que concerne à caracterização da trajetória acadêmica, após a graduação, observa-se que a maioria dos egressos estava cursando ou já possuíam pós-graduação *Stricto Sensu* (44,5%), seguidos de 43% dos egressos que estavam cursando ou possuíam especialização *Lato Sensu*. Assim, os dados apontam que, 87,5% dos egressos sentiram a necessidade de se qualificar em especializações, como descrito no Gráfico 01.

Gráfico 1 - Caracterização da Trajetória Acadêmica dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da UFJF (n = 216), Juiz de Fora (MG), 2018



Fonte: Elaborada pela autora.

5.2 CARACTERIZAÇÃO DA TRAJETÓRIA E INSERÇÃO PROFISSIONAL DOS EGRESSOS DO CURSO DE ENFERMAGEM DA UFJF

A trajetória e a inserção no mundo do trabalho, a escolha por outra área ou profissão, a forma de ingresso no atual emprego, a natureza da instituição em que trabalha, o vínculo profissional, o rendimento mensal, carga horária semanal e as áreas de atuação em atividade profissional dos egressos foram evidenciadas neste item.

A Tabela 3 apresenta as características da inserção no mundo do trabalho dos egressos. Verificou-se que a maioria (65%) possuía vínculo empregatício, exercendo plenamente a enfermagem, sendo que 14% desses trabalhavam em uma única instituição. Observou-se, também, que 41 (19%) declararam estar desempregados e que 35 (16%) encontravam-se com um vínculo de trabalho, mas não atuavam como enfermeiros.

Em relação à inserção no mundo do trabalho pós-conclusão do curso, observou-se que a maioria dos egressos começou a trabalhar em até seis meses (48%), outros 19% se inseriram no mundo do trabalho em até um ano pós-formatura. Dessa forma, conclui-se que

67% conseguiram o primeiro emprego como enfermeiro em até um ano após a formatura. Cabe destacar que 35 (16%) não haviam conseguido inserção no mundo do trabalho até o momento da coleta de dados. Ressalta-se que os resultados na tabela abaixo sofreram influências das respostas dos indivíduos que se formaram muito recentemente. Considerando apenas os profissionais que já tiveram emprego na área, 17% levaram mais de um ano para conseguir seu primeiro emprego como enfermeiro.

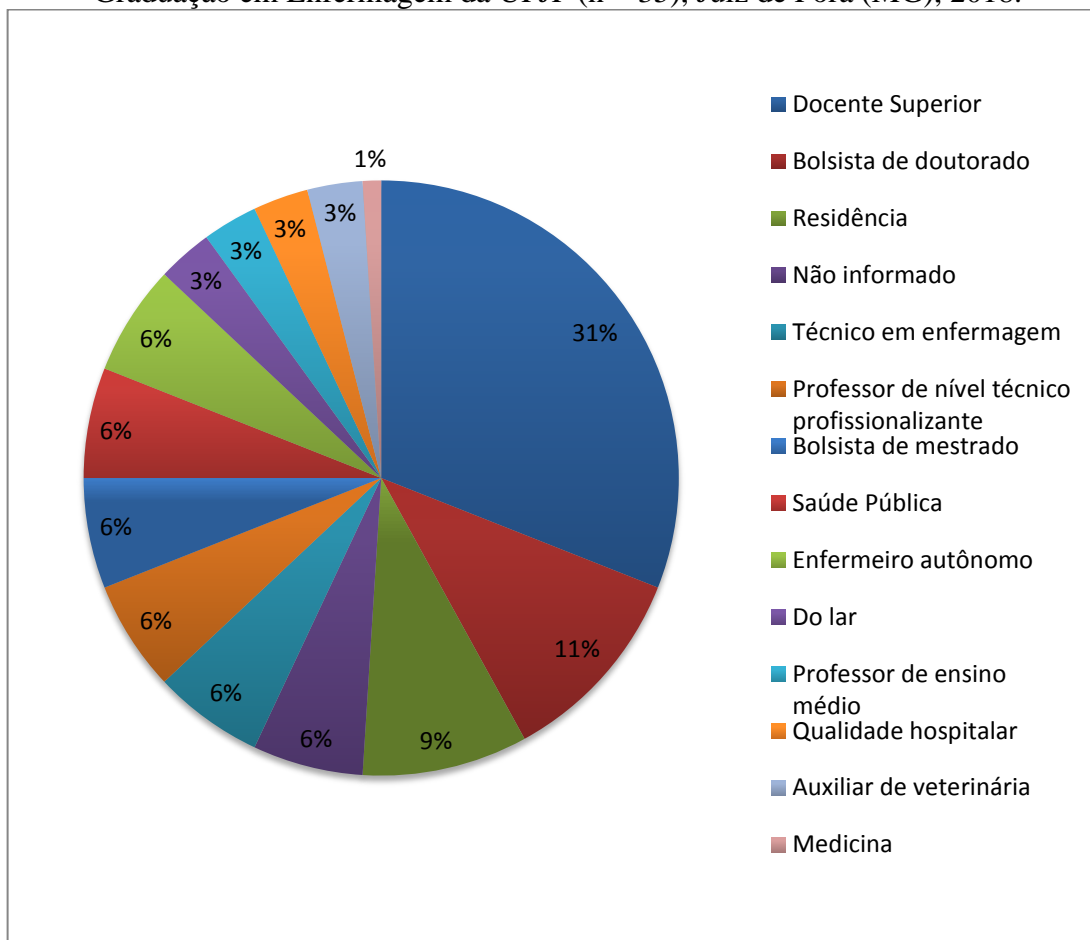
Tabela 3 - Inserção no mundo do trabalho dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da UFJF (n = 216), Juiz de Fora (MG), 2018.

Característica	N	%
Emprego na área da Enfermagem		
Sim, em uma única instituição	110	51%
Sim, em mais de uma instituição	30	14%
Não, estou desempregado	41	19%
Não, pois trabalho em outra profissão	35	16%
Tempo de formado que conseguiu o primeiro emprego como enfermeiro		
Até 6 meses	104	48%
Mais de 6 meses a 1 ano	40	19%
Mais de 1 a 3 anos	30	14%
Mais de 3 a 5 anos	5	2%
Mais de 5 anos	1	0,5%
Não informado	1	0,5%
Nunca tive emprego na área	35	16%

Fonte: Elaborada pela autora

Pode-se observar, por meio dos dados do Gráfico 02, que os respondentes que declaram não atuar na enfermagem, mas que possuíam vínculo empregatício em outras áreas/profissões encontravam-se atuando como docentes de nível superior (31%) e 26% eram bolsistas de residência multiprofissional, mestrado e/ou doutorado. Sublinha-se que, por se tratar de uma questão com a opção “outros”, em que os egressos poderiam especificar em que área ou profissão atuavam, alguns consideraram o fato de estar trabalhando informalmente e/ou ser bolsista de Pós-graduação como atuação fora da enfermagem.

Gráfico 2 - Distribuição percentual de outras áreas/profissões dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da UFJF (n = 35), Juiz de Fora (MG), 2018.



Fonte: Elaborada pela autora

Ao analisar a Tabela 04, verifica-se que dentre os egressos vinculados ao mundo do trabalho, 77 (36%) responderam haver ingressado no atual emprego por concurso público, seguido de 42 (19%), que o fizeram via processo seletivo. Pode-se afirmar, portanto, que 55% se submeteram a alguma avaliação ou algum processo de seleção para se ingressar no atual trabalho. No que tange à natureza da instituição em que trabalhavam no momento da coleta de dados, a maioria (47%) atuava na rede pública e 17 (8%) em instituições privadas. Pontua-se que, dentre os respondentes, quando questionados sobre o vínculo profissional, uma expressiva parcela (55%) era assalariada. Outro fator abordado foi o rendimento mensal. Do total de participantes, 50% possuía uma faixa salarial entre 2 a 7 salários, com média de 4,5 salários mínimos. Já em relação à carga horária semanal de trabalho, 38% declararam trabalhar entre 37 e 44 horas semanais e 3% possuíam carga horária semanal acima de 61 horas.

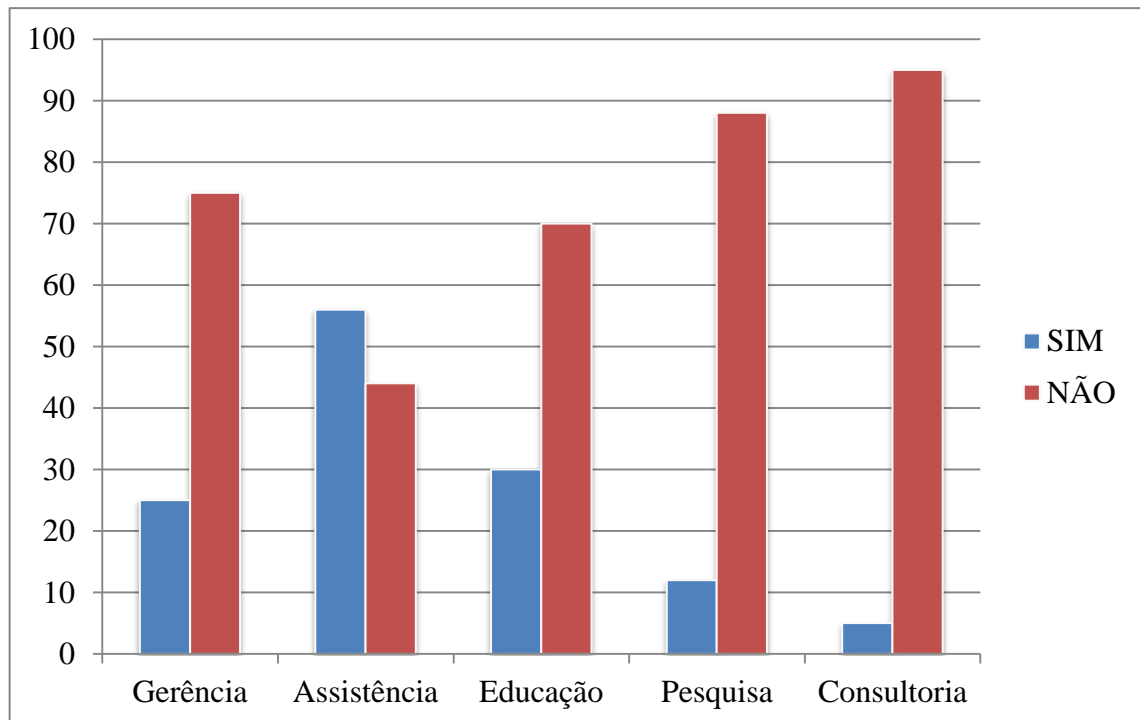
Tabela 4 - Distribuição dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da UFJF segundo características da trajetória profissional (n = 216), Juiz de Fora (MG), 2018.

Trajetória Profissional	N	%
Forma de ingresso no atual emprego		
Concurso Público	77	36%
Processo seletivo	42	19%
Contato direto com a instituição	13	6%
Indicação de amigos/parentes	5	2%
Indicação de profissionais	2	1%
Outros / Não informado	1	0,5%
Não tenho emprego atual na área	76	35%
Natureza da instituição em que trabalha atualmente		
Pública	101	47%
Privada	17	8%
Mista	5	2%
Filantrópica	5	2%
Outra	12	6%
Não tenho emprego atual na área	76	35%
Vínculo profissional		
Assalariado	118	55%
Empregador	4	2%
Profissional autônomo	3	1%
Outro	15	7%
Não tenho emprego atual na área	76	35%
Rendimento mensal em salários mínimos		
Até 2 salários	7	3%
De 2 a 4 salários	56	26%
De 4 a 7 salários	45	21%
De 7 a 10 salários	24	11%
Acima de 10 salários	8	4%
Não tenho emprego atual na área	76	35%
Carga horária total semanal de trabalho		
Até 20 horas	4	2%
De 21 a 36 horas	26	12%
De 37 a 44 horas	82	38%
De 45 a 60 horas	20	9%
Acima de 61 horas	6	3%
Não informado	2	1%
Não tenho emprego atual na área	76	35%

Fonte: Elaborada pela autora

No gráfico 03, nota-se que dentre as áreas de atuação profissional desempenhada pelos egressos, boa parte dos respondentes atuavam na assistência, com 56%, seguido de 30% como educadores e 25% no âmbito da gerência.

Gráfico 3 - Distribuição percentual dos egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da UFJF segundo as áreas de atuação em atividade profissional (n = 140), Juiz de Fora (MG), 2018.



Fonte: Elaborada pela autora

Através do teste qui-quadrado de Pearson (χ^2), foi possível verificar se há associação significativa entre variáveis demográficas categóricas. Foram realizados testes inferenciais para verificar a associação entre as variáveis “ano de conclusão de curso” e o “emprego na área da enfermagem”, calculando o teste χ^2 , considerando um $p < 0,005$. A partir dos dados, identificou-se a associação significativa entre o ano de graduação e o fato de ter ou não emprego. A significância ($p < 0,001$) foi para aqueles que concluíram a faculdade até 2010, havendo, pois, mais pessoas empregadas no interstício de formatura 2007 a 2010 do que 2011 a 2017.

5.3 AVALIAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS REQUERIDAS PARA O EXERCÍCIO PROFISSIONAL, DE ACORDO COM O PRECONIZADO PELAS DCN/ENF.

Buscou-se avaliar o processo de formação profissional e os conhecimentos necessários para o exercício da enfermagem de acordo com o preconizado pelas DCN/ENF, elencando as competências específicas, dispostas em tabelas do tipo Likert, onde os participantes deveriam escolher um dos pontos ou categorias da escala. As questões que compõem a terceira dimensão do questionário foram elaboradas segundo as competências preconizadas para uma formação integral do profissional enfermeiro, com ênfase nos princípios do SUS (VIEIRA, OHARA e DE DOMENICO; 2016). Os resultados descritivos das questões estão dispostos nas tabelas a seguir:

Tabela 5 – Preparação para o exercício de atividades profissionais inerentes à área de atuação, Juiz de Fora- MG, 2018 (n= 216)

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
Q10_1 ¹	4%	8%	7%	51%	30%
Q10_2 ²	4%	9%	11%	46%	30%
Q10_3 ³	8%	24%	37%	23%	8%
Q10_4 ⁴	4%	7%	6%	43%	40%
Q10_5 ⁵	6%	17%	16%	47%	14%
Q10_6 ⁶	3%	12%	19%	49%	17%
Q10_7 ⁷	6%	8%	11%	48%	27%
Q10_8 ⁸	5%	12%	23%	47%	13%
Q10_9 ⁹	6%	10%	22%	40%	22%

Fonte: Elaborada pela autora

¹No processo de saúde-doença, se responsabilizar pela qualidade da assistência/cuidado de enfermagem em seus diferentes níveis de atenção à saúde, com ações de promoção, prevenção, proteção e reabilitação, na perspectiva da integralidade da assistência.

²Prestar cuidados de enfermagem compatíveis com as diferentes necessidades apresentadas pelo indivíduo e pela família

³Atuar nos programas de assistência integral à Saúde do Homem.

⁴Atuar nos programas de assistência integral à Saúde da Mulher.

⁵Atuar nos programas de assistência integral ao Recém-nascido.

⁶Atuar nos programas de assistência integral à Saúde da Criança e do Adolescente.

⁷Atuar nos programas de assistência integral à Saúde do Adulto.

⁸Atuar nos programas de assistência integral à Saúde do Idoso.

⁹Utilizar referenciais teóricos e metodológicos, com ênfase no Processo de Enfermagem e na Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE).

Observa-se nove itens relacionados à preparação para as atividades inerentes à profissão da enfermagem. Houve prevalência (51%) dos que concordaram que a graduação os habilitou para uma assistência efetiva nos diferentes níveis de atenção à saúde, seguidos de 49% que se sentiram aptos para atuar em programas de assistência integral à Saúde da Criança e do Adolescente. Contudo no item 3, relativo a competência para atuar nos programas de assistência integral à Saúde do Homem, houve objeções, com 24% (discordo) e 37% (nem concordo, nem discordo), respectivamente.

Tabela 6 - Preparação para assistir o ser humano na sua integralidade, Juiz de Fora- MG, 2018 (n= 216)

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
Q11_1 ¹⁰	4%	11%	10%	44%	31%
Q11_2 ¹¹	6%	8%	15%	46%	25%
Q11_3 ¹²	4%	6%	14%	46%	30%

Fonte: Elaborada pela autora

Com relação à preparação para assistir o paciente de forma integral, observa-se a prevalência de respostas positivas nos itens acima, com 75%, 71% e 76%, respectivamente, dos respondentes concordando e concordando totalmente que a graduação os instrumentalizou para tomar decisões e intervir nos problemas de saúde, bem como para promover estilos de vida saudáveis nas comunidades atendidas, se reconhecendo, portanto, como agente de transformação social.

Tabela 7 - Preparação para as questões éticas ao exercício da profissão, Juiz de Fora- MG, 2018 (n= 216)

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
--	---------------------	----------	----------------------------	----------	---------------------

¹⁰Atuar de forma a garantir a integralidade da assistência, entendida como conjunto articulado e contínuo das ações e serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso, em todos os níveis de complexidade do sistema.

¹¹Tomar decisões e intervir sobre os problemas de saúde e de enfermagem diagnosticados.

¹²Promover estilos de vida saudáveis e conciliar as necessidades tanto dos seus usuários quanto as de sua população adstrita, reconhecendo-se como agente de transformação social.

Q12_1 ¹³	6%	2%	3%	31%	58%
Q12_2 ¹⁴	6%	2%	6%	36%	50%
Q12_3 ¹⁵	6%	2%	3%	29%	60%
Q12_4 ¹⁶	5%	5%	8%	35%	47%

Fonte: Elaborada pela autora

Quando avaliados sobre a preparação durante a graduação acerca das questões éticas no exercício da enfermagem, percebe-se que dentre todos os blocos de questões, esse foi o que apresentou maior frequência de respostas positivas. Para os egressos analisados, 58% e 60%, respectivamente, responderam concordar totalmente que durante a graduação aprenderam a respeitar os princípios éticos, legais e humanísticos da profissão, além de zelar pela privacidade do usuário atendido, assegurando o completo sigilo das informações adquiridas durante o atendimento.

Tabela 8 - Preparação técnica e científica, Juiz de Fora- MG, 2018 (n= 216)

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
Q13_1 ¹⁷	5%	16%	21%	39%	19%
Q13_2 ¹⁸	5%	14%	25%	40%	16%

Fonte: Elaborada pela autora

Avaliou-se, também, a preparação técnica e científica para o exercício da enfermagem. Neste bloco de itens, houve uma frequência considerável de respostas com tendência negativa, sendo que 37% dos egressos discordaram ou se posicionaram de forma indiferente, quando questionados se foram capacitados durante a graduação, para planejar e produzir conhecimento científico, através de pesquisas na área da enfermagem. De igual modo, 44% dos respondentes declararam não conseguir aplicar os princípios da prática

¹³Respeitar os princípios éticos, legais e humanísticos da profissão.

¹⁴Gerenciar o processo de trabalho em enfermagem com princípios de Ética e de Bioética.

¹⁵Respeitar a privacidade do usuário, assegurando sigilo e segurança da informação adquirida em situação profissional.

¹⁶Cumprir as Normas dos Conselhos Federal e Regionais de Enfermagem.

¹⁷Planejar e/ou participar de pesquisas e/ou outras formas de produção do conhecimento que objetivem a qualificação da prática profissional.

¹⁸Aplicar os princípios da Prática Baseada em Evidências (PBE) no exercício profissional.

baseada em evidências no exercício profissional. Por outro lado, percebe-se que 40% concordam que o curso os instruiu para a tomada de decisões, utilizando evidências científicas, para aplicar frente aos mais variados contextos de saúde.

Tabela 9 - Preparação para o exercício da cidadania, Juiz de Fora- MG, 2018 (n= 216)

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
Q14_1 ¹⁹	5%	10%	14%	44%	28%
Q14_2 ²⁰	5%	5%	10%	50%	29%

Fonte: Elaborada pela autora

Observa-se, então, que, quando avaliados sobre a preparação para o exercício da cidadania, emerge uma frequência considerável de respostas com tendência positiva. Dentre os egressos, a maioria se sentiu preparada para reconhecer o papel social do enfermeiro em atividades políticas e de planejamento em saúde, coordenando todas as fases do processo de cuidar em enfermagem.

Tabela 10 - Preparação para desenvolver atividades de Educação em Saúde, Juiz de Fora- MG, 2018 (n= 216)

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
Q15_1 ²¹	3%	7%	17%	46%	27%
Q15_2 ²²	3%	5%	17%	49%	26%
Q15_3 ²³	5%	5%	16%	49%	27%

Fonte: Elaborada pela autora

Em relação à avaliação da preparação dos egressos durante a graduação para o exercício de atividades de educação em saúde, nota-se que neste bloco de itens também houve

¹⁹Reconhecer o papel social do (a) enfermeiro(a) para atuar em atividades políticas e de planejamento em saúde.

²⁰Coordenar o processo de cuidar em enfermagem, considerando as atividades próprias da profissão.

²¹Atuar como sujeito no processo de formação de recursos humanos no nível superior, com titulação exigida pela legislação, e nível técnico.

²²Planejar, implementar e participar de programas de Educação Permanente dos trabalhadores de enfermagem e de saúde.

²³Planejar, implementar e avaliar programas de educação e promoção à saúde, considerando a especificidade dos usuários, famílias e população.

uma frequência considerável de respostas com tendência positiva. A prevalência dos egressos de enfermagem que concordaram conseguir planejar, implementar e participar de programas de Educação Permanente no serviço alcançou 75% das respostas. Observa-se, ainda, que uma expressiva parcela dos egressos (73%) afirmou que se considera preparada para atuar como agentes formadores de recursos humanos de nível técnico na área da saúde.

Tabela 11 - Preparação para trabalhar em equipe, Juiz de Fora- MG, 2018 (n= 216)

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
Q16_1 ²⁴	5%	7%	13%	41%	34%
Q16_2 ²⁵	7%	13%	23%	36%	22%

Fonte: Elaborada pela autora

Avaliou-se, também, a capacidade dos egressos para o trabalho em equipe e em grupos interdisciplinares. O item que avaliou a preparação na coordenação de atividades de equipe recebeu respostas mais positivas do que aquele que avaliou a preparação na administração de conflitos entre os membros da equipe de enfermagem e multiprofissional.

Tabela 12 - Preparação para realizar atividades de gestão em saúde, Juiz de Fora- MG, 2018 (n= 216)

	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo, nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
Q17_1 ²⁶	2%	14%	16%	47%	21%
Q17_2 ²⁷	4%	7%	10%	45%	34%
Q17_3 ²⁸	9%	18%	24%	30%	19%

Fonte: Elaborada pela autora

A tabela acima mostra os resultados da avaliação da preparação durante a graduação de enfermagem para a gestão em saúde. Depreende-se que o item que avaliou a

²⁴Coordenar as atividades da equipe de enfermagem.

²⁵Administrar conflitos entre os membros da equipe de enfermagem e multiprofissional.

²⁶Participar da gestão do processo de trabalho em saúde.

²⁷Cooperar com a equipe de enfermagem e multiprofissional.

²⁸Conduzir e ou participar das análises de custo efetividade, custo benefício e custo utilidade de produtos e procedimentos em saúde.

preparação para a coordenação de equipes recebeu respostas mais positivas, que outros itens que avaliavam aspectos de gestão do processo de trabalho em saúde e financeira.

Na aplicação de um questionário que se propôs a avaliar aspectos subjetivos (como competências) e percepções, foi necessário aplicar o teste de Alfa de Crombach, um índice usualmente calculado para verificar a confiabilidade ou a consistência interna de um instrumento como um todo. Dessa forma, foram criados índices a cada bloco de competências requeridas aos profissionais enfermeiros. Estes índices, em seus respectivos blocos, foram avaliados e comparados objetivamente, permitindo compreender as competências mais desenvolvidas na formação dos enfermeiros. Ressalta-se, aqui, que o índice foi criado a partir da soma dos escores das perguntas de cada bloco (considerando 5 = discordo totalmente e 1 = concordo totalmente), transformados para uma escala de 0 a 100. Cabe destacar, também que a escala foi calculada considerando apenas participantes que responderam todas as perguntas do bloco.

São apresentados na tabela abaixo os resultados descritivos, classificados por ordem da menor para a maior média (relembrando que a média menor corresponde a respostas mais positivas):

Tabela 13- Criação de índices gerais para os itens que avaliam competências

Bloco	Competências	Qtde	Média	Mínimo	Máximo	Desvio Padrão	
12	Questões éticas no exercício da profissão	216	19%	0%	100%	26%	Aspectos mais positivos ↑ ↓
15	Exercício de atividades de educação em saúde	214	28%	0%	100%	23%	
14	Preparação para exercício da cidadania	215	28%	0%	100%	25%	
11	Assistência ao ser humano em sua integralidade	215	29%	0%	100%	24%	
16	Preparação para trabalho em equipe	216	32%	0%	100%	26%	
10	Atividades inerentes à profissão	211	33%	0%	100%	20%	
17	Gestão em saúde	216	34%	0%	100%	23%	Aspectos mais negativos
13	Preparação técnica e científica	215	38%	0%	100%	25%	

Fonte: Elaborada pela autora

6 DISCUSSÃO

Quanto à caracterização sócio-demográfica dos egressos, os resultados demonstraram a prevalência do sexo feminino (88%), com média de idade de 29,67 anos. Com relação à cor autodeclarada pelos egressos, houve predomínio da cor branca (66%). Pesquisas têm descrito o perfil sociodemográfico de egressos de enfermagem semelhante ao do presente estudo, com predominância feminina e faixa etária média com profissionais jovens. Nesse sentido, em um estudo realizado por Oliveira, Queirós e Castro (2015), observou-se em pesquisa realizada com 1.164 enfermeiros portugueses, uma média de idade de 31,82 anos e um total de 76,1% do sexo feminino. Os pesquisadores ressaltam, ainda, que, na maioria dos países europeus e americanos, o sexo feminino alcança 90% dos profissionais de enfermagem. De igual modo, em um estudo congênere a este, a partir da percepção dos egressos sobre a formação em enfermagem, Higa *et al.*, (2013) identificou uma predominância do sexo feminino (90,3%) e de idade média de 27 anos. Outro estudo realizado com enfermeiros egressos da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP), no período de 2006 a 2012, verificou que ampla maioria dos participantes era do sexo feminino (92,4%), com média de idade de 29 anos, corroborando os resultados desta pesquisa (PÜSCHEL *et al.*, 2017).

Observa-se, ainda, a predominância feminina na enfermagem que, desde os primórdios da profissão, o cuidado foi visto como algo inerente às mulheres, sendo exercido por muito tempo por irmãs de caridade ligadas a ordens religiosas. Assim, características como obediência, abnegação e caridade eram reforçadas pela cultura patriarcal dominante. Entender as relações de gênero, classe social e etnia, que marcaram o exercício da enfermagem em diversos momentos históricos, permite compreender a presença de estereótipos até hoje verificados na profissão. A presença masculina na assistência de enfermagem somente aconteceu com o surgimento dos hospitais psiquiátricos, que demandavam o uso da força no processo do “cuidar”; porém verifica-se, ainda, baixa inserção masculina na formação em enfermagem (GERMANO, 2011; SOUZA *et al.*, 2014).

Conforme demonstrado neste estudo, verificou-se a predominância de egressos jovens no mundo do trabalho. A faixa etária, entre 26 a 30 anos, insere-se na chamada geração Y, conhecida como “geração do milênio” ou “geração da internet”, devido à familiaridade e à vivência com os avanços tecnológicos e digitais. Apresentam também a característica de serem ávidos por inovações e habituados à crescente diversidade cultural e social (BORTOLAZZO, 2015).

Autores como Costa e Guariente (2017) destacam a crescente inserção das mulheres, com menos de 30 anos ingressando no mundo do trabalho. Contudo, segundo dados apresentados na Síntese de Indicadores Sociais pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população ocupada entre 16 e 29 anos registrou, no ano de 2016, queda de 6,5 pontos percentuais, num total de 3,5 milhões de jovens fora do mundo do trabalho. O documento argumenta que tal fato pode ser explicado, uma vez que a população jovem ainda se encontra em processo educacional, dedicando-se aos estudos complementares à graduação, o que não configuraria desocupação, além da dificuldade de se inserir no primeiro emprego pela falta de experiência prévia, exigida pelos setores empregadores (IBGE, 2017).

Em relação ao local de moradia dos participantes após a graduação, verificou-se que a maioria (56%) permaneceu na cidade em que se formou, Juiz de Fora – MG. Observou-se frequência mais elevada de egressos que permaneceram no Estado de Minas Gerais (76,3%), seguidos de 16,6% que foram residir no Estado do Rio de Janeiro. É importante destacar que dentre as cidades cariocas escolhidas pelos egressos, as que se localizavam na divisa entre os dois estados apareceram com maior frequência nas respostas dos participantes.

Comparado ao estudo de Costa e Guariente (2017), realizado com egressos do curso de Enfermagem da Universidade Estadual de Londrina, demonstrou-se que a maioria (58%) permaneceu na cidade em que se graduaram. Outro estudo, realizado com egressos paulistas, evidenciou que grande parcela dos participantes (95,8%) está inserida na região sudeste do Brasil (PÜSCHEL *et al.*, 2017). Esse dado é equivalente à pesquisa realizada por Silva *et al.*, (2012), que analisou a relação entre a expansão dos cursos de graduação de enfermagem e o mundo do trabalho dos enfermeiros em Minas Gerais. O estudo mostrou o expressivo quantitativo da força de enfermagem inserida no sudeste do país e em regiões mais desenvolvidas do estado de Minas Gerais, como as regiões Centro, Sul e Sudeste.

Nesse sentido, entende-se que dos 27 estados da federação, três são responsáveis pela formação e pela absorção no mundo do trabalho dos enfermeiros no país: São Paulo (24,6%), Rio de Janeiro (11,1%) e Minas Gerais (10,4%). Com a concentração expressiva de enfermeiros nas regiões mais desenvolvidas do Brasil, evidencia-se a escassez de profissionais em regiões mais carentes como Norte e Nordeste, provocando desigualdades de cobertura assistencial de saúde nessas localidades. Dessa forma, as regiões Sudeste e Sul apresentam índices de relação egresso/habitante dos cursos na área da saúde melhores, com saturação de profissionais enfermeiros, enquanto as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste concentram índices abaixo do recomendado (MACHADO *et al.*, 2016a; TEIXEIRA *et al.*, 2013).

No que diz respeito às atividades extra-acadêmicas realizadas pelos egressos investigados, houve prevalência de 188 (86%) que durante a graduação participaram de programas ou projetos de extensão, ligas acadêmicas (41%), estágio extracurricular (41%) e monitoria (61%). Ressalta-se que a FACENF/UFJF oferece em seu programa curricular, além das atividades de ensino, atividades como extensão universitária, programas de monitoria, estágios não obrigatórios, programas de iniciação científica, disciplinas opcionais em outros departamentos da UFJF, cursos de línguas estrangeiras e informática, valorizando o processo de construção da aprendizagem pelos discentes (PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM, 2014).

Em seu estudo, Canever *et al.*, (2014) apontam que os egressos de enfermagem avaliados concordaram que as atividades extra-acadêmicas são momentos significativos de aprendizagem fora de sala de aula, pois podiam vivenciar na prática a elaboração e a execução de projetos de pesquisa, além de permitirem aos discentes a definição de estratégias de ação no campo prático. Nessa mesma direção, Vieira *et al.*, (2014) cita, por exemplo, a importância das atividades de extensão universitária para o alcance de uma formação crítica, criativa e resolutiva, voltada para o atendimento das mais variadas demandas sociais de saúde que os egressos de enfermagem irão vivenciar quando inseridos no mundo do trabalho. Os autores destacam, ainda, que na elaboração dos programas curriculares, as instituições de ensino têm destinado no mínimo 10% do total de créditos para atividades extra-acadêmicas, conforme recomendado pelo Plano Nacional de Educação, Lei nº 10.172. Em contrapartida, apesar do aumento verificado de atividades de extensão observadas nas universidades, Ferreira e Nascimento (2017) destacam que na enfermagem a atuação e a produção de grupos de pesquisa ainda são incipientes. Espera-se, portanto, uma maior mobilização do meio acadêmico, com o objetivo de efetivar na prática a associação preconizada pelas DCN/ENF entre a educação, pesquisa e extensão universitária.

Para Colenci e Berti (2012) torna-se relevante o oferecimento, por parte das universidades, de atividades extra-acadêmicas, pois se tem verificado nos processos de seleção a valorização, por parte dos empregadores, que estão pontuando os candidatos que participaram na vida acadêmica de tais atividades ou que apresentem publicações e participações em eventos e congressos científicos. Isso demonstra um novo comportamento dos empregadores, que cada vez mais buscam profissionais comprometidos com seu próprio conhecimento e que possam ser resolutivos no ambiente de trabalho.

Com relação à trajetória acadêmica, verificou-se que ocorreu grande procura por cursos de especialização *Lato Sensu*, com 43% dos egressos que concluíram ou estavam

cursando essa modalidade. No presente estudo, os dados revelam uma expressiva parcela de participantes inseridos ou que já haviam concluído a pós-graduação *Stricto Sensu* no Programa de Mestrado Acadêmico (32%), enquanto 11% estavam cursando ou já haviam concluído o doutorado. Acredita-se que tal fato esteja relacionado à FACENF/UFJF possuir o Programa de Mestrado Acadêmico em Enfermagem, desde o ano de 2010, absorvendo os alunos graduados pela Faculdade.

Quando comparamos esses dados a estudos congêneres, observamos que nos estudos de Püschel *et al.*, (2017) e Colenci e Berti (2012) houve uma procura por cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu* de 63,9% e 62,5%, respectivamente, valor superior ao encontrado nessa pesquisa. Ademais, o número de participantes que ingressaram no mestrado é 24,3% no estudo de Püschel *et al.*, (2017) e apenas um egresso, num total de 104 no estudo de Colenci e Berti (2012).

Em uma pesquisa que buscou analisar os aspectos gerais da formação profissional dos trabalhadores da equipe de enfermagem no Brasil evidenciou-se que 80% dos enfermeiros no país fez ou já fizeram alguma Pós-Graduação. Da mesma forma, a modalidade de especialização *Lato Sensu* é a mais procurada pelos enfermeiros, disponibilizada de forma hegemônica pelas instituições privadas. Assim, o poder público não se responsabiliza pela formação especializada dos seus trabalhadores que atuam em grande parte nas redes de atenção do SUS (MACHADO *et al.*, 2016a).

Por esse ângulo, existem duas modalidades de Pós-Graduação, definidas pelo Conselho Federal de Educação, Parecer 977/65: *Lato Sensu* (especializações) e *Stricto Sensu* (mestrado e doutorado). As modalidades diferem-se quanto a aspectos de amplitude e de profundidade nos estudos e na geração de pesquisas, sendo o Mestrado e Doutorado destinados a formar pesquisadores e profissionais interessados em seguir carreira acadêmica. É importante destacar que a criação de Programas de Mestrado e Doutorado voltados para a Enfermagem possibilitou a cientificidade da profissão, bem como o aumento de produções nacionais e internacionais na área da assistência (ROLIM *et al.*, 2013; MACHADO *et al.*, 2016a). Nessa perspectiva, muitos profissionais enfermeiros relataram que buscaram realizar o Mestrado e/ou Doutorado pela possibilidade de progressão salarial, ascensão social e produção de pesquisas aplicada à prática profissional (JESUS *et al.*, 2013).

A caracterização da trajetória e da inserção profissional dos egressos do curso de Enfermagem da UFJF é revelada nesta pesquisa. Ao avaliar a situação formal de trabalho e a inserção dos participantes no mundo laboral, constatou-se que 65% trabalhavam como enfermeiros e 19% estavam desempregados. O estudo evidenciou, também, que 16% dos

egressos estavam exercendo atividades laborativas em outras áreas e/ou profissões. Um estudo semelhante mostra que 85,1% dos respondentes exerciam a enfermagem e que 14,9% estavam trabalhando em outra área ou atividades (HIGA *et al.*, 2013). Dados equivalentes, no estudo de Costa e Guariente (2017) relatam que 79,5% exerciam a profissão. Contudo, Colenci e Berti (2012) em sua pesquisa, evidenciaram que uma parcela expressiva dos egressos avaliados (55,76%) não havia conseguido ingressar no mundo do trabalho até o momento da realização da coleta de dados.

É pertinente esboçar que atualmente observa-se uma redução dos postos de trabalho formais, com conseqüente redução de salários e precarização das relações trabalhistas, sendo comum na enfermagem a prática de múltiplos vínculos empregatícios por alguns profissionais para tentar sanar os baixos salários, o que acaba acarretando prejuízos para a saúde desses trabalhadores (NETO *et al.*, 2014; GRIEP *et al.*, 2013). Diante da crise econômica e política enfrentada pelo país, somada às medidas de austeridade fiscal implementadas pelo governo federal, tem-se efeitos negativos para diversos setores e postos de trabalho, dentre eles a enfermagem e outras profissões da saúde. Percebe-se, portanto, o aumento da taxa de desemprego, especialmente nas grandes cidades, a redução de empregos com vínculo formal e a diminuição da renda familiar e, ainda, a redução do valor do salário mínimo (VIANA e SILVA; 2017).

Dos egressos que preferiram atuar como enfermeiros ou que já haviam trabalhado na área, 48% relataram que foram inseridos no mundo do trabalho com menos de seis meses de formado, seguidos de 33% que iniciaram a vida profissional com seis meses a três anos, após a graduação. Corroborando com os dados, em estudo realizado com 172 egressos da EEUSP, nota-se uma prevalência de 52,9% que inseriram no mundo do trabalho com menos de seis meses depois da formação, seguidos de 38, 3% com seis meses a três anos de formação (PÜSCHEL *et al.*, 2017).

Acredita-se que o prestígio e a qualidade da formação em instituição pública de ensino, somados a experiências anteriores dos egressos em atividades extra acadêmicas, favoreçam a inserção precoce no primeiro emprego. O estudo de Jesus *et al.*, (2013) ratifica com tal afirmativa, destacando que os empregadores optam por escolher os profissionais que julgam mais capacitados, baseando-se muitas das vezes na formação pregressa do candidato, ou seja, valorizam os que apresentam melhor formação acadêmica e maior experiência adquirida durante as atividades e os estágios extracurriculares.

Identificou-se neste estudo, 35 egressos que declararam trabalhar em outras áreas/profissões que não a enfermagem. No entanto, em suas respostas, alguns egressos

podem ter associado o fato de não estar trabalhando diretamente ou com vínculo formal na assistência, como atuação fora da enfermagem, verificada pelo contingente de 26% que se declaram bolsistas de Pós-graduação *Stricto Sensu* e residência e 6% como enfermeiros autônomos. Comparado ao estudo de Costa e Guariente (2017), percebeu-se que entre os egressos que não estavam exercendo a enfermagem, 27,8% estavam inseridos em cursos de Pós-graduação *Stricto Sensu* com auxílio de bolsa estudantil e 2,7% trabalhavam em outro ramo profissional. Os autores apontam que dentre os motivos relatados pelos participantes, a baixa remuneração, as melhores oportunidades em outras áreas e os problemas familiares foram os motivos para o distanciamento da profissão (COSTA e GUARIENTE, 2017).

A insatisfação dos profissionais nos serviços de saúde, somada à presença de fatores estressantes no ambiente de trabalho, assédio moral por parte da equipe ou do empregador, rotatividade de funções, precarização da profissão, baixos salários e cargas horárias exaustivas são alguns dos motivos comuns que estão levando o enfermeiro ao abandono da profissão. Torna-se necessária a identificação precoce desses fatores desencadeantes de insatisfação profissional, com o intuito de realizar a incorporação de ações que favoreçam a promoção da continuidade e da qualidade no ambiente de trabalho. Ressalta-se, também, o fato de recém-formados optarem pelos cursos de pós-graduação *Stricto Sensu*, após a graduação, almejando uma melhor qualificação com consequente estabilidade financeira e status social (BORDIGNON, *et al.*, 2015; RAMOS *et al.*, 2016; COSTA e GUARIENTE, 2017).

Com relação à natureza das instituições em que os participantes estavam trabalhando, 47% se encontravam na rede pública e 8% na rede privada de saúde. No que diz respeito à forma de inserção dos participantes no atual emprego, 36% ingressaram através de concurso público e 19% por processo seletivo. Autores como Ribeiro *et al.*, (2014) destacam que os profissionais de enfermagem ocupam 41,9% do total de trabalhadores formais no país, sendo 17,1% enfermeiros, 23,8% técnicos de enfermagem e 59,1% auxiliares de enfermagem.

No estudo de Püschel *et al.*, (2017) avaliou-se a forma de ingresso nos três primeiros empregos dos participantes e, de forma inversa a este estudo, mostrou-se a prevalência de (47,1%, 58% e 57%, respectivamente) através de processo seletivo e (24,1%, 26% e 29%, respectivamente) por meio de concurso público. Já no estudo realizado por Costa e Guariente (2017), classificou-se a forma de ingresso no mundo do trabalho pelos participantes da seguinte forma: temporário, permanente, indicação e serviço autônomo. Os resultados demonstraram que 75% ingressaram por meio de contratação temporária, 19,8%

em empregos permanentes, 2,6% por meio de indicação de colegas ou parentes e 2,6% de forma autônoma.

As dificuldades que os recém graduados enfrentam quando tentam se inserir no mundo do trabalho, como a falta de experiência prévia, a saturação de profissionais em algumas regiões, a diminuição de vagas ou simplesmente a incompatibilidade de perfil exigida pelos empregadores, fazem com que muitos optem pela prestação de concursos públicos. Contudo, os egressos da graduação em enfermagem precisam estar bem preparados para a realização de concursos, o que exige muitas vezes, abdicar e esforço para o alcance da sonhada estabilidade profissional. Também é importante para qualquer profissional possuir uma boa rede de relacionamentos interpessoais e postura profissional, o que pode facilitar a inserção no mundo do trabalho (JESUS *et al.*, 2013).

Quanto ao tipo de vínculo de trabalho que possuíam na atual ocupação, 55% eram assalariados ou trabalhadores formais e apenas 1% eram autônomos. Segundo dados da Síntese de indicadores sociais do IBGE, em termos percentuais, no período de 2012 a 2016, houve um aumento da desocupação, com queda nos vínculos formais de trabalho, atingindo o índice de 49,8%. Os trabalhadores informais (sem carteira assinada) somaram 18,5% e o trabalho autônomo registrou crescimento, atingindo o índice de 24,7%. Ressalta-se que os trabalhadores formais são assegurados pela previdência social, além de possuírem a garantia de direitos previdenciários como aposentadoria, licenças médicas, férias, décimo terceiro entre outros (IBGE, 2017). Portanto, observa-se que os resultados deste estudo não acompanham os dados apresentados pelo IBGE em relação aos trabalhos informais ou autônomos, podendo inferir que os profissionais enfermeiros buscam vínculos empregatícios que permitam a estabilidade econômica e profissional.

O aumento da informalidade significa que a população ocupada está menos protegida desses direitos (IBGE, 2017). De acordo com a Organização Internacional do Trabalho – OIT (2016), o trabalho informal não é regido pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), o qual não está atrelado aos pagamentos de impostos e aos benefícios previdenciários. Dentro desse grupo, existe também o trabalho autônomo, caracterizado pela não contribuição obrigatória para a seguridade social, no qual o profissional trabalha por conta própria, administrando seus horários e recursos.

Acerca do rendimento mensal em salários mínimos dos egressos, os dados apontam que 47% recebiam de dois a sete salários, com média de 4,5 salários. Apenas 4% dos participantes tinham renda mensal acima de dez salários e 3% ganhavam até dois salários mínimos. Destaca-se que o salário mínimo no país vigente à época da coleta de dados estava

fixado em R\$ 937,00 (US\$ 297,39 na moeda americana). Nos dados de Costa e Guariente (2017) houve prevalência de 85,7% dos egressos que referiram ganhar de dois a sete salários mínimos por mês, seguido de 12,9% que recebiam acima de sete salários e apenas 1,4% dos participantes ganhavam até dois salários mínimos. O rendimento mensal médio do enfermeiro, em pesquisa que buscou analisar os aspectos gerais do mundo do trabalho da equipe de enfermagem, mostrou média salarial de R\$ 3.000,00 reais, um valor muito inferior a outras profissões da área da saúde. Todavia, a média salarial da enfermagem ainda encontra-se superior ao rendimento médio da população ocupada no país, que atualmente é de R\$ 945,20 (MACHADO *et al.*, 2016b; RIBEIRO *et al.*, 2014).

Acredita-se que, devido ao crescimento desordenado de faculdades de Enfermagem no país, principalmente nas regiões Sudeste e Sul, lançou-se no mundo do trabalho, uma ampla parcela de egressos, o que acabou gerando a saturação profissional e a redução salarial nessas regiões. Com isso, muitos profissionais ingressam em trabalhos com salários e condições insatisfatórias, com extensa carga horária, o que perpetua as relações de subemprego e precarização trabalhista (NETO *et al.*, 2014).

Foi possível perceber que 38% dos egressos declararam possuir uma carga horária de 37 a 44 horas semanal de trabalho. Já 9% disseram trabalhar entre 45 e 60 horas. Apenas 12% dos respondentes possuíam carga horária de 21 a 36 horas. Em um estudo envolvendo 3.229 enfermeiros dos dezoito maiores hospitais públicos no município do Rio de Janeiro, Griep *et al.*, (2013) constatou que 53,8% referiram trabalhar 30 a 60 horas semanais e 34,9% acima de 60 horas por semana, revelando a carga excessiva de trabalho a que esses profissionais estão expostos. Nesse sentido, o acúmulo de horas trabalhadas, relacionado ao multiemprego, além de trazer sofrimento mental e físico para o trabalhador, configura-se como risco ocupacional por acarretar prejuízos à saúde. A carga excessiva de trabalho da enfermagem causa, ainda, além de danos ao profissional, a ocorrência de erros na assistência pelo esgotamento do enfermeiro, estando associada à mortalidade de pacientes quando a carga horária ultrapassa 30 horas semanais (SILVA, *et al.*, 2012; GRIEP *et al.*, 2013; LESSA e ARAÚJO, 2013).

Tramita no Congresso Nacional, desde o ano 2000, o projeto de lei que estabelece uma jornada de trabalho semanal de 30 horas para os profissionais da enfermagem. Contudo, por desinteresse de setores políticos e do mercado e por passividade da categoria da enfermagem, o Projeto de Lei 2295/2000 encontra-se estagnado. Percebe-se, também, na enfermagem brasileira, a falta de mobilização política para reivindicação de direitos, o que impossibilita o alcance de lutas históricas travadas pela profissão, como a autonomia e o

reconhecimento profissional e atualmente a regulamentação da jornada de trabalho (LESSA e ARAÚJO, 2013).

No que concerne à atividade profissional predominante no serviço, o questionário permitiu aos egressos a possibilidade de múltipla escolha. Houve prevalência de atuação na área assistencial (56%), educação (30%), gerência (25%), pesquisa (12%) e com apenas 5% dos egressos atuando como consultores, prevalecendo, portanto, a atuação profissional na área da assistência, não corroborando com os achados de Püschel *et al.*, (2017), que apontou 66% dos egressos na assistência, 15% na área administrativa e 12% na área educacional. No estudo de Costa e Guariente (2017), verificou-se que a maioria dos participantes estava atuando como enfermeiros assistenciais (81,4%), administrativa/gerencial (55,7%), pesquisa (15,7%) e ensino (14,3%).

A enfermagem em seu processo de trabalho, além da atuação na assistência direta aos pacientes também pode exercer funções administrativas/gerenciais, como educador em saúde ou na formação de outros profissionais e na pesquisa. Recomenda-se que essas quatro dimensões profissionais se articulem de forma indissociável. Porém, ainda se verifica a prevalência de escolha pelos egressos pela área assistencial pela possibilidade do cuidado direto ao paciente. Apesar do aumento verificado nos últimos anos em relação à produção de pesquisas e a geração de inovação tecnológica, as pesquisas científicas ainda são insuficientes ao preconizado pelas DCN/ENF e para o fortalecimento da cientificidade no cuidado de enfermagem (PRESOTTO, 2014; FERREIRA e NASCIMENTO, 2017).

Os resultados deste estudo apontaram que houve associação significativa entre o ano de graduação e ter ou não emprego, com significância ($p < 0,001$) para os egressos que concluíram a faculdade até 2010. Houve um aumento considerável de enfermeiros brasileiros formados nas últimas décadas, resultado do crescimento do número de vagas criadas por instituições de ensino privadas, com conseqüente redução dos postos de trabalho. Dessa forma, observa-se, principalmente nos grandes centros do Sudeste brasileiro, um acúmulo de profissionais disponíveis que, ao concluírem a graduação, enfrentam dificuldades de inserção no mundo do trabalho. Conseqüentemente, com o aumento do contingente de profissionais disponíveis, atrelada à crise econômica, ocorre a precarização das relações trabalhistas, com redução de salários, cargas horárias exaustivas e condições insalubres de trabalho (MACHADO *et al.*, 2016b; OLIVEIRA *et al.*, 2018).

Com o objetivo de nortear a formação do profissional enfermeiro que atualmente se gradua em cinco anos, as DCN/ENF que datam do ano de 2001, orientam a qualificação generalista, humanista, crítica e reflexiva do egresso que poderá atuar em ambientes e

cenários variados, valendo-se de competências que foram ensinadas e estimuladas durante a graduação. Por conseguinte, e em conformidade com o preconizado pelas DCN/ENF, as instituições de ensino superior têm buscado uma formação voltada para as demandas da sociedade e do mundo do trabalho, com base no desenvolvimento de competências profissionais pelos estudantes. Neste cenário, o uso das metodologias ativas ganha destaque ao romper com a aprendizagem mecânica e possibilitar a autonomia e o desenvolvimento de competências aos discentes no processo de ensino aprendizagem. Assim, através de reorientações de marcos pedagógicos e metodológicos, na atual conjuntura, tem-se buscado superar o paradigma da transmissão de conhecimentos, pelo estímulo de competências (MENDONÇA *et al.*, 2016).

Atualmente, a gestão do sistema educacional europeu, bem como os países latinos americanos, propõe a formação baseada em competências não apenas para o mundo do trabalho, mas para a vida. Dessa maneira, para a formação dos profissionais estão incorporados preceitos de competências para o desenvolvimento humanístico, ético, estético e afetivo. Através da integração entre teoria e prática, busca-se a construção do aprendizado autônomo e responsável, voltado para a solução de problemas (LIZARRAGA, 2010; GÓMEZ, 2018). Nessa lógica, é importante destacar que a educação centrada no desenvolvimento de competências, segundo a Organização Mundial para a Educação das Nações Unidas, Ciência e Cultura (UNESCO), deve ancorar-se no desenvolvimento de quatro eixos fundamentais: aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a conviver e trabalhar de maneira conjunta para a resolução de problemas nos mais variados contextos de saúde (UNESCO, 2010).

Os resultados deste estudo, ao analisar junto aos egressos o processo de formação contemplando o desenvolvimento de competências, conforme estabelecido pelas DCN/ENF, demonstrou que 81% dos participantes concordaram que a graduação os habilitou para uma assistência integral efetiva nos diferentes níveis de atenção à saúde. Nessa direção, os dados da presente pesquisa corroboram a pesquisa realizada por Püschel *et al.*, (2017), onde 62% dos estudantes concordaram que a graduação possibilitou o desenvolvimento de ações de promoção, prevenção, proteção e reabilitação, sob a perspectiva da integralidade.

Em seu estudo, que buscou apreender a percepção de gestores de serviços de Enfermagem de instituições empregadoras a respeito das competências necessárias à formação profissional, Meira e Kurcga (2015c) destacam na fala de gestores da Atenção Básica, a importância para uma formação generalista e comprometida com os princípios e diretrizes do SUS.

Apesar dos egressos deste estudo sentirem-se preparados para prestar assistência integral à saúde, com base na prevenção e na promoção em saúde, os resultados demonstraram que pouco menos da metade se sentem aptos para atuar em programas de assistência integral à Saúde da Criança e do Adolescente e, mais da metade, não sabia responder ou não sentia preparada para atuar nos programas de assistência integral à Saúde do Homem. Estudo semelhante realizado com egressos de enfermagem, cujo objetivo consistiu na avaliação da formação nas diferentes áreas em que o curso se organizava e o quanto este o instrumentalizou para a atuação profissional em programas, verificou-se que as áreas que foram mais bem avaliadas pelos estudantes foram a saúde coletiva, saúde da mulher, saúde da criança e do adolescente e as de enfermagem fundamental (RODRIGUES; CONTERNO e GUEDES, 2015). Os autores a partir dos resultados encontrados apontam para a relevância da aprovação das DCN/ENF de 2001, que tem possibilitado a formação de enfermeiros aptos a atuar em programas e nas políticas de saúde baseadas na promoção e prevenção de agravos nas coletividades. A partir da promulgação das diretrizes, houve a ingressão de disciplinas voltadas para a formação de profissionais generalistas em saúde.

A formação norteada pelo SUS perpassa pelo princípio da integralidade da assistência. Os dados demonstraram que a maioria dos egressos em nosso estudo concordou ter recebido formação suficiente para assistir o ser humano em sua integralidade, com capacidade de tomada de decisões e para intervir sobre os problemas de saúde.

Autores como Meira e Kurcgant (2015c), em seus achados, descrevem que os gestores hospitalares analisados, procuram por profissionais capazes de solucionar problemas que surgem no processo do cuidar em enfermagem, em uma perspectiva sistêmica. Os pesquisadores expressam, ainda, que os enfermeiros recém-formados demonstraram dificuldades frente à resolução de problemas no cuidado clínico especializado, considerando que as instituições de ensino dão maior ênfase à formação generalista e àquela voltada para a integralidade. Neste contexto, cabe destacar que durante a graduação o estudante de enfermagem é preparado para atuar em diversos contextos da atenção à saúde, sem, contudo, se especializar, momento este reservado a outra etapa do processo formativo. Além disso, segundo Lunney e colaboradores (2011), o bom desempenho do enfermeiro em suas funções, bem como o desenvolvimento de determinadas competências profissionais está atrelado a exposições repetidas a variados contextos e situações durante sua carreira.

Em relação à preparação durante a graduação para atuar frente às questões éticas, legais e humanísticas da profissão, observou-se, no presente estudo, maior frequência de respostas positivas dos egressos, que reportaram se sentir aptos ao gerenciamento do trabalho

em enfermagem sustentados nos princípios da ética e da bioética. O estudo finlandês de Kajander-Unkuri *et al.*, (2014) descreveu o nível de competência de 154 graduandos de enfermagem, com base nas auto avaliações de competências. Como resultado, aponta-se o destaque para a capacidade de tomada de decisão guiado por valores éticos (86,8%). Dados equivalentes são observados na pesquisa de Püschel *et al.*,(2017) onde 51 (30%) concordaram totalmente e 102 (59%) concordaram que o curso os preparou para o cuidado ancorado na ética.

A formação do profissional enfermeiro requer o desenvolvimento de um conjunto de competências, como habilidades técnicas inerentes à profissão, além do estímulo à capacidade de raciocínio clínico baseado em evidências científicas, o emprego da comunicação e tecnologias da saúde, além da formação ancorada nos princípios éticos e humanísticos. Contudo, a dimensão ética requer amparo e interligação com a dimensão política e social do fazer da enfermagem, contribuindo para o entendimento da perspectiva transformadora frente ao desenvolvimento individual e coletivo das comunidades em que atua (MENDONÇA *et al.*, 2016; MEIRA e KURCGANT, 2015c).

No que diz respeito à formação norteada pelos princípios da prática baseada em evidências (PBE), no exercício profissional, garantindo a melhoria da assistência, 44% dos egressos entrevistados declararam não conseguir aplicar os princípios da PBE no exercício profissional. Comparado ao estudo de revisão sistemática de Missen, Mckenna e Beauchamp (2016) que analisou as percepções de experientes enfermeiros australianos em relação à competência clínica de novos graduandos de enfermagem, apenas uma pequena porcentagem dos participantes mostrou-se satisfeita com a proficiência dos graduandos em aplicar evidências científicas para embasar a prática profissional.

Identificou-se que, quando avaliados sobre a preparação para o exercício da cidadania, houve uma frequência considerável de respostas com tendência positiva. Com base nos resultados, pode-se inferir que os egressos reconhecem o papel social do enfermeiro, como coordenador do processo do cuidar e como agente político na promoção da saúde.

Em um estudo de intervenção de Mendonça *et al.*, (2016), ao analisar o desenvolvimento das competências de estudantes de diferentes áreas do conhecimento, a partir de uma proposta metodológica problematizadora, identificou melhorias nas variáveis, a saber, formação política, social e cidadã. Os autores ainda ressaltam que a formação em enfermagem deve ser baseada para o atendimento das demandas em saúde da sociedade, sendo necessário focar temáticas sobre a cidadania e papel social e político da atuação do enfermeiro; preceitos estes que vão ao encontro ao preconizado pelas DCN/ENF e pelo SUS.

Com relação à opinião sobre o preparo durante a graduação para atividades de educação em saúde, observou-se uma frequência de respostas positivas, por parte dos egressos. Os participantes, em sua maioria, declararam que o curso os preparou para exercer atividades de educação permanente em saúde, assim como para atuar na formação de recursos humanos. É pertinente destacar que os resultados desta pesquisa revelaram que a grande maioria dos participantes se qualificou através de especializações e, dentre os que relataram estarem trabalhando em outras áreas/profissões, muitos atuavam como professores de nível superior e/ou técnico.

De forma congênere a este estudo, Püschel e colaboradores (2017) em seus achados, afirmam que 76% dos egressos relataram que foram preparados durante a graduação para planejar e implementar programas de formação contínua de trabalhadores de enfermagem e 86% se sentiram aptos para promover a educação em saúde em diferentes grupos sociais. Confrontando com dados do estudo de Kajander-Unkuri (2014), observa-se que o menor nível de competência avaliado foi a capacidade dos profissionais para gerir o próprio desenvolvimento profissional e também de promover a educação em saúde.

As ações de educação em saúde são parte inerente ao trabalho da enfermagem, visando o autocuidado e a promoção da saúde, seja durante a assistência seja como educador formal. Destaca-se, assim, o papel do enfermeiro como formador de recursos humanos na área da saúde em nível superior e técnico. Para tanto, o profissional que opta pela carreira docente precisa receber formação pedagógica que o qualifique para o exercício profissional, além da busca por formação contínua que embasa a sua prática (RODRIGUES, CONTERNO e GUEDES, 2015). A atualização permanente do profissional de enfermagem assistencial ou educador merece atenção dos gestores do serviço, considerando que a formação inicial tem como foco qualificar enfermeiros generalistas (OLIVEIRA, QUEIRÓS e CASTRO, 2015).

Quanto à preparação recebida durante a graduação para trabalhar em equipe, bem como ser capaz de administrar conflitos entre seus membros, mais da metade dos egressos relataram estar aptos para coordenar as atividades da equipe de enfermagem. No estudo de Nygårdhet *et al.*, (2017) constatou-se que o trabalho em equipe e a capacidade de colaboração foi a competência mais bem avaliada entre os participantes. Porém, em estudo realizado por Mendonça *et al.*, (2016) apontou que a maioria dos estudantes relataram sentir dificuldades no trabalho em equipe e na construção coletiva da aprendizagem.

A formação que incentiva o aluno a trabalhar em equipe, cooperando com todos os membros que a compõem, para o alcance de soluções de problemas, favorece o desenvolvimento de habilidades de liderança, tomada de decisão e de comunicação. Assim,

profissionais que estão aptos a trabalhar em equipes multiprofissionais são capazes de oferecer melhor abordagem e cuidado aos pacientes (Guerra *et al.*, 2014). De acordo com as reflexões de Oliveira *et al.*, (2015), o trabalho em equipe torna-se competência necessária para a formação do enfermeiro, tanto no contexto pedagógico, como em cenários profissionais.

Em relação à preparação dos egressos para a gestão e administração do processo de trabalho em enfermagem, constatou-se que a maioria dos egressos concordou ter recebido formação suficiente para participar da gestão do processo de trabalho em saúde e metade dos participantes entrevistados não se sentiram capacitados para o gerenciamento de recursos físicos e materiais em serviço. Em seus achados, Püschel e colaboradores (2017) relatam que dos egressos analisados, 72% concordaram que a graduação os habilitou para realizar o gerenciamento e a administração da força de trabalho, recursos físicos, materiais e de informação; valor superior ao encontrado pela presente pesquisa.

Os estudos de Rodrigues, Conterno e Guedes (2015) apontam que a área “Administração de Enfermagem” obteve maior frequência do conceito “regular” com 48,5%, em relação às demais áreas de formação do graduando. Os autores destacam que, apesar da área relatada ser de vital importância no cotidiano do trabalho da enfermagem, observam-se lacunas em seu processo de formação, especialmente referente à relação entre teoria e prática, nos métodos avaliativos utilizados e nos métodos de ensino.

Nessa perspectiva, torna-se pertinente discutir a redistribuição ou mesmo o incremento de carga horária destinada ao ensino prático de disciplinas inerentes ao cotidiano da enfermagem, como a Administração. Tal perspectiva remete ao planejamento e à implementação do PPC da graduação em enfermagem, que deve ser revisto de forma contínua, no que tange aos instrumentos teóricos, pedagógicos e práticos das disciplinas, para o alcance da proporcionalidade desejável entre teoria e prática na formação do profissional enfermeiro, além da integração entre todas as disciplinas abarcadas, conforme preconizado pelas DCN/ENF (NYGÅRDH *et al.*, 2017; RODRIGUES, CONTERNO e GUEDES, 2015; MEIRA e KURCGANT, 2015c).

Mediante a percepção dos egressos de enfermagem, pode-se inferir que o curso de graduação, de forma global, possibilitou a aquisição de competências específicas em enfermagem, previstas em seu PPC. Os resultados apresentados permitem identificar a existência de potencialidades e fragilidades nas diferentes competências preconizadas pelas DCN/ENF. Observou-se, que as competências relacionadas à capacidade para assistir o ser humano em sua integralidade, para exercício da enfermagem respeitando os preceitos éticos e bioéticos da profissão, ao exercício da cidadania, para o desenvolvimento de atividades de

educação em saúde e na coordenação de atividades de gestão receberam avaliações mais positivas dos egressos. As competências relacionadas ao exercício de atividades profissionais inerentes a área de atuação da enfermagem, ao planejamento de pesquisas para a aplicação dos princípios da PBE e nas atividades de gestão em saúde obtiveram avaliações mais negativas. Portanto, aponta-se para a necessidade de uma reflexão mais acurada sobre as singularidades que fizeram com que os egressos avaliassem de forma insatisfatória algumas das competências adquiridas durante a graduação.

Cabe destacar que, há cerca de um ano, a minuta das novas DCN/ENF aguarda tramitação no Ministério da Educação para publicação. Esta minuta é fruto de amplos debates, nacionais e estaduais, promovidos pela diretoria de ensino da ABEn. A participação de Minas Gerais na construção da proposta das novas DCN/ENF realizou-se através da formação do Conselho Consultivo de Escolas, Faculdades e Cursos de Enfermagem do Estado, desempenhando um importante papel na definição das competências necessárias ao enfermeiro na contemporaneidade.

7 CONCLUSÃO

Torna-se importante destacar as principais conclusões que surgiram a partir desta pesquisa, que objetivou avaliar as competências e a inserção profissional dos egressos da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora.

A metodologia adotada, a partir do recorte da realidade pela ótica dos egressos, permitiu o alcance dos objetivos propostos ao avaliar as competências profissionais dispostas no PPC, contrapondo com as vivenciadas nos setores de trabalho. Dessa forma, o estudo mostrou-se relevante para a comunidade acadêmica, por ser a primeira pesquisa dedicada a traçar o perfil do egresso formado pela instituição de ensino pública em tela, referência regional e nacional na capacitação contínua e permanente de recursos humanos na enfermagem.

Os achados deste estudo tornam-se instrumentos de consulta para a instituição educacional, cenário de pesquisa, tanto quanto para outras instituições, a fim de respaldar e fornecer contribuições importantes na elaboração e revisão das atividades pedagógicas, ao fornecer informações relevantes sobre a efetividade da formação proposta no PPC, compreendendo as singularidades e a complexidade do processo de inserção dos egressos no mundo do trabalho.

Os resultados encontrados permitiram traçar o perfil sócio demográfico dos egressos, verificando que maioria eram mulheres, com média de idade de 29,62 anos e de etnia branca. Conclui-se ainda que mais da metade dos egressos residia na cidade de Juiz de Fora, após formados, com expressiva parcela profissional qualificada através de especializações *Lato-Sensu* e *Stricto-Sensu*. Foi possível também caracterizar a inserção profissional dos egressos, destacando os principais achados: a maior parte possui vínculo empregatício formal, atuando como enfermeiros assistenciais e inseridos na rede pública de saúde, através de concursos públicos e/ou processos seletivos. Identificou-se também que mais da metade dos egressos analisados declararam ter se inserido no mundo do trabalho em até um ano após a conclusão da graduação. A média salarial identificada foi de 4,5 salários mínimos e a carga horária semanal compreendida entre 37 a 44 horas. Os achados permitiram

identificar a porcentagem de egressos desempregados e os que declararam estar atuando em outras áreas e profissões.

Concluiu-se ainda que, segundo a percepção dos egressos, houve suficiente aquisição de competências para o exercício da enfermagem, proporcionada durante o processo de formação, com destaque para os núcleos e áreas de competências que os instrumentalizaram para o exercício da cidadania, da ética, do cuidado integral e para atividades de educação em saúde. Contudo, algumas competências foram avaliadas de forma insatisfatória, como as relacionadas à atuação em programas de assistência à saúde do homem e do recém-nascido, a produção de pesquisas e na aplicação da PBE no exercício profissional, a capacidade para gerenciar conflitos e na realização de atividades de gestão. Torna-se importante a revisão e reformulação das propostas de ensino aprendizagem, que garanta o ensino das áreas ou núcleos de competência de forma integrada e contínua.

Nesse ponto, cabe destacar o reconhecimento da formação da Faculdade de Enfermagem da UFJF pelos setores de trabalho, quando se verifica a inserção de grande parte de seus alunos com menos de um ano de formação, confirmando a efetividade da proposta de preparar profissionais aptos que atendam à grande demanda do município e da região. A organização curricular proposta pelo curso, baseada nas DCN/ENF e ancorada nos princípios e diretrizes do SUS, possibilita a formação generalista, autônoma, desenvolvendo o raciocínio crítico para proporcionar uma atuação de qualidade, resolutiva e capaz de atuar frente a diferentes níveis de atenção à saúde.

No entanto esta pesquisa apresentou dificuldades, que devem ser consideradas, relativa à taxa de respostas dos egressos. Por se tratar de estudo que utilizou a aplicação de questionários *online* para obtenção de dados, dependendo, assim, da solicitude dos participantes, tivemos ao longo do processo, dificuldades para obtenção de amostra satisfatória, sendo necessário, estender o período de coleta de dados e utilizar técnicas como o *snowball* (bola de neve) para aumentar o alcance de respostas, mas, ao final, conseguimos superar o N recomendado por previsão estatística.

Na literatura existem estudos que traçam o perfil socioeconômico e a inserção laboral de profissionais enfermeiros. Contudo, verifica-se ainda uma reduzida produção científica nacional que analise o processo de formação de forma crítica, orientada pelo crivo do desenvolvimento de competências para atender os princípios e políticas de saúde.

Nesse sentido, o presente estudo viabilizou a descrição das singularidades da formação do enfermeiro, das competências específicas, da inserção no mundo do trabalho e da influência da instituição educacional formadora nesse processo.

Acredita-se que o material produzido por essa pesquisa poderá ser utilizado pela instituição de ensino em tela, bem como por outras instituições, para subsidiar discussões e avaliações das mudanças curriculares já implementadas, possibilitando aos profissionais egressos e aos gestores educacionais a compreensão da responsabilidade social diante da educação superior em Enfermagem.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Aparecida de; NASCIMENTO, Estelina Souto do; CALDEIRA, Valda da Penha. Criação e implantação da Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo -Gestão Celina Viegas. **Revista Mineira de Enfermagem – REME**. Belo Horizonte, v. 8, n. 3, p. 358-363, jul/set. 2004. Disponível em: <http://pesquisa.bvsalud.org/enfermagem/resource/pt/bde-13786>. Acesso em: 20 set. 2017.

ARAÚJO, Maria Aparecida de. História da Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo: gestão Celina Viegas. 2002. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2002.

BAPTISTA, Suely de Souza; FILHO, Antonio José de Almeida; BARBOSA, Tais Silva Corrêa; XAVIER, Maria Lelita. Nexos entre o contexto histórico e a expansão do número de cursos superiores de Enfermagem nas regiões Sudeste e Sul do Brasil. **Revista de Enfermagem Referência**. Coimbra – Portugal, v. 3, n. 1, p. 73-78, jul. 2010. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-02832010000300008. Acesso em: 22 set. 2017.

BORDIGNON, Maiara; MONTEIRO, Maria Inês; MAI, Scheila; MARTINS, Maria de Fátima da Silva Vieira; RECH, Cinthya Raquel Alba; TRINDADE, Letícia de Lima. Satisfação e insatisfação no trabalho de profissionais de Enfermagem da oncologia do Brasil e Portugal. **Revista Texto e Contexto Enfermagem**, Florianópolis, SC, v. 24, n. 4, p. 925-933, out./dez. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/tce/v24n4/pt_0104-0707-tce-201500004650014.pdf. Acesso em: 27 jan. 2018.

BORTOLAZZO, Sandro Faccin. Narrativas acadêmicas e midiáticas produzindo uma geração digital. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2015.

BRANQUINHO, Nayla Cecília Silvestre da Silva. Satisfação dos egressos do curso de graduação em Enfermagem de uma universidade pública. 2012. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, 2012.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB. Diário Oficial da União 23 dez 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 22 set. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Conselho Nacional de Educação Brasil. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES n. 3, de 7 de novembro de 2001. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. **Diário Oficial da União** 2001a; Seção1, Brasília, DF, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Parecer CNE/CES nº. 1133, de 07 agosto de 2001b. Diretrizes curriculares nacionais dos cursos de graduação em enfermagem, medicina e nutrição. **Diário Oficial da União** 2001, Brasília, DF, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/ces1133.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2018.

CANEVER, Bruna Pedroso; GOMES, Diana Coelho; JESUS, Bruna Helena de; SPILLERE, Lia Bortolotto; PRADO, Marta Lenise do; BACKES, Vania Marli Schubert. Processo de formação e inserção no mercado de trabalho: uma visão dos egressos de enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. Porto Alegre, RS, v. 35, n. 1, p. 87-93, mar. 2014. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/43279>. Acesso em: 26 jan. 2018.

CARBOGIM, Fábio da Costa, *et al.* Nursing education in Brazil: A look at holism in care. **Journal of Nursing Education and Practice**. Toronto, Canada, v. 3, n. 2, p. 93-101, fev. 2013. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/journal/index.php/jnep/article/view/1185>. Acesso em: 11 mai. 2017.

CARVALHO, Lilian dos Santos. Uma antiga profissão do futuro: percepções de enfermeiros sobre sua formação e inserção profissional. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências na área de Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Rio de Janeiro, RJ, 2011.

CASTRO, Edna Aparecida Barbosa de. O Ensino da Enfermagem na Universidade Federal de Juiz de Fora e a Prática Profissional do Enfermeiro no Mercado de Trabalho Hospitalar. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Pedagógico da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 1999.

CASTRO, Livia Magalhães Costa. Estudo de egressos de uma Residência de Enfermagem em Terapia Intensiva da Bahia. 2014. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2014.

CEFPEPS - Curso de Especialização em Formação pedagógica para Profissionais de Saúde. Módulo 5 – Tema 5 – Fazendo a gestão da educação na área saúde. Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. 2014.

COLENCI, Raquel; BERTI, Heloísa Wey. Formação profissional e inserção no mercado de trabalho: percepções de egressos de graduação em enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. São Paulo, SP, v. 46, n. 1, p. 158-66. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342012000100022. Acesso em: 25 jan. 2018.

COSTA, Raphael Raniere de Oliveira; MEDEIROS, Soraya Maria de; SANTOS, Viviane Euzébia Pereira; FEIJÃO, Alexsandra Rodrigues; FILHO, João Bosco; ARAÚJO, Marília

Souto de. Positivismo e complexidade: interfaces e influências no contexto do ensino na Graduação em Enfermagem. **Revista Baiana de Enfermagem**. Salvador, BA, v. 31, n. 1, p. 1-9. 2017. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/17067/pdf>. Acesso em: 21 dez. 2017.

COSTA, Talita Vidotte; GUARIENTE, Maria Helena Dantas de Menezes. Enfermeiros egressos do currículo integrado: inserção e atuação profissional. **Journal of Nursing UFPE online**. Recife, PE, v. 11, n.1, p. 77-85, jan, 2017. Disponível em: <http://pesquisa.bvsalud.org/cvsp/resource/pt/bde-30274>. Acesso em: 25 jan. 2018.

CURADO, Maria Alice Santos; TELES, Júlia; MARÔCO, João. Análise de variáveis não diretamente observáveis: influência na tomada de decisão durante o processo de investigação. **Rev. esc. enferm. USP**. São Paulo, SP, v.48, n.1, p. 146-152, fev. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S008062342014000100146&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 01 jul. 2018.

DAN, Cristiane de Sá; CANHETE Reginaldo da Silva; SANTOS Reinaldo dos. Ensino de Enfermagem no Brasil: Contextualização Histórica e Curricular. **Encontro de Ensino, Pesquisa e Extensão – ENEPEX**. 8º ENEPE UFGD – 5º EPEX UEMS. 2014. Disponível em: <http://eventos.ufgd.edu.br/enepex/anais/arquivos/274.pdf>. Acesso em: 20 set. 2017.

DEWES, João Osvaldo. Amostragem em bola de neve e respondent-driven sampling: uma descrição dos métodos. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Estatística) - Departamento de Estatística. Instituto de Matemática. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

DRAGANOV, Patrícia Bover; SANNA, Maria Cristina. Avaliação das competências dos professores de enfermagem para administrar programas educativos para adultos. **Escola Anna Nery- Revista de Enfermagem**. Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 167-174, jan./mar. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v18n1/1414-8145-ean-18-01-0167.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2016.

FADEL, Charles; BIALIK, Maya; TRILLING, Bernie. Educação em quatro dimensões – as competências que os estudantes precisam ter para atingir o sucesso. 1. Ed. Boston, MA: Center for Curriculum Redesign, 2015.

FERNANDES, Josicelia Dumêt; SILVA, Rosana Maria de Oliveira; TEIXEIRA, Giselle Alves; FLORENCIO, Raissa Millena Silva; SILVA, Lázaro Souza da; REBOUÇAS, Lyra Cândida Calhau. Aderência de cursos de graduação em enfermagem às Diretrizes Curriculares Nacionais na perspectiva do Sistema Único de Saúde. **Escola Anna Nery – Revista de Enfermagem (impr.)**, Rio de Janeiro, RJ, v. 17, n. 1, p. 82-89, jan./mar. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452013000100012. Acesso em: 02 fev. 2018.

FERNANDES, Josicelia Dumêt; REBOUÇAS, Lyra Calhau. Uma década de diretrizes Curriculares Nacionais para a graduação em enfermagem: avanços e desafios. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v. 66, n. esp., p. 95-101. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000700013. Acesso em: 02 fev. 2018.

FERRARI, Greicimara Vogt. A importância do coletivo na construção do Projeto Político Pedagógico da instituição escolar. **Revista Perspectiva**. Erechim, Rio Grande do Sul, v. 35, n. 132, p. 159-170, dez. 2011. Disponível em: http://novaescolaclub.org.br/sites/revista_digital/files/a_importancia_do_coletivo_na_construcao_do_ppp_da_instituicao_escolar.pdf. Acesso em: 03 nov. 2017

FERREIRA, Rosa Gomes dos Santos; NASCIMENTO, Jorge Luiz do. Sustentação pedagógica e legislação do ensino/aprendizagem: a formação em enfermagem no Brasil. **Revista SUSTINERE**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 54-67, jan./jun. 2017. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/sustinere/article/view/25551/20920>. Acesso em: 26 dez. 2017.

FIGUEIREDO, Mariangela Aparecida Gonçalves; BAPTISTA, Suely de Souza. Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora: 1977-1979. **Revista Brasileira de Enfermagem**. Brasília, v. 62, n. 4, p. 512-517, jul./ago. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672009000400003 Acesso em: 20 set. 2017.

FRANÇA, Fabiana Claudia de Vasconcelos; MELO, Manuela Costa; MONTEIRO, Sandra de Nazaré Costa; GUILHEM, Dirce. O processo de ensino e aprendizagem de profissionais de saúde: a Metodologia da Problematização por meio do Arco de Magueres. 1. Ed. Brasília: Universidade de Brasília, Faculdade de Ciências da Saúde, 2016.

GALLEGUILLOS, Tatiana Gabriela Brassea; CATANI, Afrânio Mendes. Avaliação da educação superior no Brasil e a expansão da educação superior em enfermagem. **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 37, n. 4, p. 843-860, dez. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S151797022011000400011&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 26 dez. 2017.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos de pesquisa. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GERMANO, Raimunda Medeiros. Educação e ideologia da Enfermagem no Brasil (1955-1980). 5. Ed. São Caetano do Sul, SP: Yendis Editora, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.
GÓMEZ, Gloria Margarita Ruiz. Formación de enfermería por competencias, impacto y tendencias según el mercado laboral entre estados de la República Mexicana. Mérida, Yucatán: Ediciones de la Universidad Autónoma de Yucatán, 2018.

GRIEP, Rosane Härter; FONSECA, Maria de Jesus Mendes da; MELO, Enirtes Caetano Prates; PORTELA, Luciana Fernandes; ROTENBERG, Lucia. Enfermeiros dos grandes hospitais públicos no Rio de Janeiro: características sociodemográficas e relacionadas ao trabalho. **Revista Brasileira de Enfermagem – REBEn**, Brasília, DF, v. 66, n. esp, p. 151-157. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672013000700019&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 26 jan. 2018.

GUERRA, Taline; ANDRADE, Alessandra Helena Gonçalves de; ARAÚJO, Caio Augustus Fernandes; ROMANO, Ana Karolina Ferreira Gonçalves; KOSLOSKI, Rejyane de Mattos Martins; AZATO, Rodrigo; DIAS, Thaís Lemos da Costa. Aquisição de competências e habilidades previstas no perfil profissiográfico do curso de Medicina da Universidade Anhanguera – UNIDERP: percepção do egresso. **Ensaio e Ciência: C. Biológicas, Agrárias e da Saúde**, São Paulo, SP, v. 17, n. 4, p. 59-75. 2014. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/260/26032925006/index.html>. Acesso em: 27 jul. 2018.

HIGA, Elza de Fátima Ribeiro; GOMES, Romeu; CARVALHO, Maria Helena Ribeiro de; GUIMARÃES, Ana Paula Ceolotto; TAPEIRO, Elane de Fátima; HAFNER, Maria de Lourdes MarmoratoBotta; CARVALHO, Sebastião Marcos Ribeiro de. Percepção do egresso de enfermagem sobre a contribuição do curso para o exercício do cuidado. **Revista Texto e Contexto Enfermagem**. Florianópolis, SC, v. 22, n. 1, p. 97-105, jan./mar. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-07072013000100012&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 25 jan. 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de indicadores sociais- uma análise das condições de vida da população brasileira: 2017/IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98965.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2018.

JESUS, Bruna Helena de; GOMES, Diana Coelho; SPILLERE, Lia Beatriz Bortolotto; PRADO, Marta Lenise do; CANEVER, Bruna Pedroso. Inserção no mercado de trabalho: trajetória de egressos de um curso de graduação em Enfermagem. **Escola Anna Nery-Revista de Enfermagem**. Rio de Janeiro, RJ, v. 17, n. 2, p. 336-345, abr./jun. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452013000200019. Acesso em: 26 jan. 2018.

JESUS, Maria Cristina Pinto de; SANTOS, Sueli Maria dos Reis; FIGUEIREDO, Mariangela Aparecida Gonçalves; GAVA, Grazielli Fabiana; PEREIRA, Fernanda de Oliveira. Primeira década do Curso de Enfermagem na Universidade Federal de Juiz de Fora: 1979 -1989. **Escola Anna Nery- Revista de Enfermagem**. Rio de Janeiro, RJ, v. 16, n. 2, p. 255-262, abr./jun. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452012000200007. Acesso em: 21 set. 2017.

JÚNIOR-MARTELLI, Hercílio; MARTELLI, Daniella Reis Barbosa; SIQUEIRA, Fernanda Soares; FERREIRA, Soraia Tuanne; MELO, Jussara; JÚNIOR, Manoel Brito. Perfil dos egressos do curso de odontologia da Universidade Estadual de Montes Claros-Unimontes-Brasil. **Arquivos em Odontologia**, Belo Horizonte, v. 43, n. 4, p. 131-136, out./dez. 2016. Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/arquiosemodontologia/article/view/1556>. Acesso em: 12 mai. 2017.

KAJANDER-UNKURI, Satu; MERETOJA, Riitta; KATAJISTO, Jouko; SAARIKOSKI, Mikko; SALMINEN, Leena; SUHONEN, Riitta; Helena. Self-assessed level of competence of graduating nursing students and factors related to it. **Nurse Education Today**, EUA, n. 34, p. 795-801. 2014. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0260691713003006>. Acesso em: 20 jul. 2018.

LESSA, Andréa Broch Siqueira Lusquinhos; ARAÚJO, Cristina Nunes Vitor de. A Enfermagem brasileira: reflexão sobre sua atuação política. **Revista Mineira de Enfermagem – REME**, Belo Horizonte, MG, n. 17, v. 2, p. 474-480, abr./jun. 2013. Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/664>. Acesso em: 28 jan. 2018.

LIMEIRA, Polyana de Castro; SEIFFERT, Otília Maria Lúcia Barbosa; RUIZ-MORENO, Lidia. O que a literatura científica e os Projetos Político- Pedagógicos revelam sobre a qualidade da educação superior em Enfermagem? **ABCS Health Sciences**, Santo André – SP, v. 40, n. 3, p. 276-285. 2015. Disponível em: <https://www.portalnepas.org.br/abcshs/article/view/808>. Acesso em: 05 dez. 2017.

LIZARRAGA, Maria Luisa Sanz de Acedo. Competencias cognitivas eneducación superior. Madrid: Narcea AS Ediciones; 2010.

LUNNEY, Margaret *et al.* Pensamento Crítico para o alcance de resultados positivos em saúde: análises e estudos de caso em enfermagem. Porto Alegre: Artmed, 2011.

MACHADO, Maria Helena; WERMELINGER, Mônica; VIEIRA, Monica; OLIVEIRA, Eliane de; LEMOS, Waldirlando; FILHO, Wilson Aguiar; LACERDA, Wagner Ferraz de; SANTOS, Maria Ruth dos; JUNIOR, Paulo Borges de Souza; JUSTINO, Everson; BARBOSA, Cintia. Aspectos gerais da formação da Enfermagem: o perfil da formação dos enfermeiros, técnicos e auxiliares. **Revista Enfermagem em Foco**, Brasília, DF, v. 6, n. 2/4, p. 15-34. 2016a. Disponível em: <http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/687>. Acesso em: 26 dez. 2017.

MACHADO, Maria Helena; OLIVEIRA, Eliane de; LEMOS, Waldirlando; LACERDA, Wagner Ferraz de; FILHO, Wilson Aguiar; WERMELINGER, Mônica; VIEIRA, Monica; SANTOS, Maria Ruth dos; JUNIOR, Paulo Borges de Souza; JUSTINO, Everson; BARBOSA, Cintia Barbosa. Mercado de trabalho da Enfermagem: aspectos gerais. **Revista Enfermagem em Foco**, Brasília, DF, v. 7 (ESP), p. 35-62. 2016b. Disponível em: <http://revista.portalcofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/691/301>. Acesso em: 04 fev. 2018.

MARÇAL, Mariane; MARCONSIN, Mariana; XAVIER, Jéssica; SILVEIRA, Lia; ALVES, Valdecyr Herdy; LEMOS, Adriana. Análise dos Projetos Pedagógicos de Cursos de Graduação em Enfermagem. **Revista Baiana de Enfermagem**. Salvador, v. 28, n. 2, p. 117-125, maio/ago. 2014. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/10027/8863>. Acesso em: 03 nov. 2017.

MEIRA, Maria Dyrce Dias; KURCGANT, Paulina. Educação em enfermagem: avaliação da formação por egressos, empregadores e docentes. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 69, n. 1, p. 16-22, jan./fev. 2016a. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v69n1/0034-7167-reben-69-01-0016.pdf>. Acesso em: 11 mai. 2017.

MEIRA, Maria Dyrce Dias; KURCGANT, Paulina. O desenvolvimento de competências ético-políticas segundo egressos de um Curso de Graduação em Enfermagem. **Revista da**

Escola de Enfermagem da USP, São Paulo, SP, v. 47, n. 5, p. 1211-1218. 2013b. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/reeusp/article/view/78081> Acesso em: 02 fev. 2018.

MEIRA, Maria Dyrce Dias; KURCGANT, Paulina. Competências de Egressos Graduados em Enfermagem: Avaliação de Gestores Empregadores. **Revista de Ciências Gerenciais**, Londrina, PR, v. 19, n. 30, p. 60-64, 2015c. Disponível em: <http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/rcger/article/view/3666>. Acesso em: 18 jul. 2018.

MENDONÇA, Erica Toledo de; COTTA, Rosângela Minardi Mitre; LELIS, Vicente de Paula; MOREIRA, Tiago Ricardo; JUNIOR, Paulo Marcondes Carvalho. Integração intercampi no ensino: desenvolvendo competências do profissionalismo. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Brasília, DF, v. 40, n. 3, p. 344-354. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010055022016000300344&script=sci_abstract&tlng=p t. Disponível em: 18 jul. 2018.

MISSEN, Karen; MCKENNA, Lisa; BEAUCHAMP, Alison. Registered nurses' perceptions of new nursing graduates' clinical competence: A systematic integrative review. **Nursing and Health Sciences**, Austrália, v. 18, p. 143-153. 2016. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/26592371>. Acesso em: 20 jul. 2018.

NETO, José Milton Barros; ANJOS, Eliezel Alves dos; SILVA, Sóstenes Ericson Vicente da; TAVARES, Clódis Maria; PEDRO, Aisha Negreiros da Costa. A formação do profissional enfermeiro e o mercado de trabalho na atualidade. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, Brasília, v. 5, n. 1, p.176-93. 2014. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/22834/16382>. Acesso em: 15 nov. 2017.

NEVES, Magda de Almeida. As transformações no mundo do trabalho: crise e desafios.

Revista TRT - 3ªR, Belo Horizonte, v. 27, n. 57, p. 25-33. 1997. Disponível em: https://www.trt3.jus.br/escola/download/revista/rev_57/Magda_Neves.pdf. Acesso em: 20 jul. 2018.

NYGÅRDHA, Annette; SHERWOOD, Gwen; SANDBERG, Therese; REHN, Jeanette; KNUTSSONF, Susanne. The visibility of QSEN competencies in clinical assessment tools in Swedish nurse education. **Nurse Education Today**, EUA, v. 59, p. 110–117. 2017. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/28985548>. Acesso em: 20 jul. 2018.

OECD (2015), *Education at a Glance 2015: OECD Indicators*, OECD Publishing, Paris. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1787/eag-2015-en>. Acesso em: 26 dez. 2017.

OIT. Organización Internacional del Trabajo. Panorama Laboral 2016. Lima: OIT / Oficina Regional para América Latina y el Caribe, 2016. 136 p. Disponível em: http://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---americas/-rolima/documents/publication/wcms_537803.pdf. Acesso em: 27 jan. 2018.

OLIVEIRA, Lilian Tatiane Candia de; LIMA, Paulo Gomes. Cidadania e educação enquanto valor econômico: por uma perspectiva diferenciada. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, n. 54, p. 89-99, dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640170>. Acesso em: 05 fev. 2018.

OLIVEIRA, Luís Miguel Nunes de; QUEIRÓS, Pulo Joaquim Pina; CASTRO, Florêncio Vicente. A competência profissional dos enfermeiros: um estudo em hospitais portugueses. **INFAD Revista de Psicologia**, Badajoz, Espanha, n. 2, v. 1, p. 143-158, 2015. Disponível em: <http://www.infad.eu/RevistaINFAD/OJS/index.php/IJODAEP/article/view/331>. Acesso em: 18 jul. 2018.

OLIVEIRA, Jonas Sâmí Albuquerque de; PIRES, Denise Elvira Pires de; ALVAREZ, Ângela Maria; SENA, Roseni Rosângela de; MEDEIROS, Soraya Maria de; ANDRADE, Selma Regina de. Tendências do mercado de trabalho de enfermeiros/as na visão de gestores. **Revista Brasileira de Enfermagem REBEn**, Brasília, DF, v. 71, n. 1, p. 160-167. 2018. Disponível em: www.scielo.br/pdf/reben/v71n1/pt_0034-7167-reben-71-01-0148.pdf. Acesso em: 22 jul. 2018.

OLIVEIRA, Saionara Nunes de; BERNARDI, Mariely Carmelina; PRADO, Marta Lenise do; LAZZARI, Daniele Delacanal; LINO, Murielk Motta; VICENSI, Maria do Carmo. Professores de enfermagem e o desenvolvimento de competências: reflexões sobre a Teoria de Philippe Perrenoud. **Revista de Enfermagem UFSM**, Santa Maria, RS, v. 5, n. 3, p. 589-596, abr./jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/14498>. Acesso em: 22 jul. 2018.

PAVA, Andrea Macêdo; NEVES, Eduardo Borba. A arte de ensinar enfermagem: uma história de sucesso. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v. 64, n.1, p. 145-151, jan./fev. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-71672011000100021&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 21 dez. 2017.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU Léa das Graças Camargos. *Docência no Ensino Superior*. 5. Ed. São Pulo, SP: CORTEZ Editora, 2014.

PRESOTTO, Giovanna Valim; FERREIRA, Maria Beatriz Guimarães; CONTIM, Divanice; SIMÕES, Ana Lúcia de Assis. Dimensões do trabalho do enfermeiro no contexto hospitalar. **Northeast Network Nursing Journal**, CE, v. 15, n. 5, p. 760-770, set./out. 2014. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/rene/article/viewFile/3237/2492>. Acesso em: 28 jan. 2018.

PÜSCHEL, Vilanice Alves de Araújo; COSTA, Dafeni; REIS, Priscila Patrício; OLIVEIRA, Larissa Bertacchini de; CARBOGIM, Fábio da Costa. O enfermeiro no mercado de trabalho: inserção, competências e habilidades. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 70, n. 6, p. 1288-95, nov./dez. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/reben/v70n6/pt_0034-7167-reben-70-06-1220.pdf. Acesso em: 15 nov. 2017.

RAMOS, Flavia Regina; BARTH, Priscila Orlandi; SCHNEIDER, Ana Maria Masiel; CABRAL, Amanda Santos; REINADO, Jéssica da Silva. Consequências do sofrimento moral em enfermeiros: revisão integrativa. **Cogitare Enfermagem**, Curitiba, PR, v. 21, n. 2, p. 01-13, abr./jun. 2016. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/45247>. Acesso em: 27 jan. 2018.

REIS, Francisco José Candido dos; PANÚNCIO-PINTO, Maria Paula; VIEIRA, Marta Neves Campanelli Marçal. Planejamento educacional. **Medicina (Ribeirão Preto)**, São Paulo, v. 47, n. 3, p. 280-283, jul./set. 2014. Disponível em:

http://revista.fmrp.usp.br/2014/vol47n3/5_Planejamento%20educacional.pdf. Acesso em: 13 dez. 2017.

RIBEIRO, Grace Kelly Naves de Aquino; IWAMOTO, Helena Hemiko; CAMARGO, Fernanda Carolina; ARAÚJO, Maria Rizeide Negreiros de. Profissionais de Enfermagem habilitados para o mercado de trabalho em Minas Gerais. **Revista Mineira de Enfermagem – REME**, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 15-20, jan./mar. 2014. Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/905>. Acesso em: 28 jan. 2018.

RODRIGUES, Rosa Maria; CONTERNO, Solange de Fátima Reis; GUEDES, Giovanna Carolina. Formação na Graduação em Enfermagem e impacto na atuação Profissional na perspectiva de egressos. **Interfaces da Educação**, Paranaíba, MS, v.6, n.17, p.26-43. 2015. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/744>. Acesso em: 18 jul. 2018.

ROLIM, Karla Maria Carneiro; BEZERRA, Maria Gorete Andrade; MOREIRA, Vlândia Teles; RODRIGUES, Maria Socorro Pereira. Pós-graduação e impactos na vida profissional. *Northeast Network Nursing Journal*, Fortaleza, CE, v. 4, n. 1, p. 63-70, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/viewFile/5651/4061>. Acesso em: 26 jan. 2018.

SACRISTÁN, José Gimeno. O currículo: uma reflexão sobre a prática. 3. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SANTOS, Sueli Maria dos Reis; JESUS, Maria Cristina Pinto de; FIGUEIREDO, Mariangela Aparecida Gonçalves; OLIVEIRA, Deíse Moura de; PEREIRA, Fernanda de Oliveira; GAVA, Grazielli Fabiana. A Percepção do enfermeiro graduado na década de 1990, sobre o seu processo de formação. **Revista Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 547-551, out./dez. 2011. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v19n4/v19n4a07.pdf>. Acesso em: 21 set. 2017.

SANTOS, Sérgio Valverde Marques dos; RIBEIRO, Michelly Esteves; MOTTA, Ana Letícia Carnevalli Motta; SILVA, Luciana Jerônimo de Almeida; RESCK Zélia Marilda Rodrigues; TERRA Fabio de Souza. Buildingk now ledge in nursing: a reflective theore ticaland Methodological approach for nurses training. **Journal of Nursing UFPE online**, Recife, v. 10, n. 1, p. 172-8, jan. 2015. Disponível em: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/viewFile/8446/pdf_9375. Acesso em: 15 nov. 2017.

SCHERER, Zeyne Alves Pires; SCHERER, Edson Arthur. Identificação dos pilares da educação na disciplina integralidade no cuidado à saúde. **Revista Escola de Enfermagem da USP**, Ribeirão Preto, SP, v. 46, n. 4, p. 985-993, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v46n4/29.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2017.

SILVA, Adriana Freire da; LOS, Dayvid Evandro da Silva; LOS, Djalma Rodolfo da Silva. Web 2.0 e Pesquisa: Um Estudo do Google Docs em Métodos Quantitativos. In: RENOTE. **Revista Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre, RS, v. 9, p.1-10, 2011. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/25141>. Acesso em: 17 jan. 2017.

SILVA, Elizabete Farias Lima; MENEZES, Harlon França de; RUFINO, Cleide Gonçalo; VIANA, Ligia de Oliveira; ROSAS, Ann Mary Machado Tinoco Feitosa; MESSIAS, Claudia Maria. Perfil do egresso do curso de graduação em enfermagem: revisão integrativa. **Revista de enfermagem UFPE online**. Recife, v. 10, n. 3, p. 1483-1497, abr. 2016. Disponível em: http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/8582/pdf_10082 Acesso em: 11 mai. 2017.

SILVA, Kênia Lara; SENA, Roseni Rosângela de; TAVARES, Tatiana Silva; MAAS, Lucas Wan der. Expansão dos cursos de Graduação em Enfermagem e mercado de trabalho: reproduzindo desigualdades? **Revista Brasileira de Enfermagem – REBEn**. Brasília, DF, v. 65, n. 3, p. 406-413, mai./jun.2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672012000300003. Acesso em: 25 jan. 2018.

SOUZA, Leonardo Lemos de; ARAÚJO, Derly Borges; SILVA, Daiara Souza; BÊRREDO, Valeria Cristina Menezes. Representações de gênero na prática de enfermagem na perspectiva de estudantes. **Revista Ciências & Cognição**. Rio de Janeiro, RJ, v. 19, n. 2, p. 218-232. 2014. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/908>. Acesso em: 25 jan. 2018.

SOUZA, Maria de Fátima Arruda; FILIPAK, Sirley Terezinha. Construindo o Projeto Pedagógico no ensino superior: a visão dos sujeitos. **Revista Diálogo Educacional – PUCPR**, Curitiba, v. 2, n.4, p. 95-103, jul./dez. 2001. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/3898>. Acesso em: 03 nov. 2017.

TEIXEIRA, Elizabeth. Em tempos de novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o curso de graduação em Enfermagem. **Revista de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria – REUFMSM**, Santa Maria, RS, v. 7, n. 2, p. 03-04, abr./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/28859/pdf>. Acesso em: 02 fev. 2018.

TEIXEIRA, Elizabeth; FERNANDES, Josicelia Dumêt; ANDRADE, Andréia de Carvalho; SILVA, Kênia Lara; ROCHAV, Maria Eliane Martins Oliveira da; LIMA, Raquel Josefina de Oliveira. Panorama dos cursos de graduação em enfermagem no Brasil na década das diretrizes Curriculares Nacionais. **Revista Brasileira de Enfermagem - REBEn**. Brasília, DF, v. 66, n. esp., p. 102-110. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672013000700014. Acesso em: 25 jan. 2018.

TOLEDO, Josefar Reis de; SANTOS, Tânia Cristina Franco; ARAÚJO, Maria Aparecida de; ALMEIDA FILHO, Antônio José de. Emblemas e Rituais: reconstruindo a história da Escola de Enfermagem Hermantina Beraldo. **Escola Anna Nery- Revista de Enfermagem**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 243-250. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141481452008000200007&script=sci_abstract&tlng=p t Acesso em: 20 set. 2017.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2008.

UNESCO. Educação, um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 1. Ed. Brasília: UNESCO, 2010.

Universidade Federal de Juiz de Fora. Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora. Projeto Político Pedagógico do Bacharelado em Enfermagem. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014. Disponível em: <http://www.ufjf.br/enfermagem/files/2010/06/PPC-ENFERMAGEM GRADUA%C3%87%C3%83O-2014.pdf>. Acesso em: 09 mai. 2017.

Universidade Federal de Juiz de Fora. Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora. Projeto Político Pedagógico e Estágio curricular e extracurricular do Bacharelado em Enfermagem. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010. Disponível em: <http://www.ufjf.br/enfermagem/files/2010/08/PROJETO-PEDAGOGICO.pdf>. Acesso em: 09 mai. 2017.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Projeto político-pedagógico: novas trilhas para a escola. In: VEIGA, I.P.A.; FONSECA, M. (Org.). Dimensões do projeto político-pedagógico: novos desafios para a escola. Campinas: Papirus, 2001.

VIANA, Ana Luiza d'Ávila; SILVA, Hudson Pacífico da. Saúde e desenvolvimento no Brasil: argumentos para promover a cidadania em tempos difíceis. **Revista Planejamento e Políticas Públicas (PPP)**, Brasília, DF, v. 49, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/view/955>. Acesso em: 26 jan. 2018.

VIEIRA, Maria Aparecida; SOUZA, Luís Paulo Souza e; OHARA, Conceição Vieira da Silva; DE DOMENICO, Edvane Birelo Lopes. Avaliação com egressos da graduação em Enfermagem: publicações nacionais entre 2001-2011. **História da Enfermagem: Revista Eletrônica – HERE**, Brasília, DF, v. 5, n. 1, p. 35-56, jan./jul. 2014. Disponível em: <http://www.abennacional.org.br/centrodememoria/here/vol5num1artigo4.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2018.

VIEIRA, Maria Aparecida; DE DOMENICO, Edvane Birelo Lopes. Construção e validação de instrumento para a avaliação de egressos de cursos de graduação em enfermagem. 2014. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Escola Paulista de Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP, 2014.

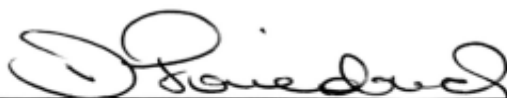
VIEIRA, Maria Aparecida; OHARA, Conceição Vieira da Silva; DE DOMENICO, Edvane Birelo Lopes. The construction and validation of na instrument for the assessment of graduates of under graduate nursing courses. **Revista Latino-Americana em Enfermagem**. Ribeirão Preto, SP, v. 24, n.27, p. 2-8. 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/rlae/article/view/117391/0>. Acesso em: 15 nov. 2017.

APÊNDICE A - DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA E INFRAESTRUTURA

DECLARAÇÃO

Eu **Denise Barbosa de Castro Friedrich**, na qualidade de **Diretora da Faculdade de Enfermagem da UFJF**, autorizo a realização de a pesquisa intitulada **Perfil dos Egressos da Faculdade de Enfermagem da UFJF: competências, habilidades e inserção no mercado de trabalho** a ser conduzida sob a responsabilidade do pesquisador **Fábio da Costa Carbogim**; e DECLARO que esta instituição apresenta infraestrutura necessária à realização da referida pesquisa. Esta declaração é válida apenas no caso de haver parecer favorável do Comitê de Ética da UFJF para a referida pesquisa.

Juiz de Fora, 23 de março de 2017.



Assinatura e Carimbo

Prof. Dra. Denise B. de Castro Friedrich
DIRETORA DA FACULDADE
DE ENFERMAGEM - UFJF
COREN-MG 024.033

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PESQUISA: Egressos de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora: competências e inserção profissional.

Prezado (a) Participante,

Este questionário tem por finalidade analisar as competências dos egressos da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora – FACENF/UFJF, formados no período de 2005 a 2017, inseridos no mundo do trabalho, tendo as Diretrizes Curriculares Nacionais de Enfermagem como referencial.

Esta pesquisa faz parte de um projeto de Dissertação realizado pela enfermeira Amanda Conrado Silva Barbosa, mestranda no Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Enfermagem pela Universidade Federal de Juiz de Fora, sob orientação do Professor Doutor Fábio da Costa Carbogim.

Suas respostas, juntamente com as respostas dos outros participantes serão agrupadas e analisadas através de procedimentos estatísticos. Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em sentir incômodo ou constrangimento em responder as perguntas da entrevista ou sentir-se impelido a participar do estudo. A pesquisa possibilitará ampliação do conhecimento sobre a temática e contribuirá para os resultados desta e futuras pesquisas. Além disso, poderá fornecer dados que possibilitarão orientação para o direcionamento dos Programas Pedagógicas de Cursos futuros.

Para participar deste estudo o Sr (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o Sr. (a) tem assegurado o direito a indenização. O Sr. (a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Por ser um questionário online, o (a) participante poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Sr. (a) é atendido (a). O pesquisador tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

O (A) Sr (a) não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar danos. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos, e após esse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução N° 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

Para qualquer outra informação, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável: Fábio da Costa Carbogim, no endereço: Faculdade de Enfermagem. Rua José Lourenço Kelmer, S/n – Martelos, CEP: 36036-330 / Juiz de Fora – MG, pelo telefone (32) 988327228 ou pelo *email*:fabiocarbogim@gmail.com.

O questionário completo demandará entre 15 a 25 minutos de seu tempo. Para participar, leia e escolha a opção “Li e concordo com os termos” para iniciar o questionário, ou “Li e não concordo com os termos” para encerrar sua participação.

TERMO DE CONSENTIMENTO

- Li e concordo com os termos de participação.
- Li e não concordo com os termos de participação.

ANEXO A – TERMO DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UFJF



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: Perfil dos Egressos da Faculdade de Enfermagem da UFJF: competências, habilidades e inserção no mercado de trabalho.

Pesquisador: Fábio da Costa Carbogim

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 66674917.5.0000.5147

Instituição Proponente: Faculdade de Enfermagem

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.253.442

Apresentação do Projeto:

Apresentação do projeto está clara, detalhada de forma objetiva, descreve as bases científicas que justificam o estudo, estando de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466/12 de 2012, item III.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Traçar o perfil dos egressos da Faculdade de Enfermagem de uma Universidade Pública Federal de Juiz de Fora no período de 2007 a 2017 de acordo com inserção no mercado de trabalho e as habilidades e competências dispostas nas Diretrizes Curriculares Nacionais de Enfermagem.

Objetivo Secundário:

Identificar como se deu a inserção desses egressos no mercado de trabalho; Identificar as facilidades e dificuldades encontradas para inserção no mercado de trabalho. Apreender as habilidades e competências do egresso nessa faculdade de enfermagem no mundo do trabalho a partir dos preceitos das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Enfermagem.

Os Objetivos da pesquisa estão claros bem delineados, apresenta clareza e compatibilidade com a proposta, tendo adequação da metodologia aos objetivos pretendido, de acordo com as

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N	CEP: 36.036-900
Bairro: SAO PEDRO	
UF: MG	Município: JUIZ DE FORA
Telefone: (32)2102-3788	Fax: (32)1102-3788
	E-mail: cep.propesq@uff.edu.br



Continuação do Parecer: 2.253.442

atribuições definidas na Norma Operacional CNS 001 de 2013, item 3.4.1 - 4.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos envolvidos na pesquisa consistem em sentir incômodo ou constrangimento em responder as perguntas da entrevista ou sentir-se impelido a participar do estudo. Por esse motivo, por ser um questionário online, a qualquer momento o participante poderá interromper ou cancelar a entrevista. No sentido de atenuar os riscos o pesquisador garantirá o sigilo sobre a identificação e as informações fornecidas ou não pelo participante. Serão estabelecidas técnicas de anonimato e garantida a possibilidade de interrupção ou cancelamento da entrevista e/ou dados fornecidos. Como benefício pretende-se possibilitar ampliação do conhecimento sobre a temática e contribuindo para os resultados desta e futuras pesquisas. Além disso, a pesquisa poderá fornecer dados que possibilitarão orientação para o direcionamento dos Programas Pedagógicas de Curso futuros. Riscos e benefícios descritos em conformidade com a natureza e propósitos da pesquisa. O risco que o projeto apresenta é caracterizado como risco mínimo e benefícios esperados estão adequadamente descritos. A avaliação dos Riscos e Benefícios está de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466/12 de 2012, itens III; III.2 e V.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto está bem estruturado, delineado e fundamentado, sustenta os objetivos do estudo em sua metodologia de forma clara e objetiva, e se apresenta em consonância com os princípios éticos norteadores da ética na pesquisa científica envolvendo seres humanos elencados na resolução 466/12 do CNS e com a Norma Operacional Nº 001/2013 CNS.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O protocolo de pesquisa está em configuração adequada, apresenta FOLHA DE ROSTO devidamente preenchida, com o título em português, identifica o patrocinador pela pesquisa, estando de acordo com as atribuições definidas na Norma Operacional CNS 001 de 2013 item 3.3 letra a; e 3.4.1 item 16. Apresenta o TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO em linguagem clara para compreensão dos participantes, apresenta justificativa e objetivo, campo para identificação do participante, descreve de forma suficiente os procedimentos, informa que uma das vias do TCLE será entregue aos participantes, assegura a liberdade do participante recusar ou retirar o consentimento sem penalidades, garante sigilo e anonimato, explicita riscos e desconfortos esperados, indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa, contato do pesquisador e do CEP e informa que os dados da pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador pelo período de cinco anos, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N
Bairro: SAO PEDRO **CEP:** 36.036-900
UF: MG **Município:** JUIZ DE FORA
Telefone: (32)2102-3788 **Fax:** (32)1102-3788 **E-mail:** cep.propesq@ufjf.edu.br



Continuação do Parecer: 2.253.442

466 de 2012, itens: IV letra b; IV.3 letras a,b,d,e,f,g e h; IV. 5 letra d e XI.2 letra f. Apresenta o INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS de forma pertinente aos objetivos delineados e preserva os participantes da pesquisa. O Pesquisador apresenta titulação e experiência compatível com o projeto de pesquisa, estando de acordo com as atribuições definidas no Manual Operacional para CPEs. Apresenta DECLARAÇÃO de infraestrutura e de concordância com a realização da pesquisa de acordo com as atribuições definidas na Norma Operacional CNS 001 de 2013 item 3.3 letra h.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, a emenda ao projeto está aprovada, pois está de acordo com os princípios éticos norteadores da ética em pesquisa estabelecido na Res. 466/12 CNS e com a Norma Operacional N° 001/2013 CNS. Data prevista para o término da pesquisa: março de 2018.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UFJF, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 466/12 e com a Norma Operacional N°001/2013 CNS, manifesta-se pela APROVAÇÃO a emenda ao protocolo de pesquisa proposto, a qual solicita a substituição do antigo instrumento de coleta de dados por outro mais completo e validado, e a inclusão de Amanda Conrado Silva Barbosa na equipe da pesquisa. Vale lembrar ao pesquisador responsável pelo projeto, o compromisso de envio ao CEP de relatórios parciais e/ou total de sua pesquisa informando o andamento da mesma, comunicando também eventos adversos e eventuais modificações no protocolo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_967266 E1.pdf	31/08/2017 09:52:30		Aceito
Outros	InstumentoColetadedados.docx	26/07/2017 15:14:13	Fábio da Costa Carbogim	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEegressos.docx	23/03/2017 09:53:37	Fábio da Costa Carbogim	Aceito
Cronograma	CronogramaCEP.docx	23/03/2017	Fábio da Costa	Aceito

Endereço: JOSE LOURENCO KELMER S/N
 Bairro: SAO PEDRO CEP: 36.036-900
 UF: MG Município: JUIZ DE FORA
 Telefone: (32)2102-3788 Fax: (32)1102-3788 E-mail: cep.propesq@ufjf.edu.br



Continuação do Parecer: 2.253.442

Cronograma	CronogramaCEP.docx	09:44:46	Carbogim	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoCEP.docx	23/03/2017 09:36:36	Fábio da Costa Carbogim	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	decaracaoinfraestrutura.pdf	23/03/2017 09:22:14	Fábio da Costa Carbogim	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	23/03/2017 09:21:20	Fábio da Costa Carbogim	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JUIZ DE FORA, 01 de Setembro de 2017

Assinado por:
Patrícia Aparecida Fontes Vieira
(Coordenador)

ANEXO B - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

INSTRUMENTO PARA A AVALIAÇÃO DE EGRESSOS DE CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

Caro Egresso do Curso de Graduação em Enfermagem

Este questionário é sobre as suas experiências, tanto a estudantil quanto profissional. Há itens diversos: sobre sua identificação, inserção no mundo do trabalho e avaliação do processo de formação em Enfermagem. Convidamos você para participar e responder a todas as questões. Se não tiver certeza sobre que resposta dar a uma questão, por favor, escolha entre as alternativas a que lhe parecer mais apropriada.

DIMENSÃO 1

CARACTERIZAÇÃO DO EGRESSO

IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____

• Nacionalidade: _____

• Município: _____ UF: _____

• *E-mail*: _____

• Etnia: [] Amarelo

[] Branco

[] Indígena

[] Negro

[] Pardo

[] Não desejo declarar

• Sexo: [] Masculino

[] Feminino

• Ano de Nascimento: _____

• Ano/Semestre de conclusão do Curso de Graduação em Enfermagem: _____

- Se você participou, no decorrer do Curso de Enfermagem, de algumas das atividades descritas, assinalar em qual (ais):
 - Iniciação Científica
 - Projeto e ou Programa de Extensão Universitária
 - Ligas Acadêmicas
 - Estágio extra- curricular
- Assinale sua titulação máxima relacionada à escolaridade:
 - Graduação em Enfermagem
 - Graduação com Licenciatura em Enfermagem
 - Especialização Lato-sensu Sim
 Em andamento

Se sim, qual/quais? _____

Citar ano de conclusão: _____ (04 dígitos)
- Mestrado Acadêmico: Sim
 Em andamento

Se sim, citar Ano de conclusão: _____ (04 dígitos)
- Mestrado Profissional: Sim
 Em andamento

Se sim, citar Ano de conclusão: _____ (04 dígitos)
- Doutorado: Sim
 Em andamento

Se sim, citar Ano de conclusão: _____ (04 dígitos)
- Possui Pós-doutoramento: Sim
 Não
 Em andamento

Se sim, citar Ano de conclusão: _____ (04 dígitos)
- Possui formação anterior na área da Enfermagem?

Se sim, assinalar: Auxiliar de Enfermagem
 Técnico de Enfermagem

DIMENSÃO 2

INSERÇÃO NO MUNDO DO TRABALHO

1. Você, como enfermeiro (a), possui emprego na área da Enfermagem?

Marcar a opção que se aplica à sua situação. Poderá assinalar mais de uma alternativa, se necessário.

[a] Sim, em uma única instituição.

[b] Sim, em mais de uma instituição. Quantas? _____

[c] Não, pois estou desempregado (a).

[d] Não, pois trabalho em outra área/profissão.

Especifique qual: _____

[e] Não, pois trabalho na área da Enfermagem como autônomo.

Caso esteja DESEMPREGADO (A) atualmente, siga para a QUESTÃO 10

2. Com quanto tempo de formado conseguiu seu primeiro emprego como enfermeiro (a)?

[a] Até 6 meses de formado.

[b] Mais de 6 meses a 1 ano de formado.

[c] Mais de 1 a 3 anos de formado.

[d] Mais de 3 a 5 anos de formado.

[e] Mais de 5 anos de formado.

3. Assinale como conseguiu ingressar no emprego atual como enfermeiro (a). Poderá assinalar mais de uma alternativa, se necessário.

[a] Concurso público.

[b] Processo seletivo.

[c] Contato direto com a instituição.

[d] Indicação de profissionais da área.

[e] Indicação de amigos/parentes.

[f] Outros.

4. Como enfermeiro (a), qual a carga horária total semanal de trabalho no seu emprego? Por favor, somar as cargas horárias, se tiver mais de um emprego.

[a] Até 20 horas.

[b] De 21 a 36 horas.

[c] De 37 a 44 horas.

[d] De 45 a 60 horas.

[e] Acima de 61 horas

5. Qual sua renda mensal líquida com o(s) trabalho(s) que exerce como enfermeiro (a)?

[a] Até 2 salários mínimos.

[b] Mais de 2 a 4 salários mínimos.

[c] Mais de 4 a 7 salários mínimos.

[d] Mais de 7 a 10 salários mínimos.

[e] Acima de 10 salários mínimos.

6. Assinale o vínculo profissional que você possui como enfermeiro (a). Poderá assinalar mais de uma alternativa, se necessário.

[a] Assalariado (a).

[b] Profissional autônomo.

[c] Empregador (a).

[d] Consultor (a).

[e] Outro. Especifique: _____

7. Em relação a seu emprego atual como enfermeiro (a), assinale em que área você atua. Poderá assinalar mais de uma alternativa, se necessário.

[a] Gerência.

[b] Assistência.

[c] Educação.

[d] Pesquisa.

[e] Consultoria ou Assessoramento.

[f] Outra. Especifique: _____

8. Qual a natureza da instituição onde exerce seu emprego como enfermeiro (a)? Poderá assinalar mais de uma alternativa, se necessário.

a) [] Pública.

b) [] Particular/ Privada.

c) [] Filantrópica.

d) [] Mista.

e) [] Própria.

f) [] Outra. Especifique: _____

DIMENSÃO 3

AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

INSTRUÇÕES

Considerando esta prerrogativa, leia e responda ao questionário a seguir, circulando ao redor do número da escala que melhor indicar a sua percepção em relação ao item perguntado. Faça apenas um círculo por item perguntado.

USE OS CÓDIGOS

1. [] Concordo totalmente.
2. [] Concordo.
3. [] Nem concordo, nem discordo.
4. [] Discordo.
5. [] Discordo totalmente.

1. O Curso de Graduação em Enfermagem preparou você para exercer atividades profissionais inerentes à sua área de atuação para ser capaz de:

Competências	Escala Likert				
	1	2	3	4	5
1.1 No processo de saúde-doença, se responsabilizar pela qualidade da assistência/cuidado de enfermagem em seus diferentes níveis de atenção à saúde, com ações de promoção, prevenção, proteção e reabilitação, na perspectiva da integralidade da assistência.	1	2	3	4	5
1.2 Prestar cuidados de enfermagem compatíveis com as diferentes necessidades apresentadas pelo indivíduo e pela família.	1	2	3	4	5
1.3 Atuar nos programas de assistência integral à Saúde do Homem.	1	2	3	4	5
1.4 Atuar nos programas de assistência integral à Saúde da Mulher.	1	2	3	4	5
1.5 Atuar nos programas de assistência integral ao Recém-Nascido.	1	2	3	4	5
1.6 Atuar nos programas de assistência integral à Saúde da	1	2	3	4	5

Criança e do Adolescente.

1.7 Atuar nos programas de assistência integral à Saúde do Adulto. 1 2 3 4 5

1.8 Atuar nos programas de assistência integral à Saúde do Idoso. 1 2 3 4 5

1.9 Utilizar referenciais teóricos e metodológicos, com ênfase no Processo de Enfermagem e na Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE). 1 2 3 4 5

2. O Curso de Graduação em Enfermagem instrumentalizou você para assistir o ser humano na sua integralidade e, assim, ser capaz de:

2.1 Atuar de forma a garantir a integralidade da assistência, entendida como conjunto articulado e contínuo das ações e serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso, em todos os níveis de complexidade do sistema. 1 2 3 4 5

2.2 Tomar decisões e intervir sobre os problemas de saúde e de enfermagem diagnosticados. 1 2 3 4 5

2.3 Promover estilos de vida saudáveis e conciliar as necessidades tanto dos seus usuários quanto as de sua população adstrita, reconhecendo-se como agente de transformação social. 1 2 3 4 5

3. O Curso de Graduação em Enfermagem fundamentou você acerca das questões éticas ao exercício da profissão para ser capaz de:

3.1 Respeitar os princípios éticos, legais e humanísticos da profissão. 1 2 3 4 5

3.2 Gerenciar o processo de trabalho em enfermagem com princípios de Ética e de Bioética. 1 2 3 4 5

3.3 Respeitar a privacidade do usuário, assegurando sigilo e segurança da informação adquirida em situação profissional. 1 2 3 4 5

3.4 Cumprir as Normas dos Conselhos Federal e Regionais de Enfermagem. 1 2 3 4 5

4. O Curso de Graduação em Enfermagem preparou você técnica e cientificamente para ser capaz de:

4.1 Planejar e/ou participar de pesquisas e/ou outras formas de produção do conhecimento que objetivem a qualificação da prática profissional.	1	2	3	4	5
4.2 Aplicar os princípios da Prática Baseada em Evidências (PBE) no exercício profissional.	1	2	3	4	5

5. O Curso de Graduação em Enfermagem incentivou o exercício da cidadania para você ser capaz de:

5.1 Reconhecer o papel social do(a) enfermeiro(a) para atuar em atividades políticas e de planejamento em saúde.	1	2	3	4	5
5.2 Coordenar o processo de cuidar em enfermagem, considerando as atividades próprias da profissão.	1	2	3	4	5

6. O Curso de Graduação em Enfermagem preparou você para desenvolver atividades de Educação em Saúde e ser capaz de:

6.1 Atuar como sujeito no processo de formação de recursos humanos no nível superior, com titulação exigida pela legislação, e nível técnico.	1	2	3	4	5
6.2 Planejar, implementar e participar de programas de Educação Permanente dos trabalhadores de enfermagem e de saúde.	1	2	3	4	5
6.3 Planejar, implementar e avaliar programas de educação e promoção à saúde, considerando a especificidade dos usuários, famílias e população.	1	2	3	4	5

7. O Curso de Graduação em Enfermagem preparou você para trabalhar em equipe e ser capaz de:

7.1 Coordenar as atividades da equipe de enfermagem.	1	2	3	4	5
7.2 Administrar conflitos entre os membros da equipe de enfermagem e multiprofissional.	1	2	3	4	5

8. O Curso de Graduação em Enfermagem forneceu subsídios para você realizar

atividades de gestão em saúde e ser capaz de:

8.1 Participar da gestão do processo de trabalho em saúde.	1	2	3	4	5
8.2 Cooperar com a equipe de enfermagem e multiprofissional.	1	2	3	4	5
8.3 Conduzir e ou participar das análises de custo efetividade, custo benefício e custo utilidade de produtos e procedimentos em saúde.	1	2	3	4	5